

BENDITO SEJA O SEU
NOME

Barbara Oleynick

Copyright © 2025 Barbara Oleynick
Todos os direitos reservados.
Impresso nos Estados Unidos.
ISBN: 979-8-34-983684-8

DEDICATÓRIA

À Mãe de Todos. A todos aqueles que sabem que no final Seu Imaculado Coração triunfará.

Table of Contents

Prefácio	7
Capítulo Um.....	10
A Imaculada Conceição	10
Capítulo Dois	17
As Entranhas Do Inferno	17
Capítulo Três.....	21
O Nascimento De Maria	21
Capítulo Quatro.....	27
O Ensinamento De Maria.....	27
Capítulo Cinco	31
O Templo	31
Capítulo Seis	40
A Morte De Joaquim.....	40
Capítulo Sete.....	44
As Profundezas Do Inferno.....	44
Capítulo Oito.....	51
A Morte De Ana	51
Capítulo Nove	54
Maria Atinge A Maioridade.....	54
Capítulo Dez	56
O Noivado De Maria E José	56
Capítulo Onze	58
Os Instantes Da Criação.....	58
Capítulo Doze	63
Bendita És Tu Entre As Mulheres.....	63
Capítulo Treze.....	68
Revelação A José	68
Capítulo Quatorze	74
A Viagem Para Belém	74

O Nascimento De Cristo	83
Capítulo Dezesesseis.....	90
A Apresentação.....	90
Capítulo Dezesete.....	98
Viagem Ao Egito	98
Capítulo Dezoito.....	109
O Menino Jesus.....	109
Capítulo Dezenove.....	115
O Retorno A Nazaré	115
Capítulo Vinte.....	120
Pregando No Templo.....	120
Capítulo Vinte E Um	128
Jesus Da Adolescência Ao Homem	128
Capítulo Vinte E Dois.....	132
A Morte De José	132
Capítulo Vinte E Três	137
Sua Vida Pública Se Aproxima	137
Capítulo Vinte E Quatro	141
O Sacrificio De Uma Mãe	141
CAPÍTULO VINTE E CINCO	146
O BATISMO DE JESUS	146
CAPÍTULO VINTE E SEIS.....	148
A TENTAÇÃO DE JESUS	148
CAPÍTULO VINTE E SETE.....	153
OS DISCÍPULOS DE CRISTO	153
Capítulo Vinte E Oito	155
Os Milagres Públicos De Cristo.....	155
CAPÍTULO VINTE E NOVE	162
O MINISTÉRIO CRESCENTE.....	162
CAPÍTULO TRINTA	164
A TRANSFIGURAÇÃO	164

CAPÍTULO TRINTA E UNA.....	166
A ÚLTIMA CEIA.....	166
CAPÍTULO TRINTA E DOIS.....	171
A TRISTEZA DE MARIA.....	171
CAPÍTULO TRINTA E TRES.....	173
O CAMINHO PARA O CALVÁRIO	173
CAPÍTULO TRINTA E QUATRO.....	178
A RESSURREIÇÃO.....	178
CAPÍTULO TRINTA E CINCO	180
A ASCENSÃO DE CRISTO	180
Capítulo Trinta E Seis.....	183
O Pentecostes.....	183
Capítulo Trinta E Sete.....	186
A Batalha Do Bem E Do Mal	186
Capítulo Trinta E Oito	192
O Credo Dos Apóstolos	192
Capítulo Trinta E Nove.....	198
A Morte De James	198
Capítulo Quarenta.....	200
Libertando Pedro.....	200
Capítulo Quarenta E Um.....	206
Os Evangelhos	206
Capítulo Quarenta E Dois.....	210
A Morte Do Nosso Amado	210
Capítulo Quarenta E Três.....	216
A Ascensão De Maria	216
Notas Do Autor.....	222

PREFÁCIO

Bendito seja o Seu Nome é uma adaptação em prosa de um roteiro "inspirado" escrito por Barbara Oleynick em 2000. É baseado nos escritos espirituais de Maria de Jesus de Ágreda, uma devota freira franciscana de Ágreda, Espanha, comumente conhecida como Maria de Ágreda. (1602–1665) Nascida em uma família dedicada a Deus — sua mãe e ela entraram para o convento em janeiro de 1619, enquanto seu pai e dois irmãos se tornaram frades franciscanos — ela foi inesperadamente feita abadessa aos vinte e cinco anos por dispensa papal. Morrendo com uma reputação de santidade, sua causa de canonização foi introduzida apenas sete anos depois, em 21 de junho de 1672, pela Congregação dos Ritos na Corte da Espanha.

Sua proeminência duradoura não decorre apenas de sua vida santa, mas de sua obra, *La Mística ciudad de Dios, história divina de la Virgin, Madre de Dios* (“A Cidade Mística de Deus”). Concebida em 1627, nove anos após ingressar no convento, foi iniciada a mando de seu confessor e as primeiras 400 páginas foram produzidas em apenas vinte dias. Embora ela

inicialmente tenha procurado suprimir sua publicação, uma cópia foi enviada a Filipe IV - que há muito tempo havia demonstrado interesse nela. Mais tarde, seguindo as instruções de outro confessor, ela queimou todos os seus escritos, apenas para reiniciar a obra em 1655 e concluí-la em 1660; foi impressa postumamente em Madri em 1670.

Alegando registrar revelações divinas, *The Mystical City* detalha os mistérios da Vida Divina e Morte da Virgem Maria, celebrada como Mãe da Humanidade e Rainha do Céu. Originalmente um texto espanhol de 4000 páginas dividido em quatro volumes, foi posteriormente traduzido para o alemão em 1885 pelos Padres Redentoristas. Inspirado pela edição alemã, o padre de Chicago, Padre George J. Blatter, aprendeu espanhol para produzir uma tradução para o inglês, publicada pela primeira vez em 1912.

Em setembro de 1999, Barbara começou a desenvolver sua tese na NYU para um musical chamado O Milagre de Fátima. Ao visitar uma livraria católica local, ela teve um encontro fortuito quando A Cidade Mística de Deus literalmente caiu de uma prateleira em seu pé. Impressionada com a obra, ela a leu ao longo do no, frequentemente relendo capítulos do livro de

1.000 páginas. Ela começou a escrever um roteiro, algo que nunca havia feito antes, em 8 de dezembro de 2000, e terminou em 25 de dezembro. Esta nova adaptação narrativa daquele roteiro traz a história e a vida divina da Virgem Mãe de Deus a um público mais amplo. Pois chegou a hora de Ela Triunfar.

CAPÍTULO UM

A IMACULADA CONCEIÇÃO

No ano 25 a.C., a vila de Nazaré vibrava de energia, suas ruas estreitas repletas de mercadores anunciando suas mercadorias e crianças zigzagueando entre a multidão em explosões de riso brincalhonas. O barulho rítmico do martelo de um ferreiro ecoava contra as paredes de pedra, misturando-se à conversa dos vendedores pechinchando preços. O ar estava rico com o aroma de pão quente e recém-assado, misturado ao aroma terroso de especiarias — canela, cominho e cardamomo — derramando-se de cestos de vime. A luz do sol brilhava nos telhados de barro, e o balido distante das cabras se misturava à sinfonia da vida cotidiana, pintando uma cena de uma cidade viva com propósito e tradição.

Um grupo de mulheres vestidas com longas e esvoaçantes túnicas de linho de azuis profundos, vermelhos suaves e cremes naturais terrosos se aglomeraram na praça da vila, suas vozes se entrelaçando em um animado coro de risos e conversas. Elas cercaram duas mulheres mais jovens, ambas grávidas, suas mãos roçando suavemente sobre barrigas arredondadas enquanto murmuravam bênçãos e compartilhavam sorrisos cúmplices. O ar

crepitava de excitação, o calor da irmandade envolvendo-as como um xale reconfortante. A luz do sol dançava em seus rostos, destacando olhos brilhando de antecipação, enquanto o farfalhar rítmico de saias tecidas e o leve aroma de lavanda e figos assados eram carregados pela brisa, marcando o momento como de alegria, esperança e a promessa de uma nova vida.

Um casal mais velho se movia deliberadamente pela multidão agitada, sua presença firme, mas contida. Joaquim, seu corpo ainda forte apesar do peso dos anos, se portava com dignidade silenciosa, suas mãos envelhecidas entrelaçadas atrás das costas enquanto ele acompanhava os passos cuidadosos de sua esposa. Ao lado dele, Ana caminhava com uma graça embotada pela tristeza, seu rosto enrugado sombreado por uma dor profunda demais para palavras. Seus olhos, antes brilhantes com a juventude, agora tinham um olhar distante e melancólico, refletindo fardos carregados em silêncio. As dobras de sua capa em tons de terra tremulavam levemente a cada passo, o tecido gasto, mas digno, muito parecido com a própria mulher.

Ao se aproximarem do grupo de mulheres, Joaquim notou a maneira como o olhar de Ana se demorava nas mulheres grávidas, sua mão instintivamente se movendo para descansar em seu próprio estômago estéril. Ele se inclinou para perto, sua voz um murmúrio gentil.

“Ana... não.”

Ana forçou um sorriso, embora seus olhos traíssem sua dor. *“Joaquim, estou bem. Venha, vamos desejar-lhes tudo de bom. Eles logo receberão presentes maravilhosos de Deus. Quão abençoados eles são!”*

Elas se aproximaram do grupo, e o riso das mulheres vacilou, seus olhos disparando desconfortavelmente para Ana. Ela as cumprimentou com um sorriso caloroso, embora seu coração doesse, suas palavras eram sinceras.

“Você deve dar à luz em breve, Rachel, e você também, Susanna. O que você acha — outro menino para cada um dessa vez? Devo rezar por filhas para você?”

Uma das mulheres, com um tom áspero e cruel, respondeu: *“Você deveria rezar por si mesma, Ana.”*

O grupo irrompeu em gargalhadas, suas vozes cortando o ar como uma faca. Outra mulher, encorajada pela crueldade da primeira, virou-se para Joaquim.

“Joaquim, eu tenho uma adorável irmã mais nova. Ela está pronta e bem madura para lhe dar a criança que você precisa. Nossa lei diz que você pode tomar uma nova esposa se a velha se tornar como um pedaço de terra murcho.”

O maxilar de Joaquim se apertou, mas ele não disse nada. Em vez disso, ele gentilmente guiou

Ana para longe do grupo, seu coração se partindo com o olhar de dor gravado em seu rosto.

As cores vibrantes do dia deram lugar à luz fria e prateada de uma lua cheia. A vila de Nazaré jazia quieta sob o céu estrelado, as casas de pedra projetando longas sombras ao luar até que ele pousou na humilde morada de Joaquim e Ana.

Ajoelhados em oração, suas cabeças abaixadas e mãos entrelaçadas em devoção silenciosa. A sala estava silenciosa, exceto pelo suave murmúrio de suas vozes subindo como incenso aos céus. A voz de Joaquim, firme e reverente, quebrou o silêncio primeiro. Suas palavras eram pesadas tanto de esperança quanto de desejo.

“Pai Todo-Poderoso, continuamos a orar pela vinda do Messias. Aquele que será a salvação da humanidade. Que Sua palavra seja tudo o que o homem conhece e vive. Sua ira é contida em momentos em que parece tão necessária — quão grande é Seu amor por Seus filhos, Senhor. No entanto, eles não temem Seu poder, nem honram a glória de Sua grandeza.”

A voz de Ana se juntou à dele, mais suave, mas não menos fervorosa, suas palavras tremendo com o peso de anos de orações não respondidas. *“Pai Santíssimo, Senhor de todos, contínuo em minha oração para gerar uma criança para que possamos honrar as leis de nossa fé. Esta criança nós dedicaríamos a Ti.*

Oramos para que esta seja a Tua vontade e que seja feita.”

Suas preces permaneciam no ar, uma oferta sagrada de fé e rendição, enquanto a luz bruxuleante de uma única lamparina a óleo lançava suas sombras contra as paredes. Suas preces seriam respondidas de maneiras que nenhum dos dois poderia ter imaginado.

Dez anos se passaram desde que Joaquim e Ana começaram suas orações fervorosas por uma criança. As estações mudaram, e agora a vila estava coberta pela quietude silenciosa do inverno. A paisagem, antes vibrante com o calor do verão, agora estava árida e fria, as árvores nuas e a terra endurecida pela geada. Dentro de sua humilde casa, os anos haviam gravado suas marcas em Joaquim e Ana. Seus rostos carregavam as linhas do tempo, seus cabelos estavam manchados de prata, mas sua fé permanecia inabalável.

Mais uma vez, eles se ajoelharam em oração, suas vozes se elevando em uníssono, um testemunho de sua devoção duradoura. Mas desta vez, enquanto oravam, uma luz repentina e radiante encheu a sala, envolvendo-os em seu brilho. Diante deles apareceu um homem jovem e impressionantemente bonito, sua presença etérea e tangível. Era o anjo Gabriel, sua forma brilhando com luz divina, sua voz gentil, mas autoritária.

“Eu sou Gabriel, enviado pela Santíssima Trindade com esta mensagem: Vocês, Joaquim e Ana, que se mostraram servos devotos, que em contínua oração pela redenção da humanidade e pela vinda do Messias, vieram à Nossa presença e foram ouvidos em Nossa clemência. Assim também foi ouvida sua oração por uma criança. Nossa promessa a vocês, pelo favor de Nossa mão direita, é que vocês receberão o Fruto da Bênção. Ana, embora estéril, conceberá milagrosamente uma filha, a quem daremos o nome de Maria. Ela será abençoada entre as mulheres. Todas as nações a conhecerão como A Abençoada. Pois o amor suavizou o coração do Todo-Poderoso e apressou Suas misericórdias para com o homem. Esta filha será maravilhosa em todos os seus feitos e em toda a sua vida. Desde a infância, que ela seja consagrada a Deus, como vocês prometeram. Ela será eleita, exaltada, poderosa e cheia do Espírito Santo. Pela Conceção da Criança, todo o céu e a terra se alegrarão.

A luz ao redor de Ana ficou ainda mais brilhante, e Gabriel se virou para ela, falando em particular. *“Nós criaremos em você uma obra perfeita, que é o objeto de Nossa Onipotência, e um padrão da perfeição pretendida para Nossos filhos, e a coroa final da criação. Nela, que será livre do pecado, depositamos todas as graças e o bem dados e então perdidos pelo primeiro homem. Você somente saberá que Maria será o*

portal da vida e da salvação para os filhos de Adão.”

Com isso, o anjo Gabriel desapareceu, e a luz que cercava o casal se apagou, deixando-os em um silêncio atordoado.

O inverno deu lugar ao calor suave do fim do verão. Ana, agora visivelmente grávida, trabalhava em seu jardim, suas mãos cuidando das plantas com cuidado. Acima dela, uma brancura fugaz pairava no ar, uma presença indistinta, mas palpável. Ana cantarolava suavemente com o rosto radiante de alegria. Um vizinho que passava parou para cumprimentá-la.

“Não vai demorar muito, não é, Ana?” a mulher perguntou, seu tom caloroso e curioso.

Anne sorriu, apoiando uma mão em sua barriga arredondada. *“O fim do verão ainda está a dois meses de distância.”*

“E o que você acha? Um menino? Uma menina?”

Anne riu suavemente com os olhos brilhando. *“Um milagre na minha idade!”*

CAPÍTULO DOIS

AS ENTRANHAS DO INFERNO

Nas profundezas da terra, as entranhas do inferno ferviam com uma fúria implacável e insaciável. Chamas rugiam como bestas vivas, suas línguas de fogo lambendo a rocha irregular e enegrecida, lançando sombras selvagens e cintilantes que dançavam como almas atormentadas. O próprio solo pulsava com calor, rachado e derretido, escorrendo rios de fogo líquido que esculpiam um caminho através do abismo. O ar estava denso com o fedor acre de enxofre e os ecos de lamentos angustiados, sua tristeza tecida no próprio tecido da extensão infernal. A escuridão pairava nos espaços entre as chamas, não a ausência de luz, mas um vazio consumidor e sufocante, pressionando os condenados como uma mão invisível. Era um lugar de tormento sem fim, onde o tempo perdia o significado e o desespero se agarrava ao ar como uma névoa sufocante, envolvendo-se em torno de tudo.

Lúcifer, sua forma imponente e ameaçadora, andava de um lado para o outro, seus movimentos agitados. De repente, ele jogou a cabeça para trás e soltou um rugido de cortar o coração, sua voz ecoando pelo abismo. Ele abriu a mão, olhando para ela, e a imagem de Ana e sua

vizinha rindo apareceu. Ele viu Ana colocar a mão na barriga grávida, sua alegria inconfundível.

A mão de Lúcifer se fechou em punho e ele soltou um gemido gutural, sua raiva palpável.

Mais tarde, dentro de sua modesta casa, Anne sentou-se perto da janela, seus dedos costurando habilmente uma delicada roupa de bebê. A luz dourada da tarde se derramava através das venezianas de madeira, lançando padrões quentes e salpicados pelo chão de terra. Uma brisa suave agitava o tecido em seu colo, trazendo o leve aroma de alecrim e pão recém-assado. O zumbido silencioso da vida na aldeia chegava de fora — vozes distantes, o balido ocasional de uma cabra — mas dentro dessas paredes, tudo estava calmo, um santuário de devoção silenciosa.

Então, sem aviso, o ar mudou. O calor foi drenado do quarto, substituído por um frio anormal que formigava contra sua pele. A luz suave diminuiu como se o próprio sol recuasse. Um peso se acomodou sobre seu peito, grosso e sufocante. A lamparina a óleo tremeluzente tremeu, sua chama encolhendo, enquanto uma escuridão, mais rica que a sombra, se acumulava no canto mais distante.

E então, ele estava lá.

Lúcifer surgiu, sua presença distorcendo o espaço ao redor dele, uma figura de beleza terrível e pavor consumidor. Seus olhos, como brasas fumegantes, perfuravam-na, e embora seu rosto fosse esculpido com a perfeição de um anjo, estava marcado por algo mais profundo — uma raiva antiga, uma tristeza distorcida em algo

cruel. O próprio ar ao redor dele pulsava com uma força invisível, pressionando-a, ameaçando sufocar a paz que momentos antes enchia o quarto. A agulha de Ana escorregou de seus dedos, esquecida, enquanto ela olhava para o rosto da própria escuridão.

Sua aparência era mais de homem do que de fera, embora sua presença não fosse menos assustadora. Ele começou a repreendê-la, sua voz pingando malícia.

“Olhe para você, uma mulher tão velha e murcha, grávida. E Joaquim é ainda mais velho que você. Não é dele, é? Sua adúltera. Você me agrada. Você, que reza a Deus com tanta piedade, carrega seu pecado em seu ventre.”

Ana caiu de joelhos, chorando, suas mãos instintivamente cobrindo sua barriga para proteger seu filho não nascido. Antes que Lúcifer pudesse soltar uma única palavra, um brilho repentino quebrou a escuridão opressiva. Em um instante, dois seres celestiais desceram, sua presença iluminando a sala com um brilho que desafiava a própria escuridão que vazava da forma do anjo caído.

Um anjo desceu com uma rapidez de tirar o fôlego, suas enormes asas se abrindo como um escudo de luz pura, envolvendo Ana em uma barreira de proteção divina. O ar ao redor dela, antes denso de pavor, agora zumbia com um calor sobrenatural, uma força calmante que afastava o aperto sufocante do mal.

O segundo anjo permaneceu firme, elevando-se diante de Lúcifer com uma presença que irradiava autoridade inabalável. Seus olhos queimavam com o fogo do próprio céu, suas

vestes brilhavam como ouro derretido. Sem hesitação, a voz do anjo soou, rica e autoritária, cada palavra vibrando com o poder do Todo-Poderoso.

"Você não entrará nesta casa novamente ", declarou o anjo, sua voz sacudindo o próprio ar. "Você não vê? Ana é guardada por nós, servos do Senhor. Parta, pois você não tem direito aqui!"

As próprias paredes da casa pareciam vibrar com o peso do pronunciamento. A escuridão recuou, sibilando como uma serpente ferida, e a forma outrora imponente de Lúcifer vacilou, sua fúria encontrou uma força imóvel.

Os olhos de Lúcifer se estreitaram, sua voz cheia de veneno. *"Por que Ele guarda uma mulher tão miserável que carrega uma criança bastarda? Ele raspa o fundo do barril para os crentes."*

A voz do anjo era firme. *"Saia e saiba que Ana nunca está sozinha."*

A forma de Lúcifer começou a se dissipar, mas sua voz permaneceu, um eco arrepiante. *"E eu estou observando."*

Estou sempre observando."

Conforme sua presença desaparecia, sua voz espiralava para o abismo, um lembrete assustador de sua malícia implacável. *"Por que pessoas como essas me perturbam tanto? Acabarei com a vida dela se for preciso. O que for preciso para retornar a um estado de paz."*

CAPÍTULO TRÊS

O NASCIMENTO DE MARIA

Dois meses depois, a vila de Nazaré estava banhada pelo brilho suave da lua cheia, sua luz lançando longas sombras pela paisagem. A noite estava parada, o ar fresco com a promessa do amanhecer. Em uma encosta com vista para a vila, Joaquim ajoelhou-se em oração, sua silhueta austera contra o céu iluminado pela lua. Suas mãos entrelaçadas, sua cabeça abaixada enquanto ele silenciosamente expressava sua gratidão e pedidos.

O suave raio da lua se filtrava em um quarto de sua pequena casa de pedra onde Ana estava deitada em meio ao trabalho de parto. No entanto, diferente dos gritos e lutas usuais do parto, o quarto estava cheio de uma calma sobrenatural. Ana sentou-se ereta, seu rosto sereno, como se não tivesse sido tocada pelas dores do parto. Parteiras se moviam pelo quarto, suas expressões eram uma mistura de admiração e confusão.

“Ana,” uma parteira murmurou, sua voz tingida de admiração, “*eu nunca vi uma coisa dessas. Nenhuma dor. Estranho, não é, irmã?*”

A segunda parteira riu baixinho, embora seus olhos tráissem seu espanto. “*Talvez seja a idade dela. Se eu soubesse que seria tão fácil, eu*

mesma teria esperado. Olha, a criança está saindo.”

Ana, calma e composta, estendeu a mão enquanto a parteira gentilmente colocava o recém-nascido em seus braços. A menina recém-nascida estava enrolada no linho macio preparado para sua chegada, sua forma delicada embalada com o máximo cuidado. No entanto, enquanto ela estava aninhada nos braços de sua mãe, algo além do comum se desdobrou — sua pele parecia brilhar com uma luz que não era deste mundo, um brilho gentil e celestial que somente Ana e os anjos podiam perceber. Brilhava como o primeiro rubor do amanhecer, sutil, mas inegável, uma declaração silenciosa do toque divino em sua vida.

As parteiras, alheias ao brilho celestial, mas sentindo algo extraordinário, trocaram olhares arregalados. Suas mãos, tão acostumadas aos tremores da nova vida, tremeram levemente enquanto contemplavam a criança em silenciosa admiração.

Por fim, a primeira parteira encontrou sua voz, embora fosse pouco mais que um sussurro. *“Uma menina!”* ela respirou, a admiração permeando seu tom. *“Ana, você tem uma filha. Olhe para ela — requintada, impecável. Tão perfeita.”*

A segunda parteira assentiu, seus dedos gentilmente traçando a bochecha macia do bebê. Uma reverência silenciosa se instalou na sala, o

ar denso com algo não dito, mas profundamente sentido. Nenhuma das duas mulheres sabia que o próprio céu havia se inclinado para assistir ao nascimento do bebê que estava destinado a carregar a salvação da humanidade.

Ana embalou a criança perto, seu coração inchando com um amor que transcendia palavras. O quarto parecia brilhar com uma luz suave emanando do coração do bebê, uma presença divina que enchia o espaço com calor e paz. A segunda parteira sorriu, seu tom leve, mas cheio de admiração. *“Bem, parece que você não precisa de gente como nós. Você se saiu muito bem, Ana, muito melhor do que eu imaginava. Venha, irmã, vamos deixar a nova mãe com seu filho. Deus a abençoou, finalmente. Boa noite, Ana.”*

Quando as parteiras abriram a porta para sair, os primeiros sinais do amanhecer pintaram o céu em tons vibrantes de rosa e dourado. A segunda parteira riu suavemente. *“Você quer dizer bom dia. Vamos compartilhar as boas novas com Joaquim!”*

A porta se fechou atrás deles, e o quarto foi novamente banhado pela luz suave do sol nascente. Ana sentou-se sozinha com sua filha recém-nascida, os raios de sol entrando pelas frestas da janela e iluminando a pequena forma da criança. Ana examinou gentilmente seu bebê, tocando seus delicados dedos das mãos e dos pés, maravilhando-se com o milagre que ela segurava

em seus braços. A luz que irradiava do coração da criança parecia ficar mais brilhante, enchendo o quarto com um brilho sagrado.

Tomada pela emoção, Ana abraçou a criança e caiu de joelhos, sua voz tremendo de gratidão e admiração. *“Senhor, Criador de toda a vida e mais poderoso, em Sua infinita sabedoria, Você me deu esta criança. Obrigada. Mas agora devo perguntar, como devo cuidar daquela que somente Você considerou portadora da Palavra Eterna? Como devo lidar com Aquela que será a Mãe do Seu Filho?”*

Uma voz, gentil, mas cheia de autoridade, encheu a sala. *“Você deve cuidar dela externamente como uma mãe cuida de seu filho, sem nenhuma demonstração de reverência, mas mantenha essa reverência internamente.”*

De repente, a sala foi inundada por um brilho além da compreensão terrena. Uma hoste de anjos apareceu, suas formas radiantes brilhando como fogo e pérola, enchendo cada canto da humilde câmara com luz divina. Suas vestes cascadeavam como ouro líquido, suas asas se abrindo em esplendor luminoso, agitando o ar com um sussurro de graça celestial.

Então, como se os próprios céus tivessem se aproximado, uma melodia surgiu — um hino tão puro, tão dolorosamente belo, que as próprias paredes pareciam zumbir com sua ressonância. Suas vozes se entrelaçaram em perfeita harmonia, uma canção de louvor que tremia de

alegria e reverência pela criança recém-nascida, Maria. Era um som não destinado apenas aos ouvidos mortais, mas aos reinos além, uma proclamação aos céus de que alguém escolhido por Deus havia entrado no mundo.

Ana, embalando sua filha, sentiu a música envolvê-la como uma luz quente, seu coração inchando de admiração. O ar tremeluzia como se o tecido entre o céu e a terra tivesse se tornado fino, e naquele momento sagrado, ela sabia — sua filha era abençoada, separada para um destino além da imaginação.

A luz que emanava do coração do bebê ficou mais brilhante, tornando-se um canal através do qual as palavras de Deus eram transmitidas diretamente à criança, que entendia tudo o que estava sendo falado. A voz de Deus ressoava seu amor.

“Meus amados, na terra, o Verbo vos terá como Sua Mãe, sem um pai, como no céu Ele tem um Pai sem uma mãe. Chegou o tempo por Nossa providência para trazer à vida a luz, a criatura em forma humana, livre do pecado, que é esmagar a cabeça da serpente. A hora está próxima, tão abençoada para os mortais, em quem os tesouros de Nossa divindade devem ser abertos, e os portões do céu destrancados. Que agora a raça humana se prepare, pois eles logo receberão o Mestre, o Irmão e o Amigo, pois Ele será o Cordeiro de Deus que tirará os pecados do mundo.”

Então, voltando-se para Gabriel, Deus ordenou: *“Vá para as cavernas do limbo. Diga a Enoque, Elias, aos santos padres e aos justos, que estão esperando lá há milhares de séculos, que a redenção da humanidade está próxima.”* O nascimento de Maria, a Mãe de Deus, ocorreu em 8 de setembro de 14 a.C. Foi o momento que definiu o plano para a salvação do homem.

Com isso, Gabriel desapareceu, sua forma radiante dissolvendo-se no invisível, como uma estrela desaparecendo na vasta extensão do amanhecer. O quarto, embora silencioso mais uma vez, ainda pulsava com o calor persistente de sua presença. Ana, agora sozinha com sua filha recém-nascida, olhou para Maria, seu coração inchando com uma mistura indescritível de amor, admiração e reverência.

Mas ela não estava realmente sozinha.

Os anjos restantes permaneceram próximos, seu brilho etéreo lançando uma luminescência suave pela câmara. Embora não falassem, sua presença era uma proclamação silenciosa — um voto de proteção que se estenderia além deste momento, além desta noite, além do próprio tempo. Eles permaneceram como sentinelas invisíveis, guardiões da criança cujo nome um dia ecoaria através das eras.

Uma brisa suave soprava pelo quarto, trazendo consigo uma sensação de paz, uma garantia silenciosa de que Maria nunca andaria desprotegida.

CAPÍTULO QUATRO

O ENSINAMENTO DE MARIA

Dentro da humilde casa de Joaquim e Ana, a atmosfera estava cheia de calor e amor. O casal, agora pais da recém-nascida Maria, adorava sua filha com terna afeição. Joaquim, sem saber do destino divino de sua filha, a segurou em seus braços como qualquer pai amoroso faria. Maria, embora dotada do poder do intelecto e da fala desde o nascimento, não revelou nada disso aos seus pais. Em vez disso, ela respondeu ao amor deles com sorrisos e toques gentis, suas pequenas mãos alcançando o rosto de Joaquim ou apertando seus dedos.

No silêncio da noite, enquanto seus pais dormiam, Maria se ajoelhava em oração, seus lábios se moviam silenciosamente enquanto ela comungava com o divino. Conforme ela crescia e começava a andar, ela pegava as mãos de sua mãe e seu pai, guiando-os com uma sabedoria silenciosa muito além de sua idade. Ela soltava suas mãos apenas para estender seus dedos minúsculos em direção a uma borboleta, que pousava sobre ela, suas asas delicadas roçando sua bochecha.

Quando Ana guiava a pequena Maria pelas ruas sinuosas da vila, a criança, que mal tinha três anos, frequentemente parava ao ver alguém

necessitado. Com uma determinação silenciosa que desmentia sua tenra idade, Maria gentilmente tirava seu xale macio e cuidadosamente o colocava sobre os ombros de uma figura frágil e doentia encolhida no chão frio. Suas pequenas mãos se moviam com uma gentileza deliberada, como se ela entendesse o peso de seu pequeno gesto. Na hora das refeições, Maria sentava-se com sua modesta porção de comida, seus olhos grandes e inocentes olhando ao redor para aqueles que não tinham nada. Sem hesitar, ela dividia sua refeição, pegando apenas as menores mordidas para si mesma e oferecendo o resto às almas famintas que cruzavam seu caminho. Seus atos altruístas, tão puros e modestos, deixavam uma marca indelével nos corações daqueles que os testemunhavam. Ao dar esmolas aos pobres, ela beijava suas mãos e, quando possível, seus pés, rezando fervorosamente por suas almas. “*Senhor Deus*”, ela sussurrava, “*tenha misericórdia e favor para com os necessitados*”.

Em mais de uma ocasião, Ana encontraria sua filha pequena ajoelhada em oração, suas mãos firmemente entrelaçadas, seu rosto erguido para os céus. As orações de Maria eram cheias de humildade e devoção. “*Deus altíssimo*”, ela dizia, “*não posso louvar-te com a devida dignidade. Não sou nem um vislumbre de Tua glória e magnificência. Devo servir-te bem, meu Senhor, e sei que em breve chegará o momento de deixar este lar. Estou muito pronta e impaciente para entrar em Tua casa e serviço.*”

Peço-te que inspires os corações dos meus pais a cumprir Tua santa vontade, para que eu possa começar a tarefa que me deste.”

Ao mesmo tempo, Ana recebeu uma visão. Ela se viu de volta no momento da concepção de Maria, ajoelhada enquanto o anjo Gabriel entregava a mensagem de Deus. Então, ela se viu levando seu filho ao Templo, onde Maria viveria e seria ensinada por homens e mulheres santos. Joaquim também recebeu a mesma visão. Juntos, eles entenderam o que deveria ser feito.

A visão se tornou realidade. Joaquim e Ana caminharam pelas ruas de Jerusalém, Maria entre eles, suas pequenas mãos entrelaçadas nas deles. Quando o Templo apareceu, Maria soltou suas mãos e caminhou à frente, seus passos firmes e seguros. Eles se ajoelharam em frente ao edifício, oferecendo uma oração devota e fervorosa ao Senhor. Joaquim orou, sua voz pesada de tristeza.

“Senhor Todo-Poderoso, Com muita tristeza, fazemos o que Você pede. Nós devolvemos esta criança a Você. Nossa filha, Sua filha.”

O coração de Ana doeu quando ela acrescentou sua própria oração silenciosa. *“Ela é Sua filha, meu precioso Senhor, e ela levará adiante a Palavra como Você destinou. Tanta piedade e profunda humildade, tão aparentes neste pequeno ser, eu nunca vi antes. Eu a devolvo a Você e rezo para tê-la considerado como Você me instruiu.”*

Maria também orou silenciosamente. *“Querido Pai, sinto tristeza e alegria. Pois deixo dois tão queridos e ternos que meu coração se sente ferido. No entanto, ele bate forte de alegria, pois agora aprenderei a servi-Lo como Você tanto merece.”*

A voz de Deus preencheu o espaço, gentil, mas autoritária. *“Venha, Minha amada, venha ao Meu Templo, e busque o que seu coração tanto deseja.”*

Os três se levantaram, e um padre os levou aos aposentos onde Maria viveria com outras filhas sendo instruídas nos caminhos do Senhor. Quinze degraus levavam à entrada. Outros padres desceram para cumprimentá-las, e um deles pegou a mão de Maria, colocando-a no primeiro degrau. Com sua permissão, Maria se virou e se ajoelhou diante de Joaquim e Ana. Ela pegou cada uma das mãos deles, beijou-as e colocou-as em cada lado do rosto, fechando os olhos. Lágrimas escorriam dos olhos de seus pais, mas nenhuma palavra foi dita. Soltando-os, Maria se virou e subiu os degraus restantes sem ajuda ou olhar para trás. Os anjos que estavam com ela desde o nascimento subiram os degraus ao lado dela. As portas se fecharam atrás de todos eles.

CAPÍTULO CINCO

O TEMPLO

Dentro do Templo, o sacerdote Simeão conduziu Maria até a profetisa Ana, uma de suas mestras, que havia sido iluminada pelo Senhor sobre a providência divina de Maria.

“Irmã Ana”, disse Simeão, “trago-te Maria, filha de Joaquim e Ana de Nazaré”.

Maria caiu de joelhos e beijou a mão de Ana. *“Eu imploro que eu seja levada sob sua santa orientação. Peço suas bênçãos neste dia para minha entrada na casa de Deus.”*

Ana sorriu calorosamente. *“Minha filha, você encontrará em mim uma mãe prestativa. Eu cuidarei de você e de sua educação com toda a consideração possível. Venha, eu lhe mostrarei onde você dormirá e a apresentarei às outras jovens donzelas que vieram aqui também para aprender.”*

Elas caminharam por um corredor estreito até uma sala maior, onde várias meninas, com idades entre cinco e treze anos, estavam reunidas em volta de mesas lendo as escrituras. Elas se levantaram quando Ana e Maria entraram. Maria foi até cada uma delas, pegou suas mãos e as beijou. *“Peço a todas vocês, me ensinem o que sabem. suas bênçãos e permitam que eu as sirva para que eu possa aprender a ser como vocês.”*

A garota de tamanho médio pegou a mão de Maria e a levantou. Os outros a cercaram, cumprimentando-a calorosamente.

Mais tarde naquela noite, Maria foi auxiliada por Ana na preparação para dormir. Depois de ser aconchegada e beijada na testa, Maria esperou até que Ana fosse embora antes de sair da cama. Ela ficou prostrada no chão, beijando o chão.

“Obrigado, meu Senhor, por me convidar e me acolher em Tua casa. Obrigado, terra, por me sustentar e me permitir permanecer neste lugar sagrado. Pois sou indigna de pisar e permanecer nele.”

Ela então se voltou para seus anjos. *“Mensageiros celestiais do Todo-Poderoso, amigos e companheiros mais fiéis, eu imploro a vocês com todos os poderes da minha alma que permaneçam comigo neste sagrado Templo do meu Senhor. Lembrem-me, como os professores e guias das minhas ações, quando eu precisar corrigir meus caminhos, para que eu possa cumprir em todas as coisas a vontade perfeita do Altíssimo, dar prazer aos santos sacerdotes e obedecer ao meu professor e meus companheiros.”*

Aos doze anjos do Apocalipse, ela acrescentou: *“E queridos amigos anjos, se o Todo-Poderoso permitir, vão confortar meus santos pais em seu momento de tristeza”*.

Enquanto os doze anjos partiam para cumprir seu pedido, Maria permaneceu em conversação celestial com os outros. Ao comando interno de Deus, os anjos prepararam a alma de Maria para Sua presença.

O corpo delicado de Maria de repente começou a brilhar, banhado por uma luz radiante e sobrenatural que parecia emanar de dentro. Seu rosto, sereno e luminoso, refletia um êxtase indescritível.

Lentamente, graciosamente, ela foi elevada — corpo e alma — para a imensidão ilimitada do Céu Empíreo, um reino de puro esplendor celestial. Lá, a Santíssima Trindade a esperava, sua presença emanando uma sensação avassaladora de benevolência e alegria. O Pai, o Filho e o Espírito Santo a receberam com calor infinito, sua aprovação divina brilhando como mil sóis. Enquanto Maria estava no meio deles, ela foi completamente transformada, seu ser inundado por uma luz divina que dissolveu todas as limitações terrenas. Naquele momento, ela contemplou a essência da própria divindade — não através de um véu ou sombra, mas intuitivamente, diretamente, face a face. A experiência foi além da compreensão, uma união tão profunda que transcendeu o tempo e o espaço, deixando-a para sempre transformada, radiante e eternamente unida à fonte de toda a criação.

Deus falou com ela. *“Minha pomba, Minha amada, desejo que vejas e entendas os dons ocultos destinados às almas que escolhi como herdeiras. Aquelas que serão resgatadas pelo Cordeiro. Vede quão liberal sou para com Minhas criaturas que Me conhecem e Me amam. Minhas palavras são verdadeiras, Minhas promessas são fiéis àqueles que Me seguem, pois eles não andam na escuridão. Desejo que tu, como Minha escolhida, sejas uma testemunha ocular dos tesouros que retenho em reserva para elevar os humildes, enriquecer os pobres, exaltar os oprimidos e recompensar tudo o que os mortais fizerem e sofrerem por Meu nome.”*

Com profunda humildade, Maria respondeu: *“Altíssimo e Eterno Deus, Tu estás além da compreensão — ilimitado em grandeza e perfeição. Como alguém tão pequeno quanto eu posso ficar*

diante de Tua majestade? Sou indigna até mesmo de olhar para Ti, mas preciso de Tua graça mais do que nunca. Em Tua presença, toda a criação é nada. Cumpra em mim qualquer que seja a Tua vontade.

Se devo suportar provações e perseguições, se a humildade e a mansidão são preciosas para Ti, então não me poupes delas, pois são tesouros do Teu amor. Mas quanto às recompensas desses sofrimentos, concede-as àqueles mais merecedores. Peço apenas mais um favor, meu Senhor — que eu possa fazer estes quatro votos a Ti: castidade, pobreza, obediência e uma dedicação vitalícia ao Teu Templo, onde me chamaste para servir."

Com a aceitação de seus votos, Deus a adornou com a graça divina. Seus sentidos foram iluminados com luz efulgente, enchendo-os de beleza. Os anjos se reuniram ao redor dela, suas formas celestiais brilhando com um brilho etéreo, enquanto começavam a adornar Maria com vestes e joias de magnificência inimaginável. Eles a envolveram em um manto de esplendor requintado, seu tecido, tecido com fios de luz e graça, fluindo como brilho líquido ao redor de sua figura. Em volta de sua cintura, eles prenderam um cinto adornado com pedras multicoloridas, cada pedra preciosa brilhando com os tons de mil arco-íris, simbolizando a diversidade ilimitada da criação divina. Gentilmente, eles colocaram um colar em volta de seu pescoço, sua delicada corrente segurando três pérolas luminosas — fé, esperança e caridade — cada uma brilhando com a pureza de sua alma.

Suas mãos, delicadas, mas fortes, foram agraciadas com sete anéis, cada um com um emblema radiante dos dons do Espírito Santo:

sabedoria, entendimento, conselho, fortaleza, conhecimento, piedade e temor ao Senhor. Os anéis brilhavam com um fogo interior, como se estivessem vivos com a própria essência da graça divina. Finalmente, os anjos a coroaram com um diadema de beleza inestimável, suas joias lançando uma luz tão brilhante que parecia ofuscar as próprias estrelas. Ao colocá-lo sobre sua cabeça, suas vozes se ergueram em um coro harmonioso, proclamando-a como a Esposa de Deus e Imperatriz do Céu. O ar ao redor dela parecia vibrar com o peso deste momento sagrado, enquanto toda a criação testemunhava sua exaltação, um testemunho de sua virtude incomparável e sua união eterna com o divino.

Deus declarou: *“Tu serás Nossa Esposa, Nossa amada e escolhida entre todas as criaturas por toda a eternidade. Os anjos te servirão, e todas as nações e gerações te chamarão de abençoada. Eu te concedo todos os tesouros da Minha graça e poder. Peça o que desejar, e será feito.”*

O pedido final de Maria foi altruísta. *“Meu Amado Senhor e Mestre, eu Te imploro que envies Teu Unigênito ao mundo como um remédio para os mortais, para que todos os homens sejam chamados ao verdadeiro conhecimento de Tua Divindade. Peço que Joaquim e Ana recebam um aumento dos dons amorosos de Tua mão direita; que os pobres e aflitos sejam consolados e confortados em seus problemas; e que eu cumpra o prazer de Tua Divina vontade.”*

Com essas palavras, os céus se encheram de música, e os anjos devolveram Maria à sua cama no Templo. Na manhã seguinte, Maria pegou as poucas posses terrenas que sua mãe lhe dera - exceto alguns

livros e vestimentas e instruiu sua professora a dá-los aos pobres.

Então, a Escolhida, radiante e imaculada pelo pecado, destinada a carregar a Luz do mundo, entrou nos salões sagrados do Templo para começar seus estudos sagrados. O ar parecia brilhar com reverência enquanto ela abraçava os votos de pobreza e obediência, tecendo-os no próprio tecido de sua existência. Seu coração ardia com um desejo fervoroso de viver esses princípios em cada respiração, cada passo, cada momento fugaz de sua jovem vida. Com os olhos acesos e as mãos entrelaçadas em súplica sincera, ela implorou aos sacerdotes que a guiassem, que traçassem um caminho de disciplina e devoção, que colocassem diante dela as regras que a moldariam em um recipiente de propósito divino.

No pequeno quarto de Maria, a primeira luz do amanhecer entrava pela janela. Todos os dias Maria se levantava da cama ao amanhecer, seus movimentos eram silenciosos e deliberados. Ela se ajoelhava em oração, seu rosto erguido em direção aos céus.

No Templo, Maria se juntou a seus colegas de classe em oração, sua voz se elevando em harmonia com a deles. Seu rosto estava radiante, sua devoção evidente em cada gesto.

Da terceira hora até a noite, ela deveria se ocupar com trabalhos manuais. Ela esfregava o chão, limpava os quartos e lavava as roupas de todos os outros. Nenhuma tarefa estava abaixo dela. Nem ela nunca foi solicitada a realizar tais feitos. Era como se fossem os maiores presentes concedidos a ela.

Maria terminava cada dia sentada à mesa, com os olhos fixos nas páginas das Sagradas Escrituras.

Seus dedos traçavam as palavras enquanto ela lia, sua expressão era de profunda concentração.

Em seu quarto, Maria se preparou para dormir com a ajuda de Ana, sua professora. Ana beijou sua testa e saiu, fechando a porta suavemente atrás de si. Maria esperou um momento antes de sair da cama e se ajoelhar no chão.

Nossa Princesa Celestial passaria mais horas de joelhos ou prostrada no chão de seu pequeno quarto. Frequentemente, se alguém fosse tão abençoado a ponto de observá-la, ela poderia ser encontrada em um estado de êxtase, falando com seus guardiões celestiais, ou recebendo mais conhecimento Divino do próprio Todo-Poderoso.

Nas mesas de estudo, Maria sentou-se entre seus pares, seu pequeno corpo curvado sobre os textos sagrados. Seus dedos traçaram as palavras antigas com reverência, sua testa franzida em concentração. Embora ela entendesse os mistérios das escrituras com uma profundidade muito além de sua idade, ela abordou seus estudos com a ânsia de uma novata. Ela fez perguntas, buscou orientação e ouviu atentamente seus professores, sua humildade brilhando tão intensamente quanto seu intelecto.

No refeitório, Maria se movia entre seus colegas de classe, servindo-lhes suas refeições com uma graça que parecia quase sobrenatural. Ela pegava apenas uma pequena porção para si mesma, suas ações um testamento silencioso de seu voto de pobreza. Quando os outros a agradeciam, ela sorria suavemente, seus olhos cheios de um calor que falava de seu amor genuíno por eles. “*É minha alegria servir*”, ela dizia, sua voz quase um sussurro.

Com o passar dos anos, o rosto de Maria amadureceu, a suave redondeza da infância dando lugar às delicadas feições de uma jovem. No entanto, seu espírito permaneceu inalterado - puro, devotado e radiante com a luz da graça divina. Seus dias eram um ritmo de oração, serviço e estudo, cada tarefa realizada com um amor que parecia transcender o reino terreno.

No silêncio de seu quarto, a devoção de Maria assumiu uma forma mais íntima. Depois que os outros se retiraram, ela se ajoelhava no chão frio, seu pequeno corpo iluminado pelo luar que entrava pela janela. Suas orações não eram apenas palavras, mas uma comunhão, uma conversa com o divino que enchia o quarto com uma presença quase tangível. Às vezes, ela ficava prostrada, sua testa tocando o chão, todo o seu ser uma oferta de humildade e amor.

Às vezes, seus professores ou colegas de classe a vislumbravam nesses momentos de êxtase, seu rosto brilhando com uma luz que parecia não ser deste mundo. Eles paravam, impressionados, antes de recuarem silenciosamente, como se tivessem medo de perturbar a troca sagrada.

Quando Maria chegou aos oito anos, sua vida no Templo havia se tornado um testamento vivo das virtudes da fé, esperança e caridade. Cada ação sua, não importa quão pequena, era infundida com um amor que parecia tirar sua força do divino. Ela era um farol de luz, não apenas para aqueles dentro do Templo, mas para todos que viriam a conhecer sua história.

E assim, conforme os momentos continuaram a mudar, cada um teve uma pincelada no retrato de uma alma destinada à grandeza. Por meio da oração, do serviço e da devoção inabalável, Maria cresceu -

não apenas em anos, mas na graça e sabedoria que um dia a preparariam para carregar a Luz do mundo.

Maria ajoelhou-se em oração, suas mãos firmemente entrelaçadas, seu rosto erguido em direção aos céus. Os anos se passaram, e ela agora tinha oito anos, sua devoção tão inabalável quanto tinha sido no dia em que entrou no Templo. A luz do amanhecer entrava pela janela, iluminando seu rosto enquanto ela comungava com o divino.

CAPÍTULO SEIS

A MORTE DE JOAQUIM

Maria ajoelhou-se na quietude do Templo - seu pequeno corpo iluminado pelo brilho tênue da luz de velas. Seu rosto, normalmente sereno, agora refletia um profundo êxtase, como se sua alma tivesse transcendido o reino terrestre para comungar com o divino. Seus lábios se moviam silenciosamente, suas palavras não ouvidas por ouvidos mortais, mas carregadas pelo sopro dos anjos até o trono de Deus.

“Bela és tu em teus pensamentos e ações, minha Amada e Escolhida,” a voz de Deus ressoou dentro dela, um som gentil e infinito. “Eu aceito teu desejo de servir e sacrificar pela maior glória e agora chega a hora para tal. Pois é por minha ordenação Divina que teu pai Joaquim deve passar desta vida mortal para a vida eterna e imortal. Sua morte acontecerá em breve, e ele partirá em paz. Ele será colocado entre os santos no limbo, para aguardar a Redenção da raça humana.”

O rosto da criança mudou, sua expressão suavizando-se de tristeza para um sorriso gentil, embora lágrimas escorressem por suas bochechas. Ela não fez nenhum movimento para enxugá-las, permitindo que caíssem livremente. Ao tocarem o chão, elas brilharam e se transformaram nas asas brilhantes de seus companheiros anjos, que a

levantaram gentilmente e a carregaram até a cabeceira de seu pai, Joaquim.

No quarto de Joaquim, onde o ar estava pesado com a solenidade silenciosa da morte iminente. Maria ficou em silêncio, sua presença um farol de luz no quarto escuro. Ela observou e ouviu enquanto o anjo Gabriel apareceu, sua forma radiante, e falou com seu pai. Gabriel começou, sua voz cheia de reverência,

“Devotíssimo serva de Deus”, “o Altíssimo e Poderoso Senhor deseja que saibas agora que Maria, tua filha, é escolhida e ordenada pelo Todo-Poderoso como aquela em quem o Verbo divino se revestirá. Ela será a Mãe do Messias e a Abençoada entre as mulheres, a mais exaltada entre todas as criaturas, e somente inferior ao próprio Deus. Foi ela quem nos enviou para te ajudar nesta, tua hora de morte. Ela é uma Intercessora muito fiel e poderosa diante do Todo-Poderoso.”

Enquanto Gabriel falava, Ana, a amada esposa de Joaquim, estava de pé na cabeceira da cama. Por disposição divina, ela ouviu e entendeu cada palavra. Seu coração se encheu com uma mistura de tristeza e admiração, seus olhos fixos no rosto do marido. Quando a última palavra foi dita, Joaquim deu seu último suspiro, sua alma se erguendo de seu corpo em uma explosão radiante de luz. Um coro de anjos o cercou, escoltando sua alma para o limbo, onde ele aguardaria a Redenção da raça humana.

O olhar de Ana mudou para sua filha, que agora se movia em sua direção com uma graça que parecia quase sobrenatural. Maria tocou gentilmente o rosto de

sua mãe, seu toque um conforto silencioso, antes de se virar e sair do quarto. O peso do momento pairando no ar.

O tempo passou, e Maria, agora com nove anos, foi vista rezando fervorosamente no Templo. Seu rosto, geralmente radiante com luz divina, agora refletia uma profunda tristeza. Por semanas, ela se ajoelhou em oração, seu coração pesado com uma sensação de perda. Deus havia parado de se revelar a ela, e a ausência de Sua presença era uma dor que ela mal conseguia suportar.

Na quietude solitária do Templo, Maria estava prostrada no chão frio de pedra, sua pequena forma tremendo de emoção. Sua voz, embora suave, carregava o peso de sua angústia.

“Querido Pai,” ela sussurrou, suas palavras tremendo de tristeza, *“o que eu fiz para ofender a Ti? Por que Tu te manténs escondido de mim? Assim como meus santos companheiros? Se esta é apenas a profundidade do sofrimento que devo suportar por Ti, eu o faço e imploro por mais. Pois é a mais profunda dor e tristeza que eu poderia imaginar.”*

Suas lágrimas caíram silenciosamente, cada uma delas um testemunho de sua devoção inabalável. Embora os céus parecessem silenciosos, sua fé permaneceu inabalável, seu amor pelo Todo-Poderoso queimando intensamente mesmo na escuridão. Ela suportaria essa provação, como havia suportado todas as outras, com humildade e graça, confiando em Sua Divina Sabedoria.

Maria ajoelhou-se na quietude solitária de seu quarto, seu pequeno corpo tremendo de emoção. Sua voz, embora suave, carregava o peso de sua angústia enquanto ela mais uma vez se dirigia aos seres celestiais que outrora foram seus companheiros constantes.

Com tristeza em sua voz, ela implorou: *"Príncipes Celestiais, mensageiros do Altíssimo e fiéis guardiões da minha alma, por que vocês também me deixaram? Por favor, retornem para mim. No entanto, eu não os culpo, meus senhores, se minha indignidade me fez perder o favor de vocês e do meu Criador.*

Ó luzes do céu, guiai-me na minha ignorância. Se eu fiz algo errado, corrija-me e me ajude a buscar o perdão do meu Senhor. Tenha misericórdia da minha tristeza — diga-me onde meu Amado está, onde Ele se escondeu. Pois eu sei que Ele nunca vira o rosto para longe de você, e Sua beleza está sempre diante dos seus olhos."

Suas lágrimas caíram silenciosamente, cada uma delas um testemunho de sua devoção inabalável. No entanto, os céus permaneceram em silêncio, e a sala estava cheia de um vazio doloroso e o peso de sua tristeza pairando no ar.

CAPÍTULO SETE

AS PROFUNDEZAS DO INFERNO

Nas profundezas sufocantes do Inferno, onde o próprio ar se contorcia com o fedor acre de enxofre e desespero, Lúcifer rondava os caminhos irregulares e fumegantes. O chão sob seus pés sibilava e rachava, rios derretidos de condenação esculpindo trilhas serpenteantes pela terra carbonizada. Cada passo seu ecoava com um ritmo primordial e assustador — uma sinfonia de desafio e angústia forjada ao longo de eras. Suas asas, antes radiantes, agora pendiam como sombras esfarrapadas, suas bordas tremeluzindo com brasas que se recusavam a morrer. Seus olhos, infernos gêmeos de fogo implacável, queimavam com um olhar que podia queimar através do véu dos mundos. Eles estavam presos em Maria, uma frágil alma mortal cujo tormento brilhava como um farol no abismo. Seu sofrimento pulsava com uma intensidade crua, quase divina, um paradoxo que o repelia e capturava sua curiosidade. Era uma luz na escuridão, um espinho em seu lado, e ele não conseguia desviar o olhar.

Embora ele tenha contemplado o tormento dela, um espetáculo de pesar e resiliência contra o pano de fundo opressivo de seu reino infernal, havia um profundo mistério nas profundezas de seu ser. A angústia de Maria não era o grito desesperado de um espírito derrotado; era o lamento de uma alma firme em sua pureza, um enigma que escapava de seu alcance. Lúcifer podia ver as cicatrizes de suas dificuldades, a chama trêmula de esperança que desafiava

teimosamente a escuridão ao seu redor, mas as camadas intrincadas de sua luz interior permaneciam imunes à sua malícia investigativa. Naquele brilho desafiador, ele reconheceu algo perigosamente remanescente de uma pureza paradisíaca perdida que colidia com sua própria natureza.

Sua mente se agitava com uma mistura turbulenta de fúria e fascinação relutante. Os corredores infernais ecoavam com o som de seus passos medidos e ferventes, como se as próprias paredes fossem privadas da tempestade de seus pensamentos conflitantes. Sua voz, um barítono sonoro atado com malícia e frustração fervente, ressoou através do abismo de fogo. *“Quem é essa jovem criatura miserável cujas palavras lamentáveis causam mais confusão em meu ser do que eu gostaria de ter? Talvez ela possa se beneficiar de visitantes de outro tipo?”* Ele rosnou, seu tom era uma mistura venenosa de desprezo e incredulidade,

Com essas palavras, o próprio ar pareceu tremer, carregado com a promessa de novos horrores. A frase “visitantes de outro tipo” não era uma mera ameaça descartável; era o prelúdio de esquemas que estavam fermentando nas profundezas de sua mente infernal. A ideia de despachar agentes, demônios forjados de sua própria essência de desespero, o enchia de uma antecipação sombria. Esses demônios seriam enviados como emissários da ruína, destinados a tecer mais fios na tapeçaria do sofrimento de Maria.

Ao redor dele, a paisagem do Inferno mudou em resposta aos seus encantamentos. Rios de tormento derretido fluíam sob pontes de ossos carbonizados, e o

próprio ar estava impregnado com o fedor acre da condenação eterna. Sombras dançavam através de paredes que pareciam respirar com a angústia de inúmeras almas perdidas. Nesta sinfonia grotesca, o conflito interno de Lúcifer foi exposto. Aqui estava ele, o arquiteto da miséria, encontrando um espírito tão luminoso que nem mesmo a escuridão sufocante do Inferno poderia extinguir seu brilho.

Por um momento, enquanto os ecos de suas palavras desapareciam nas chamas crepitantes, Lúcifer parou seu ritmo implacável. Um sutil, quase imperceptível lampejo de incerteza cruzou seus olhos — um breve reconhecimento de que a pureza inflexível de Maria representava um enigma que ele não estava inteiramente preparado para resolver. Poderia ser que escondido dentro de sua agonia não estivesse apenas desespero, mas também um pequeno e inflexível lampejo de esperança? E se essa centelha de esperança existisse, que caos ela poderia agitar em um lugar como o Inferno, onde desespero e sofrimento eram as únicas regras que ele permitia? O pensamento o corroía, perturbando a própria ordem que ele havia construído.

Naquele silêncio carregado, o ar infernal ficou mais pesado, como se até os habitantes do Inferno prendessem a respiração. A ironia sombria era palpável: aquele que havia orquestrado inúmeras tragédias agora se via lutando com a força inesperada de uma alma humana, uma força que ameaçava desvendar a própria ordem que ele havia imposto tão implacavelmente. O plano de enviar seus "visitantes de outro tipo" não era apenas sobre infligir mais dor - era uma jogada calculada para dissecar o mistério da

pureza de Maria, para destruir a ilusão de que tal luz poderia existir nas profundezas da noite eterna.

Assim, com um rosnado final e desdenhoso que ressoou como o toque de uma sentença de morte, Lúcifer retomou seu ritmo implacável, sua mente acesa com esquemas tão complicados e perigosos quanto os corredores labirínticos do próprio Inferno. O palco estava montado, e o próximo ato neste drama infernal era sobre o confronto em desenvolvimento entre a antiga malevolência e a teimosa e inflexível chama da pureza humana que prometia desafiar até mesmo os reinos mais sombrios.

No pequeno quarto de Maria, onde ela dormia profundamente. Ao redor dela, sombras escuras giravam, tomando a forma de demônios que tentavam invadir sua mente e alma. No entanto, conforme se aproximavam, eram repelidos por uma força invisível, desaparecendo tão rápido quanto tinham aparecido. Lúcifer, observando de longe, não ficou satisfeito.

“Entre então nos corações de seus companheiros, deixe que a ganância e a inveja manchem os outros que trabalham tão duro para serem servos do Senhor. Como essa criatura humilde sofrerá essas aflições?” Ele ordenou, sua voz um rosnado baixo e ameaçador.

Na manhã seguinte, a sala de jantar do Templo estava cheia de sussurros quando Maria entrou. As outras jovens, com os corações escurecidos pela influência dos demônios, a evitavam quando ela as cumprimentava. Elas tinham se acostumado com ela fazendo suas tarefas, e agora tornavam suas tarefas ainda mais difíceis. Uma garota deixou seu prato cair

no chão, então rapidamente voltou para seu assento, deixando Maria para limpar a bagunça. A irmã Ana entrou na sala, sua expressão severa.

“É preciso ter mais cuidado com aquilo que nosso Senhor nos fornece como alimento”, disse Ana, em tom de reprovação.

Maria curvou a cabeça humildemente. *“Sim, irmã; perdoe minha falta de agilidade e ânsia por comida.”*

Uma das alunas falou, sua voz afiada com acusação. *“Ela arrancou o prato das minhas mãos, fazendo-o cair. Tentei dar o meu a ela, mas ela recusou, dizendo que estava podre porque eu já tinha comido dele.”*

Outra garota entrou na conversa, e seu tom era igualmente áspero. *“Sim, e não é a primeira vez, irmã. E ele é verdade para os livros de escrituras que devemos compartilhar. Maria os pega e os esconde, tenho certeza. É por isso que não sei minhas lições - não consegui estudar por causa dela”*

Maria, com o rosto cheio de humildade, respondeu gentilmente. *“Meus queridos amigos e senhora, vocês estão certos — eu sou o menor e o mais imperfeito entre vocês. Mas vocês, minhas irmãs, que sabem mais do que eu, devem perdoar minhas falhas e me guiar em minha ignorância. Eu as amo e respeito como uma humilde serva, e meu único desejo é obedecer a vocês em todas as coisas. Digam-me, então, o que me pedem, e eu seguirei seu comando.”*

Mas suas palavras não amoleceram os corações de seus companheiros. Em vez disso, a influência de Lúcifer continuou a incitá-los a causar-lhe mais danos,

até mesmo recorrendo a atos físicos de violência. Quando Maria estava esfregando o chão, eles a empurravam para baixo e seguravam seu rosto no balde de água. Eles a trancavam em salas escuras do Templo, sua crueldade escondida dos sacerdotes e amantes - mas não de Deus.

Em uma dessas ocasiões, as meninas se reuniram em uma sala e começaram a lançar insultos e abusos físicos contra Maria. A comoção chamou a atenção dos padres e das amantes, que correram para a cena.

Simeão, com a voz cheia de raiva, exigiu: *“Qual é a causa dessa exibição ultrajante contra os próprios ensinamentos do Senhor? Quem é o culpado por isso? Responda-me!”*

Um dos estudantes apontou um dedo acusador para Maria. *“Foi Maria de Nazaré que trouxe isso. Ela cria muita discórdia e raiva em todos nós. E quando a confrontamos, ela nos irrita e provoca ainda mais. Quando permitimos que ela faça o que quer, ela se torna autoritária. Ela zomba de nós jogando-se prostrada no chão aos nossos pés com falsa humildade, então depois ela briga novamente e joga tudo em alvoroço! Se ela não deixar o Templo, será impossível manter a paz entre nós.”*

Os padres e as amantes levaram Maria para o escritório e a repreenderam duramente. Ana, com a voz cheia de decepção, disse: *“O que pode fazer você fazer uma coisa dessas, Maria? Por que você traz tanta discórdia para um lugar sagrado? Se isso continuar, teremos que bani-la do Templo.”*

Maria ficou em silêncio, aceitando tudo o que foi dito sem tentar declarar sua inocência. Quando foi dispensada dos aposentos, ela foi imediatamente até seus companheiros e se ajoelhou aos pés deles, chorando abertamente. Eles pensaram que suas lágrimas eram de sua punição e permitiram sua humilhação com boa vontade.

A voz de Maria tremia de sinceridade. *“Perdoe-me por fazer você agir dessa maneira,” “Pois foi muito por minha culpa, e eu imploro que você me permita continuar a servi-lo para que eu possa servir ao meu Senhor.”*

Em seu quarto, ajoelhada em oração. *“Querido Pai, ofendi a todos. E minha maior ofensa é que sou cega para quais ações minhas causaram isso. Rezo por minhas irmãs a quem causei tanta dor. Peço que me mostrem como não as ofender mais.”* O peso do sofrimento e da humildade de Maria permanece no coração daqueles que testemunharam isso.

CAPÍTULO OITO

A MORTE DE ANA

Nos aposentos tranquilos de Simeão e Ana, enquanto dormiam, uma presença divina visitou cada um deles em sonhos. A voz de Deus, gentil, mas inconfundível, sussurrou para eles, revelando a verdade da turbulência que se desenrolara dentro do Templo. Quando a luz da manhã penetrou nos antigos salões, os dois conferiram em tons abafados, seus corações pesados com o peso da revelação divina. Eles convocaram Maria mais uma vez, suas expressões suavizadas pelo conhecimento que agora carregavam.

Simeão se dirigiu a ela com calma resolução, sua voz firme e gentil. *“Foi-nos dito que nada do que está acontecendo é culpa sua. Nós poremos um fim nisso para que você possa continuar em seu desejo de aprender mais sobre nosso Senhor e como você pode ser útil a Ele.”*

Os olhos de Maria brilharam com humildade devotada enquanto ela respondia, sua voz tremendo de sinceridade. *“Eu imploro a vocês, meus superiores, que me permitam servir minhas irmãs e suportar o desconforto de sua reprovação. Eu me benefico muito de suas instruções. Mas eu não vou desobedecer a vocês, e se vocês assim ordenarem, eu darei ouvidos à sua palavra.”*

O dia passou para a noite, e dentro dos limites de seu modesto quarto, os companheiros celestiais de Maria, há muito ausentes, reapareceram. Sua presença silenciosa preencheu o espaço, sua luz lançando um brilho suave que parecia afastar as sombras de sua tristeza. Ela conversou com eles em fervorosa oração, seu coração derramando seu desejo e devoção. Após um período de profunda ocultação, o Senhor se revelou mais uma vez, manifestando-se diante dela com um brilho terno que fez seu coração brilhar com o calor há muito esperado. Sua presença era um bálsamo para sua alma, um lembrete de que Ele nunca a havia realmente deixado.

O tempo passou inexoravelmente pelo Templo e, em pouco tempo, Maria tinha dez anos. Um dia, ela recebeu notícias comoventes diretamente de Deus: sua mãe, Ana, estava se aproximando do fim de sua vida terrena. Por ordem de Deus, anjos foram enviados para trazer Maria de volta ao seu local de nascimento. Em uma cena impregnada de tristeza e dever sagrado, Maria sentou-se ao lado da cama de sua mãe, segurando a mão de Ana gentilmente enquanto o último suspiro era dado. Com cuidado terno, ela fechou os olhos de sua mãe, deu um beijo suave em sua bochecha e, em seguida, nas pontas de seus dedos.

Enquanto os anjos escoltavam a alma de Ana para o Limbo, Maria retornou ao Templo como um testamento vivo tanto da perda quanto da promessa duradoura da misericórdia divina.

CAPÍTULO NOVE

MARIA ATINGE A MAIORIDADE

Anos continuaram a passar, e Maria, agora com pouco mais de quatorze anos, encontrou seu destino mais uma vez agitado por decreto celestial. Uma noite, enquanto o padre Simeão dormia, Deus falou com ele, instruindo que fossem feitos arranjos para o casamento de Maria. Quando a manhã chegou, Simeão sentou-se com Maria para compartilhar suas intenções. Antes que ele pudesse falar, Maria, com convicção clara e inabalável, dirigiu-se a ele primeiro.

Sua voz era firme, mas cheia de seriedade. “Senhor, *desejo preservar a castidade perpétua durante toda a minha vida; pois desejo me dedicar a Deus no serviço deste Templo sagrado em troca das grandes bênçãos que Ele me concedeu. E fazer o que for de acordo com a Sua vontade.*”

Simeão ouviu com sabedoria gentil, sua expressão pensativa. “*Minha filha*”, ele respondeu, “*Teus desejos santos são aceitáveis ao Senhor; mas lembre-se de que nenhuma donzela de Israel se abstém do casamento enquanto esperamos a vinda do Messias conforme as profecias divinas. No estado matrimonial, você pode servir a Deus verdadeiramente e em grande perfeição. Portanto, você deve começar a orar para que Deus*

escolha para você um marido que seja agradável a você e à linhagem de Davi.”

Naquela mesma noite, dentro do santuário íntimo de seu quarto, Maria buscou comunhão com o divino mais uma vez. Ajoelhando-se em oração, suas mãos firmemente entrelaçadas, ela ofereceu sua petição sincera em uma voz suave e apaixonada. *“Altíssimo Bem e Amor de minha alma, Tu bem conheces o segredo do meu seio e meus desejos, que Tu despertaste em mim desde o primeiro momento da minha existência de Ti. Preserva-me, então, meu Esposo, puro e casto, como eu desejei. Eu invoco Tua grandeza, ó Senhor, e confio em Tuas infinitas misericórdias.”*

Suas palavras permaneceram no ar, um testamento de sua devoção inabalável e confiança no Todo-Poderoso. Na interação de comandos divinos e anseio mortal, o caminho de Maria foi traçado - uma jornada tecida com tristeza, dever sagrado e a promessa luminosa de um destino a serviço do Todo-Poderoso. Seu coração, embora sobrecarregado pelo peso de seu chamado, permaneceu firme, um farol de fé e humildade em um mundo que ansiava por redenção.

CAPÍTULO DEZ

O NOIVADO DE MARIA E JOSÉ

Na vila de Jerusalém, uma procissão levou os fiéis em direção ao santuário interno de um templo, onde vários homens se ajoelharam em oração fervorosa. Entre eles estava um homem chamado José — um descendente de Davi, de trinta e três anos de idade e bonito, seu coração e corpo imaculados pelo pecado. Como os outros, ele havia feito voto de castidade para servir seu Senhor mais completamente. Enquanto ele orava naquele dia, uma voz interior, clara e autoritária, ressoou dentro dele:

"José, meu servo, Maria será tua esposa; aceita-a com atenta reverência, pois ela é agradável aos meus olhos, justa e puríssima de alma e corpo, e farás tudo o que ela te disser."

Naquele momento sagrado, diante de seus olhos, uma visão se desenrolou: Maria, engajada em seus deveres no templo, parecia radiante enquanto se curvava em oração. Esta revelação divina encheu sua alma de propósito.

Mais tarde, dentro das paredes sagradas do templo, Maria brilhou mais resplandecente que a lua - uma visão de incomparável beleza e graça. Aqui, o padre a havia desposado com o mais casto e santo dos homens, José. Do lado de fora do templo, uma Maria chorosa se despediu dos padres e da Irmã Ana. Juntos,

ela e José caminharam pelas ruas sinuosas de Nazaré em direção à sua casa ancestral, que ela havia herdado de seus pais. Sua chegada foi recebida com calorosas saudações de vizinhos e amigos.

A abençoada Rainha havia retornado ao seu local de nascimento com seu novo esposo. Como era costume entre os hebreus, os primeiros dias de vida de casados eram dedicados a entender os hábitos e temperamentos um do outro - para que, com o tempo, concessões mútuas pudessem ser feitas em sua conduta. Cada um, ansioso para agradecer ao Altíssimo e ciente de que era Sua vontade que os havia unido, abraçou seu destino sem questionar.

José estudou sua jovem noiva com uma pureza que revelava seu espírito nobre; sua alegria foi encontrada em testemunhar sua piedade gentil. Por sua vez, Maria se deleitava em observar José, um humilde carpinteiro, habilmente trabalhando a madeira, sempre grata ao Senhor por lhe fornecer um meio de sustentar sua nova esposa. Seus momentos compartilhados de oração e conversa tranquila reafirmaram os votos que fizeram a Deus. Nessas trocas, o Altíssimo mais uma vez confirmou a virtude da castidade no coração de José e o amor sagrado devido à sua santa esposa. Com o tempo, José até recebeu iluminação celestial sobre as muitas virtudes de Maria - um efeito visível quando uma luz radiante, aparentemente refletida da própria Maria, o engolfou.

CAPÍTULO ONZE

OS INSTANTES DA CRIAÇÃO

Seis meses após o casamento, a vida na aldeia continuou, e José testemunhou a compaixão sem limites de Maria e seu desejo inabalável de servir a Deus. Ela realizou atos de caridade por toda a aldeia - cuidando ternamente dos doentes e moribundos, e, todas as manhãs e noites, ela levantava sua voz em oração pela salvação da humanidade. Uma noite, dentro dos limites silenciosos de seu modesto quarto, Maria estava prostrada em oração, seus braços estendidos na forma de uma cruz. Em uma voz carregada de anseio e humildade, ela gritou:

" Quando o Unigênito do Pai descerá em realidade para unir-se à natureza humana? Quem detém a corrente da Divindade, de modo que toda a raça humana permaneça insatisfeita? Se talvez eu seja um obstáculo, que eu pereça antes que eu impeça esta bênção, pois ela não pode depender dos méritos de nenhuma criatura. Senhor e Deus eternas, à medida que os pecados dos homens aumentam e as ofensas contra Ti se multiplicam, como mereceremos a própria bênção da qual nos tornamos diariamente mais indignos? Eu me arrisco a implorar a Ti, do fundo do meu coração, para apressar Tua vinda e apressar a Redenção para Tua maior glória."

Naquele momento, a música celestial do Todo-Poderoso ecoou nos céus, anunciando o início do plano de salvação.

Naquela mesma noite, e pelos nove dias seguintes na mesma hora da meia-noite, Maria foi levantada pelo poder divino, seu ser iluminado enquanto visões da Divindade se desdobravam diante de seus olhos. A cada noite, ela contemplava os instantes da criação: O Primeiro Instante, foi a revelação de Deus de Seus atributos infinitos e desejo inefável de comunicar Sua glória; no Segundo Instante, Ela aprendeu a determinação do propósito por trás desta comunicação divina; No Terceiro Instante, a seleção cuidadosa e o arranjo desta mensagem foram revelados. Nesta sequência sagrada, a composição perfeita da santa humanidade de Cristo foi decretada e modelada na inteligência Divina. O Quarto Instante da Criação revelou os dons e graças a serem conferidos à humanidade de Cristo em união com a Divindade, bem como o decreto e a predestinação da Mãe do Verbo Divino - junto com a criação de uma morada onde o céu e a terra seriam definidos. No Quinto instante, Maria testemunhou a criação da natureza angélica: a divisão das hostes celestiais em nove coros com suas hierarquias, a predestinação dos bons e a reprovação dos maus, e a própria criação do céu e do inferno empíreos. Por fim, no Sexto instante, Deus revelou a criação de um povo - a ordem determinada de toda a raça humana, começando com um homem e uma mulher, cuja progênie eventualmente anunciaria o

nascimento da Virgem e seu Filho. A queda de Adão foi prevista, e como remédio, foi ordenado que a humanidade mais santa fosse capaz de sofrer.

Essas visões divinas dotaram Maria de sabedoria além da compreensão, um conhecimento da razão, arte e ciência que supera o de todos os homens. No coração e na mente de nossa Princesa fluiu o vasto oceano da Divindade, anteriormente confinado pelos pecados e más disposições da humanidade. Ela percebeu no Altíssimo um tesouro inefável de graça e bênçãos, preparado para todos os mortais, e sentiu o desejo infinito do Divino para que a humanidade participasse desses dons eternos. Essa profunda consciência a levou a oferecer as mais exaltadas orações, petições, sacrifícios e atos de amor heróico, para que ninguém se condenasse, mas, em vez disso, agradecesse ao Criador. Naqueles momentos, Maria sentiu como se estivesse presente no início da criação.

Na nona noite, conforme ordenado por Deus, o anjo Gabriel foi enviado para visitar Maria. A hora era quase seis, e o sol ainda permanecia no céu quando Gabriel, acompanhado por coros de anjos, apareceu em seu modesto quarto. Embora Maria estivesse acostumada a visitas divinas, ela permaneceu em oração até que levantou a cabeça e viu a grandeza incomum de Gabriel. Naquele quarto esparso que estava vazio, exceto por seu simples catre, cada superfície parecia inundada de uma majestade

sobrenatural, e seus pensamentos rapidamente convergiram para uma única e maravilhosa conclusão.

"É possível que tenha chegado o tempo abençoado, no qual o Verbo do Pai eterno deve nascer? Oh, quem será digno de vê-Lo e conhecê-Lo? Oh, quem terá permissão de beijar a terra tocada por Seus pés?" Maria perguntou, sua voz tremendo de admiração.

Gabriel respondeu em tom sonoro: *" Ave Maria, cheia de graça, bendita és tu entre as mulheres.*

Perplexa, mas elevada, Maria perguntou: *"O que dizes, Gabriel, mensageiro de Deus? Quem sou eu para ser saudada com tal saudação? Abençoada entre as mulheres?"* Gabriel a confortou.

"Não temas, Maria, porque achaste graça diante do Senhor. Eis que tu o darás à luz, e lhe porás o nome de Jesus; ele será grande, e será chamado Filho do Altíssimo. "

" Mas como acontecerá isso - que eu conceba e dê à luz, já que não conheço, nem posso conhecer, o homem?" Maria questionou seu coração, ansioso e esperançoso.

" É somente pelo poder Divino que você se tornará mãe sem a cooperação do homem ", explicou Gabriel.
" O Espírito Santo permanecerá contigo, manifestando-se como uma nova presença, e a virtude do Altíssimo te cobrirá com sua sombra para que Aquele que será chamado Filho de Deus seja gerado.

E eis que tua prima Isabel também concebeu um filho em seus últimos anos, e ele virá diante Dele, pois nada é impossível para Deus. "

Com essas palavras, nossa Rainha Abençoada falou o começo de nossa salvação. Em uma voz cheia de reverência e rendição, Maria pronunciou: "*Faça-se em mim segundo a Tua Palavra. "*

Assim, por seu retumbante "sim" à Vontade de Deus, Maria veio a compreender o amor imensurável que o Senhor tinha pela humanidade. A intensidade desse amor era diferente de tudo que ela já havia conhecido. Seu coração puro e imaculado inchou com tanta alegria e emoção que chorou três gotas de sangue – um sinal sagrado. Com essas gotas, misturadas com o amor ilimitado do Senhor por toda a humanidade, foi formado Cristo, verdadeiro Deus e verdadeiro Homem, nosso Senhor e Redentor. Este evento milagroso ocorreu no dia 25 de março, ao amanhecer, na mesma hora em que nosso primeiro pai, Adão, foi criado — no ano da criação do mundo, 5199.

CAPÍTULO DOZE

BENDITA ÉS TU ENTRE AS MULHERES

Poucos dias depois, Maria pediu a José para acompanhá-la até sua prima. Eles viajaram por quatro dias em uma mula pela estrada para Judá, com destino à casa de Zacarias e Isabel. Enquanto Maria montava na mula, ela comentou: " *Quão generoso e gentil da sua parte, meu marido, me levar até minha prima. Por que você não me deixa andar um pouco enquanto você descansa nas costas da mula?*"

José respondeu: " *Embora eu não possa negar a você o menor dos pedidos, minha mais preciosa esposa, devo negar isso a você. No entanto, se você se cansar da posição, terei prazer em ter sua companhia ao meu lado para caminhar um pouco.*"

Ele ajudou Maria a descer da mula, e juntos eles continuaram sua jornada a pé. Depois de um tempo, José perguntou: " *Como pode ser que sua prima, tão tarde na vida, esteja grávida?* "

Maria respondeu calmamente: " *Talvez o plano para esta criança exija que ela nasça agora, e de Elisabete. Não questiono a obra de nosso Senhor.*"

José acrescentou com um suspiro: " *As imperfeições do meu coração levam às imperfeições dos meus pensamentos e palavras. Olhe, vejo o cume*

da vila à frente. Em breve, você poderá descansar e visitar seu primo. "

Ao se aproximarem da aldeia de Judá, os viajantes logo chegaram à casa de Elisabete. A porta se abriu, e Maria foi calorosamente recebida por sua prima. Dentro da modesta casa, Maria disse: "*O Senhor esteja com você, minha querida prima.*"

Elisabete respondeu: "*E com você, minha prima.*"

As duas mulheres se retiraram para um pequeno quarto mobiliado com um catre e um banco, tendo grande prazer na companhia uma da outra. Maria gentilmente colocou sua mão na barriga inchada de Elisabete e sussurrou: "*Que Deus te salve, minha prima querida, e que Sua luz divina te comunique graça e vida.*"

Com essas palavras, uma luz radiante encheu Elisabete, e ela recebeu uma visão divina sobre a condição de sua jovem prima. Com uma voz cheia de admiração, Elisabete declarou: "*Bendita és tu entre as mulheres e bendito é o fruto do teu ventre. E por que é que a Mãe do meu Senhor deveria vir a mim? Meu filho saltou em meu ventre de alegria no conhecimento que nós dois recebemos. Pois o que foi predito em breve será realizado através de você.*"

Maria continuou: "*Seu filho, aquele que será conhecido como João, virá diante Dele. Ele proclamará Sua bondade. Pois minha alma engrandece ao Senhor, e meu espírito se alegra em*

Deus, meu Salvador. Seu poder fez grandes coisas por mim; santo é Seu nome, e Sua misericórdia dura de geração em geração."

Mais tarde, quando José se preparava para se despedir de Judá, ele e Zacarias trocaram despedidas em silêncio - Zacarias ainda estava mudo como punição por sua descrença. Por meio de gestos, Zacarias indicou que três luas se passariam antes que seu filho nascesse. Uma nova visão capturou Elisabete, sua mão ternamente descansando em seu bebê ainda não nascido. Com um sorriso gentil, Elisabete refletiu: "*Oh, Zacarias, desde quando os homens sabem a mente dos bebês? Esta criança chegará quando estiver pronta, nem um minuto antes."*

José acrescentou gentilmente: "*E Maria será sua enfermeira até lá. Nenhuma mão mais terna poderia ajudá-la, Elisabete."*

Elisabete assentiu: "*Isso eu sei, José, isso eu sei bem. Tenha uma viagem segura, meu amigo."*

O tempo fluiu como um rio tranquilo, e dentro do calor escuro e iluminado por velas do quarto de Elisabete, o milagre se desenrolou. Após horas de trabalho de parto, um grito perfurou o silêncio — o primeiro sopro de vida de um recém-nascido. O filho de Elisabete havia chegado, sua pequena forma tremendo com a vitalidade crua da existência. Maria, suas mãos firmes e ternas, embalou o bebê como se ele fosse o tesouro mais precioso do mundo. Ela o

envolveu em um pano macio, cada dobra um gesto de devoção, antes de cuidadosamente colocá-lo nos braços de Elisabete. O ar parecia brilhar com uma quietude sagrada, como se o próprio quarto prendesse a respiração em admiração pelo momento. O amor, puro e ilimitado, irradiava entre as duas mulheres, unindo-as na alegria silenciosa de uma nova vida. Pouco tempo depois, na casa de um dos anciãos, chegou a hora da circuncisão e da nomeação do recém-nascido. Devido à mudez de Zacarias, Elisabete presidiu a cerimônia. Um ancião perguntou: "*Que nome a criança terá?*"

Outro perguntou: "*Como o chamaremos?*"

Elisabete então declarou: "*Chegou a hora de você dar ao nosso filho um nome, Zacarias. Que nome você dará a ele?*"

Ela entregou a Zacarias um tablete e uma ferramenta de escrita. Enquanto ele escrevia as palavras, "*Seu nome é João*", Maria, agora imbuída de poder divino, o libertou de sua aflição. Fechando os olhos brevemente, ela sussurrou internamente, "*Seja livre para falar. Sua punição pela descrença foi levantada.*"

Zacarias então proclamou em voz clara: "*Seu nome é João. Bendito seja o Senhor Deus de Israel, porque visitou e redimiu o seu povo, para iluminar os que jazem nas trevas e na sombra da morte, e para dirigir os nossos pés no caminho da paz.*"

Um silêncio caiu sobre a assembleia reunida. Alguns caíram de joelhos e gritaram: " *Milagre!*" Elisabete e Zacarias trocaram olhares amorosos e conhecedores com Maria. Em resposta, Maria retribuiu os olhares antes de abaixar a cabeça em um gesto humilde e pacífico.

CAPÍTULO TREZE

REVELAÇÃO A JOSÉ

Ao longo da estrada, Maria cavalgou mais uma vez nas costas de uma mula, guiada por José. Enquanto ela caminhava por entre as árvores em flor da primavera, ela gentilmente colocou a mão no abdômen, um sorriso suave enfeitando seu rosto — um testemunho silencioso da vida crescendo dentro dela. À distância, conforme a estação mudava para o final do verão, a silhueta de Maria surgiu na suave luz da manhã, agora mostrando os primeiros sinais inconfundíveis de gravidez. José a observou em silenciosa contemplação enquanto ela concluía seu cântico, seu rosto marcado pela confusão e tristeza.

Mais tarde naquele dia, no santuário silencioso de seu quarto, José ajoelhou-se em oração, seu coração pesado de turbulência. Ele sussurrou: *"Meu coração está cheio de confusão, meu Senhor. Pois tu sabes que mantive meu voto de castidade. O que pode significar que minha esposa, a mais pura dos corações e a mais confiante dos temperamentos, apareça grávida? Como pode ser isso? Eu te imploro, alivia-me deste fardo, pois dilacera meu próprio ser considerar o que nossa Lei pode exigir de mim. Eu retenho e adio meu julgamento. Não acredito que Maria tenha ofendido a Ti; mas muito menos posso presumir que haja um mistério do qual eu, como seu esposo, não devo ser*

informado. Governa minha mente e cumpre o que é mais agradável a Ti. "

Sem que José soubesse, Maria - pela graça divina - ouviu o derramamento silencioso de seus pensamentos interiores. Seus olhos se encheram de lágrimas diante da tristeza e confusão evidentes em sua oração, embora ela não pudesse revelar a verdade oculta de sua condição. Os dias se passaram e, à medida que ela continuava a cuidar dele com ternura amorosa, seu segredo se tornou cada vez mais aparente. José, isolado em sua luta, lutou com uma decisão dolorosa. A lei ordenou que ele se divorciasse dela e a entregasse às autoridades para punição. Uma manhã, incapaz de conter sua tristeza por mais tempo, ele falou em voz alta na área de alimentação enquanto Maria o servia.

" Você não acha que é melhor se sentar um pouco? Eu não suporto comer de qualquer maneira. Deixe a comida ir para aqueles que querem. Você sabe o que acontece na aldeia hoje? A esposa do mercador Jacó será apedrejada por seu crime de adultério. Além disso, o pobre Jacó foi quem teve que entregá-la às autoridades — e ele será obrigado a atirar a primeira pedra."

Com essas palavras, ele se levantou abruptamente e saiu da sala, deixando Maria sozinha na mesa enquanto lágrimas silenciosas escorriam por seu rosto. Em sua angústia, ela levantou seu olhar para o céu e orou: *" Espíritos abençoados e ministros do Altíssimo, acompanhem-me como Seus fiéis servos e guardiões. Eu imploro a vocês, apresentem diante de Deus meu*

pedido para diminuir o sofrimento do meu esposo, José. Implorem ao Senhor que olhe para ele e o console como um verdadeiro Pai. Além disso, vocês, meus companheiros sempre fiéis, alcancem o coração do meu devotado amigo terreno e afastem de sua mente sua resolução de me deixar. Assegurem-lhe as obras incompreensíveis de Deus, a maioria das quais permanece oculta de todos."

Mais tarde naquele dia, na solidão de seu galpão de trabalho, José chorou alto para si mesmo, falando através de seu desespero:

" Partirei à noite, em segredo, para o templo de Jerusalém, e oferecerei somas de dinheiro para que Deus ajude e proteja Maria do flagelo dos homens e a livre de todo infortúnio."

Como se fosse uma resposta ao seu lamento, raios repentinos de luz romperam a escuridão, suavizando os sulcos de tristeza em seu rosto e oferecendo-lhe um consolo momentâneo.

Naquela noite, no silêncio de seu quarto, Maria ajoelhou-se em fervorosa oração, buscando comunhão com o Divino. Sua voz era firme, cheia de determinação quando ela declarou: *" É meu dever não ser negligente em ajudar o esposo que recebi de Tua mão. Se encontrei graça aos Teus olhos, então Ele também deve compartilhar dessa graça. Pois carrego em meu ventre Teu Filho, que carregará a semelhança do homem. Exigirei que o servo José me ajude na realização dessas grandes obras."*

Uma resposta gentil e autoritária ressoou em seu coração, como se falada pelo próprio Todo-Poderoso: "*Minha querida, em breve visitarei meu servo José e manifestarei a ele, por meio de meu anjo, o que agora é desconhecido para ele. Eu o encherei com meu espírito e o tornarei capaz de desempenhar sua parte nesses mistérios.*"

Maria respondeu com humilde gratidão: "*Confio em Tua infinita sabedoria, pois acredito que José deve passar por suas provações para que possa possuir a fortaleza necessária para a jornada que Tu nos destinaste. Por Tua compaixão e misericórdia, eu Te dou grandes graças.*"

Algumas noites depois, José se revirou e se revirou em seu quarto até que finalmente sucumbiu ao sono profundo. Naquele sono, um anjo passou por ele, transmitindo tudo o que o Senhor havia decretado. Ao nascer do sol, quando ele abriu as janelas e deu boas-vindas ao novo dia, uma percepção repentina e profunda encheu sua alma — sua amada Maria seria de fato a verdadeira Mãe de Deus. Vencido, ele caiu de joelhos em oração, exclamando: "*Oh, meu Altíssimo, por Sua morada e por Sua Mãe: como eu, um escravo tão indigno, ousei duvidar de Tua fidelidade? Por que não fiz do meu mais sincero cuidado servir a Ti de joelhos? Querido Senhor, concede-me a graça e a força para buscar seu perdão; e move seu coração à misericórdia para que ela não despreze este triste servo.*"

Antes que Maria acordasse, José, nas horas calmas da madrugada, desembrulhou um pequeno embrulho

que havia preparado e vagou pela casa em lágrimas, colocando os cômodos em ordem - esfregando o chão e cuidando de tarefas que antes eram somente de Maria. Quando Maria finalmente se levantou, José gentilmente bateu na porta dela e entrou, caindo de joelhos aos pés dela. Com uma voz pesada de contrição, ele disse:

" Minha Senhora e Esposa, verdadeira Mãe do Verbo eterno, pelo amor de Deus e de nosso Senhor, eu te suplico que me perdoes. Não duvido que tenhas conhecimento de todos os meus pensamentos, o que me enche de vergonha ainda maior. Não me levantarei destes joelhos até que me assegures teu favor, perdão, boa vontade e bênção."

Maria, com os olhos suaves de compaixão, respondeu: *"Eu também, meu mestre e companheiro, devo pedir-te perdão pela dor e tristeza que suportaste por minha causa. Eu vi e senti a profundidade do teu sofrimento. Embora eu desejasse revelar a razão do sacramento oculto, não me cabia revelá-lo até que a obra da vontade santa e perfeita estivesse completa. Nunca foi que eu não te estimasse como meu senhor e esposo que eu permaneci em silêncio."*

Comovido por suas palavras, José murmurou: *"Bendita és tu entre todas as mulheres. Em nenhuma Ele magnificou Seu nome como fez em tua humildade; e em mim, a mais insignificante dos vivos, Ele, em Sua divina condescendência, escolheu-te como Seu servo."*

Naquele momento, quando Maria começou a recitar o Magnificat - um hino que ela frequentemente cantava durante sua visita a Elisabete - uma transformação milagrosa tomou conta dela. Ela se tornou inflamada com um êxtase transcendente, e um globo radiante de luz a envolveu, transfigurando-a com os dons da glória. José, testemunhando esse esplendor divino, permaneceu de joelhos e levantou suas mãos em exaltação à sua Rainha. Em uma visão final e de tirar o fôlego, ele olhou para o ventre de Maria e viu o Menino Jesus, brilhando com a mesma luz magnífica - um sinal do cumprimento de toda promessa divina.

CAPÍTULO QUATORZE

A VIAGEM PARA BELÉM

No coração de Nazaré, as ruas pulsavam com vida — uma sinfonia caótica de carroças barulhentas, mercadores gritando e o arrastar rítmico de incontáveis pés. O ar estava denso com o cheiro de especiarias, suor e o leve cheiro de poeira levantado pelo movimento incessante. Em meio ao clamor, a voz de um arauto se elevou acima do barulho, aguda e autoritária, anunciando um novo decreto do Imperador Augusto. As palavras repercutiram na multidão como uma onda de choque: um censo seria feito, exigindo que todas as almas dentro do vasto Império Romano fossem contadas. A notícia se espalhou rapidamente, agitando uma mistura de murmúrios, gemidos e sussurros apressados. As famílias pararam em suas rotinas diárias, seus rostos marcados com preocupação e cálculo. Jornadas precisariam ser planejadas, vidas arrancadas e longas estradas percorridas — tudo para cumprir a vontade de um império que estendia sua mão em cada canto de suas vidas. O peso do decreto pairava no ar, um lembrete do poder distante que moldou seus destinos.

Maria falou suavemente, sua voz cheia de compreensão silenciosa. Ela explicou que esse censo, ordenado pelo imperador, era parte de um plano maior — um plano estabelecido por Deus. José, sem saber do

significado mais profundo, preparou-se para viajar sozinho para Belém, a cidade onde todos de Nazaré eram obrigados a se registrar. Mas Maria sabia a verdade. Há muito tempo, havia sido profetizado que o Filho de Deus, o Unigênito, nasceria em Belém. Ela carregava esse conhecimento sagrado, ciente de que seu filho entraria no mundo não em grandeza, mas em simplicidade e humildade, escondido dos olhos dos poderosos. Embora Sua chegada fosse silenciosa, cumpriria promessas feitas muito antes, marcando o início de algo extraordinário. Mais tarde, na modesta casa que compartilhavam, enquanto se sentavam juntos à mesa, José falou com terna preocupação: *"Não ouse levá-la em uma jornada tão longa, mas não ouse deixá-la sozinha. Eu não poderia viver sem você e não descansaria um momento longe de você."* Maria, com gentil deferência, permitiu que ele assumisse a responsabilidade de liderar a família — uma decisão que já havia sido tomada há muito tempo, embora oculta do seu conhecimento.

No dia da partida, a cidade estava cheia de pessoas cumprindo o decreto imperial. José vasculhou as ruas movimentadas, indo de uma perspectiva para outra, procurando desesperadamente uma mula para aliviar o fardo de sua esposa grávida. Finalmente, ele encontrou um homem disposto a ajudar. *"Por favor, senhor, minha esposa está grávida; é muito longe para ela andar. Eu construirei para você um novo jugo para seus bois em troca"*, José implorou. O homem

respondeu com um sorriso irônico: " *Um novo jugo e uma nova bacia para buscar água também! Vá, pegue. Ele é velho, espero que não morra no caminho!*" Com otimismo determinado, José assegurou-lhe: " *Confie que você será recompensado por este feito! Além disso, bem recompensado*", e levou a mula embora, ansioso para se reunir com Maria.

Logo, o casal partiu na estrada para Belém. A princípio, eles pareciam estar viajando sozinhos, mas conforme avançavam, uma visão maravilhosa se desdobrou: milhares de anjos, enviados por Deus, os acompanharam em sua jornada. Alguns assumiram a forma humana e eram visíveis apenas para Maria, que, quando não estava montando na mula, caminhava entre esses seres radiantes - sua própria luz interior se misturando com o brilho celestial. Eles passaram por várias pequenas aldeias em busca de descanso, mas porta após porta estava fechada para eles. Em uma estalagem, o guarda resmungou: " *Você não pode esperar que eu permita que gente como você entre aqui.*" Mas sua esposa intercedeu suavemente: " *Senhor, olhe para ela. Ela é jovem e está perto de sua hora. Deixe-a pelo menos descansar contra a parede. Ela pode sentar no chão, e ele pode descansar na terra lá fora.*" Seguindo a orientação silenciosa da mulher, José levou Maria para um corredor estreito, onde a ajudou a se acomodar no chão frio de pedra. Assim que sua cabeça se abaixou contra a parede e seus olhos se fecharam, o estalajadeiro gritou: " *Vá em frente, você*

ouviu minha senhora - saia! Saia! Ou eu a jogarei para fora também." José foi forçado a abandoná-la, mas Maria não estava sozinha; seus guardiões angelicais a levantaram gentilmente, protegendo sua cabeça da pedra áspera enquanto a observavam.

No terceiro dia, o clima ficou ruim. Um vento terrível e uma chuva torrencial castigavam a estrada, e Maria, visivelmente exausta, lutava para permanecer sentada na mula. Nas garras da tempestade, ela escorregou e tropeçou na lama enquanto o animal disparava para longe de seu alcance. Com rápida determinação, José correu para o lado dela, levantando-a em seus braços e carregando-a para o abrigo de uma árvore próxima. Gentilmente, ele a deitou no chão e juntou galhos caídos para protegê-la dos elementos implacáveis. Caindo de joelhos, ele orou fervorosamente: "*Deus Todo-Poderoso, Aquele que você escolheu como a porta para a salvação do homem não deveria estar livre de tanto sofrimento e desconforto? Eu imploro, poupe-a disso em tal momento. Permita-me andar em torrentes, mas deixe o sol sair e secar suas vestes encharcadas.*"

Milagrosamente, como se em resposta, a tempestade diminuiu; o vento diminuiu, a chuva cessou e o sol irrompeu em brilhante clareza. José removeu os galhos de Maria e, diante de seus olhos, suas roupas secaram. Até a mula retornou, sacudindo a água e, por um breve momento, eles compartilharam uma risada gentil.

"Minha esposa muito cansada e paciente, você poderia ir um pouco mais longe? Então, de manhã, partiremos cedo e chegaremos ao nosso destino no final do dia ", ele disse. Maria estendeu a mão, respondendo com calor, "Eu preciso apenas da sua mão para me levantar e andar. Esta pequena cidade de Belém parecerá uma grande cidade quando a virmos. Você não vai cavalgar um pouco, José? Você andou a jornada inteira; você deve estar exausto."

Ele concedeu: *" Daremos um descanso à fera; ela ainda parece abalada pela tempestade. Venha, caminharemos juntos. Posso falar enquanto caminhamos?"* Maria assentiu: *"Diga o que seu coração e mente precisam, meu devotado esposo."* Com um suspiro pesado, José confessou: *" Por que eu? Por que, um ser tão humilde e indigno, cheio de imperfeições, quando há outros mais adequados?"*

Maria, com a voz imbuída de uma tranquila segurança, rebateu: *"Você acha que nosso Senhor não sabe quem Ele escolheu? Que seu coração e mente — formados por Sua própria mão — são da maior nobreza para servir a Seu Filho?"*

Então, com um toque de tristeza, ele acrescentou: *"Mas e quanto a servir você? Você nutre a criança em seu ventre. Você é a força vital Dele. Você, que é tão estimada por nosso Deus - como eu posso servi-la? Eu mal posso providenciar uma besta para você viajar quando é tão aparente que sua hora está próxima. Eu falhei miseravelmente com você, não foi?"*

Maria pegou sua mão, respondendo gentilmente: *"Quais partes desta jornada você acha que são desconhecidas para o Todo-Poderoso? Não é pelo número de posses ou moedas em sua mochila que você é considerado digno, José. Nenhum outro companheiro poderia ser mais atencioso. Nenhum outro poderia ser um companheiro melhor e mais amoroso."*

Quando a primeira luz do amanhecer surgiu no céu, pintando o horizonte em tons de dourado e âmbar, Maria e José partiram mais uma vez, seus passos cansados os levando para mais perto de Belém. O sol subia firmemente, seu calor pressionando a estrada empoeirada conforme as horas se estendiam. No início da tarde do quinto dia, a silhueta de Belém finalmente surgiu à distância, um aglomerado de prédios baixos de pedra aninhados entre colinas ondulantes. A vila fervilhava de vida, viva com o clamor de viajantes que tinham vindo de longe. Carroças rangiam sob o peso dos pertences, mulas zurravam impacientemente e crianças corriam pelas ruas estreitas, suas risadas ecoando como música. Pais chamavam uns aos outros, suas vozes tingidas de urgência enquanto procuravam abrigo nas pousadas lotadas. Belém, embora pequena, pulsava com uma energia caótica, um palco humilde preparado para algo extraordinário. Maria e José seguiram em frente, seus corações pesados de exaustão, mas cheios de determinação silenciosa, enquanto a promessa da cidade — e seus desafios —

os atraíam. José disse com determinação esperançosa: "*Há muitas moradias. Sei que encontraremos uma alma gentil que nos dará abrigo para a noite. Vamos começar. Eu deveria lavar meu rosto e parecer mais apresentável, não? Pronto, pronto — venha.*" Levando a mula até uma fonte pública de água, José jogou água em seu rosto.

Uma multidão próxima explodiu em gargalhadas. Um homem zombou: "*Ele se lava na água destinada aos nossos animais. Acho que serve para os semelhantes a eles.*" Uma mulher acrescentou: "*Talvez eles gostem de um pouco de grãos para acompanhar a água?*" Outro homem gritou: "*Pelo menos deixe o de quatro patas engolir, cara!*"

Em meio às risadas, Maria enxugou ternamente o rosto de José com um pedaço de seu manto e gentilmente pediu: "*Venha; vamos encontrar um lugar para ficar antes que escureça.*"

Eles se moviam de porta em porta por toda a cidade, cada tentativa era rejeitada. Algumas portas eram batidas em seus rostos, e eles passavam por muitos outros que compartilhavam sua situação, indesejados e sem abrigo. Quando o crepúsculo caiu e a lua substituiu o sol, eles chegaram ao extremo da vila, onde ficava uma última estalagem. "*Certamente, eles mostrarão misericórdia. Eu irei e garantirei um quarto para você*", declarou José.

Ele se afastou, deixando Maria descansando nas costas da mula do lado de fora da estalagem. Mas momentos depois, o estalajadeiro jogou José na rua. *"Eu disse que não tenho espaço. Além disso, mesmo que tivesse, não deixaria gente como você entrar aqui. Eu disse para você ir para a caverna - é melhor para você. Saia!"* ele berrou, batendo a porta. Correndo para o lado dele, Maria encontrou José de joelhos, o rosto enterrado em suas mãos trêmulas enquanto ele chorava. *"Minha preciosa, meu coração está partido por não poder encontrar abrigo para você em uma habitação quente para a noite"*, ele lamentou. Maria, com uma resolução serena, respondeu: *"Que suas lágrimas de tristeza se transformem em lágrimas de alegria. Vamos abraçar amorosamente a pobreza, que é o tesouro inestimável e precioso do meu Filho santíssimo. Agora, o que dizer desta caverna que o estalajadeiro mencionou? Não é uma habitação? Ela nos protegerá do frio crescente. Vamos alegremente aonde quer que o Senhor nos leve."*

Guiados por forças além da vista, Maria e José vagaram por uma floresta serena, onde o ar parecia zumbir com uma energia silenciosa e sagrada. Acima deles, as árvores se separaram como se fosse um projeto, revelando um caminho iluminado por um brilho suave e radiante. Seres celestiais, suas formas brilhando como a luz das estrelas, moviam-se graciosamente à frente, iluminando o caminho com um calor etéreo. Os anjos os levaram a uma caverna

isolada, sua entrada brilhando com uma luz suave e sobrenatural que se derramava no chão da floresta. Lá dentro, as hostes celestiais se moviam com propósito, sua presença preenchendo o espaço com um senso de reverência e antecipação. Eles estavam preparando a humilde caverna, transformando-a em um santuário adequado para a chegada de sua rainha. O próprio ar parecia prender a respiração, como se a terra e os céus estivessem preparados para o momento em que o divino tocaria o comum da maneira mais extraordinária. Este lugar era considerado indigno por todos os outros na cidade. Ninguém se rebaixaria tanto a ponto de fazer uso dela para tal propósito, exceto os professores da humildade e da pobreza - Cristo, nosso Salvador, e sua Mãe puríssima. Pois a sabedoria do Pai Eterno a reservou para eles. Ele a consagrou em toda a sua nudez, solidão e pobreza como o primeiro templo de luz, e como a casa do verdadeiro Sol da justiça, que deveria surgir para os retos de coração da resplandecente Aurora Maria, transformando a noite do pecado na luz do dia da graça.

E assim, naquela humilde caverna — um santuário improvável preparado por mãos divinas — os viajantes cansados encontraram abrigo, marcando um momento crucial no cumprimento de uma antiga profecia e o início de um novo capítulo na história sagrada da esperança.

CAPÍTULO QUINZE

O NASCIMENTO DE CRISTO

Maria e José entraram na caverna em reverência silenciosa, caindo de joelhos para agradecer pelas bênçãos concedidas a eles. No brilho suave do fogo que José acendeu para se aquecer, Maria - acompanhada pela presença gentil de seus guardiões angelicais, que entenderam o milagre que logo se desenrolaria, começou a preparar o ambiente humilde com suas próprias mãos. Sentindo os movimentos do parto iminente, ela pediu a José que descansasse. "*A noite já passou, e você deve estar precisando de descanso. Durma, José*", ela disse ternamente.

Obedecendo ao seu apelo, José começou a fazer um modesto sofá com os poucos artigos de roupa que eles trouxeram para Maria. Ele até fez uso de um pequeno berço deixado por pastores para seus animais, arrumando-o cuidadosamente dentro da caverna para fornecer conforto para sua amada. Uma vez que sua tarefa foi concluída, ele deixou Maria naquele canto tranquilo da caverna e se retirou para um recanto abrigado perto da entrada. Lá, ele se ajoelhou em oração e, ao fazê-lo, um espírito divino desceu, colocando-o em um estado de sono exaltado e abençoado.

Maria também permaneceu absorta em oração. Na quietude do espaço sagrado, a voz de Deus ressoou ao seu redor: "*O tempo está agora próximo para a vinda de nosso Filho. Eu renovo em você todo o conhecimento da Divindade e da humanidade deste nosso filho - o Cordeiro de Deus que tirará os pecados do mundo. Feliz sou eu que chamei você e você respondeu sim, pois você, minha Amada, me agrada além da comparação.*"

Em resposta, Maria curvou a cabeça e sussurrou: "*Peço ao meu Senhor Deus por nova luz e graça, para que eu possa dignamente levantar o Verbo feito carne, a quem devo gerar e nutrir.*" Então a voz continuou com autoridade gentil: "*Levanta-te, Maria, pois tu és a Mãe de Deus.*" Maria permaneceu extasiada neste estado de iluminação divina, até que sentiu a presença da criança dentro de seu ventre. Os movimentos suaves sinalizaram o nascimento iminente - um movimento que não causou dor, mas a encheu de profunda admiração.

Fora do círculo radiante de luz que a envolvia, os arcanjos Gabriel e Miguel tinham assumido a forma humana, esperando em silenciosa antecipação pelo momento de revelar sua tarefa sagrada. Maria ajoelhou-se em silenciosa admiração, suas mãos pressionadas juntas em seu peito, seu rosto brilhando com uma luz radiante e sobrenatural. Seu coração se encheu de admiração quando uma luz brilhante e pura começou a brilhar de dentro dela — uma luz que

parecia vir de sua própria alma. Ela ficou mais e mais brilhante, tão intensa que superou qualquer coisa que o olho humano pudesse suportar. Então, do brilho cintilante, os arcanjos Miguel e Gabriel deram um passo à frente, suas formas majestosas irradiando reverência e graça. Eles se ajoelharam diante dela, seus movimentos fluidos e deliberados, e com as mãos estendidas, formaram um berço de luz e ar. Naquele momento de tirar o fôlego, o brilho luminoso do ventre de Maria fluiu para o berço que eles haviam feito. E ali, nos braços dos anjos, a luz tomou forma, transformando-se na forma de uma criança recém-nascida. O Menino Jesus, a Luz do Mundo, havia surgido, Sua presença enchendo a humilde caverna com uma paz e glória que transcendia todo entendimento. Naquele momento, os coros de anjos cantaram os hinos mais magníficos já ouvidos. Dos braços estendidos dos arcanjos, o bebê recém-nascido foi ternamente colocado nos braços de sua mãe. Enquanto Maria e seu filho se olhavam, um amor tão profundo e transformador passou entre eles que elevou suas próprias almas. Na comunhão silenciosa de seus corações, o bebê falou: *"Mãe, torne-se semelhante a Mim, pois neste dia você deu à raça humana o maior presente. Eu lhe concedo uma graça exaltada, transformando sua existência, para que você possa compartilhar da Minha semelhança como Deus e Homem."*

Maria, com um sorriso gentil e devoção inabalável, respondeu: "*Eleva-me, Senhor, e correrei atrás de Ti.*" Então a criança continuou: "*Eis, minha amada, pois és belo.*" E na plenitude daquele momento sagrado, a voz de Deus interveio: "*Maria, recebe teu Filho Unigênito, imita-O e cria-O; e lembra-te, quando eu exigir, tu deverás sacrificá-lo.*"

Cheia de amor, Maria embalou a criança perto e beijou seu rosto terno com uma ternura conhecida apenas pelo coração de uma mãe. Segurando-o em seus braços, ela se tornou o primeiro altar sobre o qual ele foi colocado. Naquele momento milagroso, os céus pareceram se abrir, e pessoas de perto e de longe vieram testemunhar a salvação da humanidade na forma desta nova vida.

José, despertado de seu sono abençoado pela agitação da alegria divina, levantou-se e lágrimas de adoração em seus olhos, contemplou o recém-nascido. A pedido gentil de Maria, ele entregou a ela as roupas de embrulho e enfaixamento que eles trouxeram. Com muito cuidado, ela vestiu seu filho, arrumou palha e feno sobre uma pedra plana e o deitou. Então, com terna autoridade, ela ordenou que os bois e a mula se deitassem de cada lado do berço, para manter a criança aquecida e protegê-la do frio da noite.

Lá fora, o céu noturno estava vivo com estrelas cintilantes, a estrela do norte brilhando intensamente sobre toda a terra. Movida pela maravilha do momento, Maria falou suavemente com seus companheiros

celestiais: " *Devemos proclamar seu nascimento, meus amigos celestiais. Vão, contem àqueles a quem vocês foram instruídos por Deus para contar.*" Com esse comando, o arcanjo Miguel disparou para os reinos sagrados onde os santos patriarcas - Enoque e Elias - e as veneráveis figuras Joaquim e Ana aguardavam, enquanto outro anjo partiu para dar a notícia a Isabel e seu filho, João. Enquanto isso, Gabriel foi despachado para um campo para anunciar o evento maravilhoso aos pastores, que logo se viram envolvidos pela luz radiante do anjo.

"*Homens retos, não temais*", proclamou Gabriel, sua voz ecoando sobre a noite silenciosa. "*Pois eu vos anuncio novas de grande alegria: hoje, na cidade de Davi, nasceu o Redentor, Cristo, nosso Senhor. Como sinal desta verdade, encontrareis o infante envolto em faixas e colocado numa manjedoura.*" Em resposta, um magnífico coro de anjos irrompeu em cânticos, cantando: "*Glória a Deus nas alturas, e paz ao seu povo na terra!*"

À medida que a noite gradualmente dava lugar ao dia, visitantes começaram a entrar e sair da humilde caverna. No oitavo dia, Maria chamou José: "*Embora saibamos que Ele foi concebido sem pecado, Ele nasceu neste mundo como homem. E neste mundo, o homem deve ser purificado pelo rito da circuncisão.*" José respondeu: "*Eu irei e retornarei com um padre. Primeiro, Seu nome deve ser conhecido. Quando o santo anjo me informou deste grande evento, ele*

também me disse que o Filho sagrado deveria ser chamado Jesus." Maria assentiu em concordância, acrescentando suavemente: "Este foi o mesmo nome revelado a mim quando Ele assumiu a carne em meu ventre."

Enquanto os dois pais santos conferiam, inúmeros anjos desceram dos céus em forma humana, vestidos com vestes brancas brilhantes intrincadamente bordadas com vermelho. Eles carregavam palmas em suas mãos, suas cabeças adornadas com coroas, emitindo um esplendor que rivalizava com o próprio sol. Na vanguarda estavam os arcanjos Miguel e Gabriel, que juntos apresentavam um sinal de beleza requintada. um sinal sobre o qual estava escrito o santo nome de Jesus em uma escrita resplandecente. Miguel falou com autoridade gentil: *"Minha Senhora, este é o nome do teu Filho, escrito na mente de Deus desde toda a eternidade. A bendita Trindade concedeu-o ao Filho Unigênito, nosso Senhor, como o sinal de salvação para toda a raça humana. Estabeleça-o imediatamente no trono de Davi."* Gabriel acrescentou: *" Pois Ele reinará sobre ele, castigará Seus inimigos, triunfará sobre eles e os fará Seu escabelo, julgando-os. Ele elevará Seus amigos à glória de Sua mão direita. Mas tudo isso virá ao custo de sofrimento e sangue - Ele está destinado a derramá-lo ao receber este nome, pois marca o início de Seus sofrimentos em obediência à vontade de Seu Pai eterno. Depois disso,*

Ele ascenderá triunfantemente à Jerusalém celestial e abrirá os portais do céu."

Assim, na sagrada quietude daquela caverna, em meio à luz divina e ao esplendor angelical, o humilde nascimento do Salvador foi celebrado, um milagre que alteraria para sempre o destino da humanidade.

CAPÍTULO DEZESSEIS

A APRESENTAÇÃO

José, ajoelhando-se diante do bebê embalado nos braços de Maria, deixou a caverna em um estado de humilde adoração. Nós o seguimos enquanto ele saía para a noite fria, indo em direção à movimentada vila. Logo ele retornou acompanhado por um padre, e em uma pequena e modesta cerimônia, o rito da circuncisão foi realizado na criança. Durante todo o rito, Maria segurou seu filho perto, seus olhos cheios de uma resolução serena enquanto o ritual sagrado se desenrolava.

O Filho de Maria ofereceu ao Pai Eterno três sacrifícios de valor inestimável. Primeiro, embora inocente e Filho do Deus verdadeiro, Ele assumiu a condição de pecador ao se submeter a um rito concebido como remédio para o pecado original - uma lei que não O vinculava. Segundo Ele suportou voluntariamente as dores da circuncisão, experimentando-as como um homem verdadeiro e perfeito. Terceiro, Ele demonstrou o amor mais ardente ao começar a derramar Seu sangue pela raça humana, ao mesmo tempo em que dava graças ao Pai Eterno por conceder-lhe uma natureza humana capaz de sofrer por Sua exaltação e glória.

Quando o padre perguntou: "*Que nome você dá à criança?*", Maria e José responderam em uníssono:

"Jesus é o nome dele." O padre cuidadosamente inscreveu o nome em uma tábua e continuou: *"Estou convencido de que esta criança será um grande profeta do Senhor. Tenha cuidado ao criá-lo."* Com essa solene incumbência, e depois de receber presentes de velas e outros modestos presentes de simpatizantes, o padre partiu, deixando a Sagrada Família em sua silenciosa reverência.

À medida que o sol se punha, pintando o céu em tons profundos de laranja e roxo, o contorno sombrio de uma caravana apareceu no horizonte, movendo-se firmemente para o leste. Eles seguiram a orientação de uma única estrela radiante, uma estrela que brilhava mais forte do que todas as outras, fixada inabalavelmente acima do lugar onde a criança havia nascido. No dia seguinte, três reis sábios, cada um deles um governante de grande renome, chegaram à caverna com sua comitiva de servos. Os servos conversavam e se maravilhavam com a estranha e sagrada cena diante deles, mas os reis se portavam com reverência silenciosa. Eles deram um passo à frente, suas vestes arrastando atrás deles, e entraram na caverna com graça solene. Sem hesitar, eles se ajoelharam diante de Maria, suas cabeças abaixadas em humildade. Um por um, eles estenderam a mão para beijar sua mão em um gesto de profundo respeito. Mas Maria, com um movimento gentil, mas firme, retirou sua mão e, em vez disso, estendeu a pequena mão de seu filho recém-nascido. Naquele ato simples, ela não lhes ofereceu sua própria

honra, mas o presente sagrado do Menino Jesus, aquele que eles tinham viajado tanto para adorar. *"Meu espírito se alegra no Senhor, e minha alma O bendiz e exalta"*, disse Maria suavemente. *" Pois entre todas as nações, Ele os chamou e escolheu para contemplar aquilo que muitos reis e profetas ansiaram em vão ver."* Os magos a parabenizaram com palavras de admiração antes de partir, seus rostos iluminados de espanto, um forte contraste com a confusão de seus servos, que não tinham testemunhado a cena milagrosa. Eles seguiram para se hospedar na cidade, seus corações tocados pelo que tinham testemunhado.

Mais tarde naquele dia, reunidos em volta de uma mesa em uma sala modesta em uma estalagem, os três reis compartilharam seus pensamentos. Um refletiu: *"Que sentimento é esse? Um amor mais profundo por um rei que eu nunca conheci - o que nos move tão profundamente?"* Outro respondeu: *"Sua grandeza está velada sob pobreza e humildade, um mistério além da compreensão mortal."* Um terceiro acrescentou: *"Oh, que todos possam compartilhar dessa alegria tão livremente!"* O primeiro rei concluiu: *" Eles precisam de conforto; vamos enviar nossos servos de volta com presentes que aliviarão seus fardos."*

Lá fora, perto da caverna, os servos dos magos entregaram suprimentos a José, que os aceitou com gratidão silenciosa. No dia seguinte, os reis sábios retornaram para se despedir do novo Rei. Eles apresentaram os presentes tradicionais de ouro, incenso

e mirra e até ofereceram pedras preciosas destinadas a uma princesa. No entanto, Maria, com firmeza gentil, recusou as pedras preciosas e, em vez disso, concedeu a cada um deles o presente mais valioso que ela poderia oferecer. Uma pequena vestimenta que enfeitava a pele macia de seu filho pequeno.

"A cada um de vocês, dou esta vestimenta, um tesouro que tocou a pele do Deus Menino", ela disse. O primeiro Rei maravilhou-se, *"Mais precioso que ouro ou prata, este tecido me ligará em serviço à Sua Realeza por todos os meus dias."* O segundo Rei sugeriu, *"Vamos fornecer-lhes uma propriedade que possa abrigá-los mais adequadamente."* O terceiro Rei rebateu, *"Ou talvez devêssemos construir uma habitação digna de sua sagrada família."* Maria sorriu calorosamente e respondeu, *"Obrigada, homens mais gentis e generosos, mas nossas necessidades são poucas e atendidas por nosso Senhor. Buscar mais seria desafiar Sua sabedoria. Seus feitos não passarão despercebidos."* José acrescentou, *"É uma pena que vocês não possam ficar mais tempo; devemos apresentar a criança no templo depois de amanhã. Que sua jornada de volta seja segura, e seus caminhos sejam ricamente recompensados."*

Naquela noite, antes da apresentação do bebê no templo, Maria ajoelhou-se em fervorosa oração. *"Meu Senhor "*, ela sussurrou, *" amanhã será um dia festivo para o céu e para a terra. Você O deu a mim como Deus, e eu O devolvo a Você como Deus e homem. Derrame*

Suas misericórdias sobre a humanidade - perdoe os pecadores, console os aflitos, ajude os necessitados, enriqueça os pobres, socorra os fracos, ilumine os cegos e abrace aqueles que se desviaram. Peça isso em nome do Seu Unigênito, que por Sua vontade também é meu Filho." Um halo de luz cercou a jovem mãe enquanto ela pedia a Deus em nome de toda a humanidade.

No dia seguinte, quando a Sagrada Família e bandos de anjos se aproximou dos portões do templo, Maria se juntou à companhia de mulheres devotas enquanto José caminhava com os homens reunidos. Aproximando-se deles estava Simeão, o sumo sacerdote, guiado pelo Espírito Santo, junto com Ana, a reverenciada professora de Maria. Eles avançaram em direção ao casal, e Maria gentilmente entregou a criança a Simeão. Levantando a criança, Simeão levantou os olhos para o céu e proclamou: "*Agora, ó Senhor, Tu preparaste e colocaste diante de todos os mortais Tua luz divina para que ela possa brilhar sobre o mundo, concedendo orientação e salvação a todos que a buscam. Esta é a luz revelada até mesmo aos gentios, para a glória do Teu povo escolhido, Israel!*" Ele continuou: "*Eis que esta Criança está destinada tanto à queda quanto à ressurreição entre muitos em Israel, e Sua presença é um sinal que será recebido com contradição. Além disso, uma espada trespassará sua alma, Maria, para que os corações de muitos sejam expostos."*

Naquele momento, os olhos de Maria estavam cheios de tristeza ao contemplar visões da vida de seu filho, da infância à idade adulta, do sofrimento e humilhação que ele suportaria e, finalmente, de Sua morte na cruz. Lágrimas silenciosas escorriam por suas bochechas, mas quando Simeão devolveu a criança a ela, um leve sorriso de aceitação enfeitou seu rosto. No fundo, a criança falou com ela em uma comunhão interior: "*Querida Mãe, embora você deva sofrer muito por mim, tenha coragem; meu amor - o amor de Deus por você - é maior do que o próprio universo. Juntos, expiaremos os pecados da humanidade e juntos guiaremos aqueles que buscam refúgio nos braços abertos de Nosso Pai.*"

Após a cerimônia, Ana, a profetisa, dirigiu-se à multidão reunida, declarando: "*Eis aqui o Menino, pois Ele é a Luz do Mundo, o Messias prometido que veio para cumprir a promessa de salvação de Deus.*"

Mais tarde, no silêncio da caverna, Maria falou suavemente com José, que embalava Jesus em seus braços. "*Desejo fazer uma novena pelos próximos nove dias no templo*", disse ela. José, sempre pragmático, respondeu: "*Depois disso, devemos retornar para nossa casa em Nazaré. Eu me pergunto, minha esposa santíssima, devo ensinar a Ele meu ofício de carpintaria? Como mãos tão preciosas podem segurar madeira bruta e ferramentas afiadas?*" Maria sorriu gentilmente e respondeu: "*Ele aprenderá, meu amado. Ele conhecerá madeira bruta, assim como você.*"

A cena mudou para o interior do templo, onde Maria, a criança e Ana estavam em profunda oração. De repente, um olhar de medo cruzou o rosto de Maria.

"O que é que te incomoda?" Ana perguntou. "Não podemos completar este quinto dia da nossa novena", Maria sussurrou. "Temos que partir imediatamente. "

Ana a consolou: *"Vá, retorne para sua morada. Vou preparar suprimentos para sua jornada. Não preciso perguntar para onde ou quando você parte, pois a mensagem em seus olhos é clara e muito perturbadora."*

Abraçando seu filho, Maria saiu do templo às pressas.

Lá fora, no caminho, enquanto Maria corria com o bebê firmemente segurado, um preocupado José a interceptou no meio do caminho. *"Devemos nos preparar para partir imediatamente", ele insistiu. "Um anjo me apareceu com uma mensagem assustadora: Herodes soube do nascimento de Jesus e, temendo por sua própria realeza, ordenou que todas as crianças do sexo masculino com menos de dois anos fossem massacradas."* Maria respondeu, sua voz tingida de tristeza: *"Eu também recebi esta mensagem. Quantos inocentes perecerão! Eles temem o Filho de Deus, sem saber que Ele também é o Filho do homem."*

José continuou: *"Devemos fugir para o Egito e permanecer lá até que seja seguro retornar. Partimos esta noite. Será uma longa jornada, minha amada. Diga-me, o que posso fazer para aliviar seu fardo? "*

Maria, com determinação silenciosa, disse: *"Nossa jornada não será sem conforto, José, pois você nos proporciona tanto consolo. Qualquer desconforto que encontrarmos, nós o abraçaremos, pois compartilhamos a dor de mães que sofrem muito."*

Assim, com os corações pesados, mas resolutos, eles se prepararam para embarcar em uma jornada longa e incerta, confiando na orientação e proteção do Divino.

CAPÍTULO DEZESSETE

VIAGEM AO EGITO

Sob a luz tênue de uma lua crescente no céu escuro, as figuras da Sagrada Família mal podiam ser discernidas enquanto eles partiam em sua longa jornada. Maria, carregando ternamente o bebê em seus braços em cima de uma mula, e José, firmemente liderando o caminho, se afastaram do abrigo da caverna. Suas silhuetas se fundiram com a noite tranquila enquanto eles começavam a árdua jornada à frente.

Depois de vários dias na estrada, suas viagens os levaram aos arredores de Gaza. Lá, em meio às ruas empoeiradas e ao clamor cansativo da viagem, Maria observou José cambaleando de pura fadiga. A mula também estava cansada e teimosamente se recusou a se mover mais. Gentilmente, Maria se dirigiu a ele: "*José, você precisa descansar, e este pobre animal de carga não passará mais um dia sem a mesma consideração. Vamos parar aqui em Gaza por um dia ou dois. Seríamos bem-vindos na casa da velha amiga da minha prima Elisabete, Marta. Ela está sozinha agora que seu marido a deixou viúva; ela cuida dos doentes na aldeia, e eu poderia ajudá-la enquanto você descansa.*"

A estadia temporária os levou à modesta moradia de Marta, uma mulher idosa cujas mãos gentis há muito

cuidavam dos doentes. Em um de seus aposentos apertados, duas crianças extremamente doentes estavam deitadas em um catre estreito, seus rostos mortalmente pálidos e suas respirações difíceis quase inaudíveis. Marta consolou os pais perturbados, dizendo: *"Não há mais nada que possa ser feito. Mantenha-os confortáveis com esta erva - ela aliviará a tosse e os ajudará a respirar sem dor."*

Enquanto Marta falava, Maria ajoelhou-se ao lado da cama das crianças doentes. Tirando um pano da faixa de seu manto, ela o mergulhou em uma bacia de água próxima. Com cuidado terno, ela enxugou os lábios e testas de cada criança, então pegou suas pequenas mãos e gentilmente as pressionou em sua bochecha enquanto murmurava orações silenciosas. Gradualmente, a cor começou a retornar às suas bochechas, e sua respiração irregular se acalmou. No meio do alívio, o pai gritou em desespero, *"Eles não respiram mais!"* enquanto a mãe lamentava, *"Meus filhos, meus filhos."* Maria os tranquilizou suavemente, *"Não, venham, olhem. Eles não os deixaram. Eles responderam bem ao remédio. Crianças, abram seus olhos - mostrem a seus pais preocupados que vocês se sentem melhor."* Então, acenando para Marta, ela acrescentou, *"Vamos deixar este momento feliz, pois ainda temos mais para ver."* Marta, sua expressão uma mistura de prazer e confusão, respondeu, *"Sim, mais para ver."*

Guardando o frasco de remédio de volta no bolso do avental, Marta então ofereceu: *"Talvez você não precise disso, afinal. Venha, Maria, eu tenho uma pessoa que não consegue mover os membros para andar. Você poderia esfregar um pouco de pomada nela."* E com isso, a cena desapareceu enquanto o trabalho do dia continuava.

Logo, Maria e Marta se encontraram na casa de outra paciente, uma mulher de meia-idade chamada Helen, aleijada de nascença, com pernas murchas e inúteis. Em uma cabana pequena, desorganizada e suja, Helen estava deitada sobre um tapete gasto. Marta advertiu: *"Cuidado; não respire fundo aqui, pois não sei que doença anda por aí. Venho uma vez por semana para ver se ela tem roupas limpas, pelo menos."*

Tirando um fardo de roupas recém-lavadas de sua mochila, Marta começou a ajudar Helen. Maria se juntou a ela ao lado da mulher. De seu próprio avental, Maria retirou uma pequena garrafa, removeu sua tampa e despejou uma quantidade medida de líquido em suas mãos em concha. Com movimentos suaves, ela acariciou o rosto da mulher e então massageou o líquido nas pernas murchas de Helen. Milagrosamente, como se tocados pela graça divina, os membros lentamente recuperaram sua forma e força. Oprimida, Marta caiu de joelhos em admiração, exclamando: *"Quem és tu, mulher abençoada? Que poderes Deus te deu!"* Maria respondeu suavemente: *"Que fé Ele te concedeu, para que você pudesse ver o que está oculto."*

Fique quieta, querida Marta, pois minha família está aqui apenas por um dia. Não seria certo espalhar essas maravilhas tão amplamente."

Marta prometeu: *"Eu ficarei e ajudarei está a limpar sua cabana. Agora que ela pode andar, ela pode me ajudar a cuidar dos outros. Você deve retornar para sua família."* Com sincera gratidão, Maria se desculpou e, ao sair, a mulher curada se ajoelhou e beijou repetidamente as mãos de Maria.

Pouco tempo depois, a jornada de Maria a levou aos degraus de um templo próximo. Do lado de fora, ao lado de um muro em ruínas, várias pessoas sem-teto se reuniram em súplica desesperada por comida. Sem medo de sua situação, Maria se viu cercada pelos pobres e famintos. Um homem implorando implorou: *"Por favor, meu filho não come há dois dias - você tem algo para dar?"* Uma voz pequena e chorosa se juntou a ele: *"Comida, papai, comida."* Uma mulher próxima lamentou: *"Nossos vizinhos não passam de ratos que vasculham os barris de grãos. Por favor, deixe algo para os pequenos."*

Um dos homens que assistiam alertou: *"Tenha cuidado; eles podem morder sua mão!"* O grupo riu, e uma criança pequena, sem se deixar abater, correu para abraçar o homem, apenas para ser enxotada por uma perna trêmula. Maria ajoelhou-se ao lado da criança, pegou-a no colo e a confortou ternamente. Virando a criança para os homens, ela falou em um tom gentil, mas insistente: *"Olhe nos olhos dela - veja a fome ali."*

Coloque sua mão sobre ela, sinta a fragilidade de seu pequeno corpo. Se seu próprio filho estivesse com tanta fome e você não pudesse alimentá-lo, você não rezaria pela gentileza de outra pessoa? A comida que você joga fora em cada refeição é mais do que esta criança viu em uma semana inteira. O que a impede de sua mesa? Vejo compaixão em seus olhos. Agora é a hora, gentil senhor - agora é a hora." Comovido por suas palavras, um homem ofereceu algumas moedas de sua bolsa, e outro envolveu seu braço em volta de um pai destituído, instando-os a segui-lo. Com isso, Maria colocou a criança no chão, ajoelhou-se diante dos pais e abençoou suas mãos em gratidão.

Após vários dias de cura e serviço humilde, a Sagrada Família se preparou para retomar sua jornada. Na modesta casa de Marta, Maria montou na mula mais uma vez enquanto José lhe entregava o bebê. *"Obrigada, mais uma vez, Marta, por sua gentileza",* José disse agradecido. *"Embora eu tenha dormido a maior parte do tempo nos últimos dias, sou grato por minha amada ter tido uma companheira sábia e atenciosa."*

Marta sorriu calorosamente, *"Oh, sou eu quem mais sou grata. Agora, fique segura no deserto. Para onde você está indo, você disse?"* Maria respondeu, *"Não muito longe, Marta, e José estava certo, sua sabedoria tem sido uma verdadeira bênção nesta curta visita. Deus esteja com você."* Marta respondeu, *"E*

com você, meu abençoado amigo," e com isso, eles se separaram.

A Sagrada Família avançou para a vasta e inflexível extensão do Deserto de Bersabe, na Palestina. O frio de fevereiro tomou conta do ar, e o deserto se estendia infinitamente diante deles — um mar de areias áridas que não oferecia refúgio, nem consolo. O vento uivava como uma fera selvagem, suas rajadas furiosas chicoteando o vazio, abafando até mesmo as vozes de José e Maria enquanto tentavam falar. A tempestade parecia viva, seus sussurros carregando o peso assustador do vazio. Então, através do caos rodopiante, um pequeno sopé surgiu à distância — uma tênue promessa de abrigo. A voz de José cortou a tempestade, urgente e determinada: *“Lá! Lá! Encontraremos abrigo!”*

Os gritos do bebê perfuravam o ar, frágeis, mas insistentes, enquanto Maria lutava para proteger seu filho dos ventos implacáveis e cortantes. Ela desmontou da mula, seus passos cansados vacilando sob a liderança de José, e seguiu em frente a pé. Um braço embalava seu recém-nascido, o outro se estendia à frente, os dedos arranhando a tempestade como se quisessem afastar sua fúria. Passo a passo, eles avançaram em direção à encosta, o rugido do vento ficando abafado à medida que se aproximavam do abrigo. Finalmente, eles alcançaram o abrigo da colina, e a fúria da tempestade suavizou-se em um murmúrio.

Maria caiu no chão, seu corpo tremendo, mas suas mãos firmes enquanto ela acalmava seu filho. *"Silêncio agora, meu pequeno"*, ela sussurrou, sua voz um bálsamo suave contra o caos. O choro do bebê se aquietou, substituído pelos sons suaves da amamentação. Um leve sorriso tocou os lábios de Maria enquanto ela olhava para ele. *"Como você estava com fome, meu pobre cordeiro"*, ela murmurou. Ela se virou para José, sua voz gentil, mas firme. *"Durma, José. Eu vou ficar de guarda."*

José, com suas forças esgotadas, assentiu fracamente e caiu contra a encosta da colina. Sua cabeça descansou em seu parco fardo de pertences, sua respiração lenta e pesada. Maria o observou por um momento, então voltou seu olhar para seu filho, agora em paz no sono. Seu coração doía com o peso de sua jornada, mas também se inchava com uma esperança silenciosa e inabalável. O deserto se estendia infinitamente ao redor deles, mas naquele momento, dentro do abrigo da colina, havia uma paz frágil.

À medida que a Sagrada Família avançava mais fundo em sua jornada para o Egito, eles caminharam mais de cem extenuantes milhas pelo implacável Deserto de Bersama. Cada dia se estendia infinitamente, o sol brilhando no alto e as noites oferecendo pouco descanso. Maria e José se sustentavam com nada mais do que uma única refeição escassa, comida tarde da noite após horas de viagem exaustiva. Os elementos não mostraram piedade, e uma

noite, uma tempestade selvagem desceu sobre eles com fúria implacável. A chuva caía em lençóis, e o vento uivava como um espírito vingativo, dilacerando seus espíritos já abatidos.

Maria, embora firme em sua fé, não conseguiu proteger seu filho da ira da tempestade sem invocar o poder divino. A chuva encharcou suas vestes, grudando em sua pele como uma segunda camada de gelo. Seus braços tremiam enquanto ela embalava o bebê, seu pequeno corpo envolto em panos encharcados. Ele estremeceu violentamente, seus gritos perfurando a noite — agudos e desesperados a princípio, depois enfraquecendo, como se sua força estivesse se esvaindo. O coração de Maria se apertou de terror quando ela sentiu o frio penetrando em sua forma frágil. Ela olhou para seu rosto pálido, suas próprias lágrimas se misturando à chuva, e um desafio feroz e maternal surgiu dentro dela.

Erguendo os olhos para os céus furiosos, sua voz se elevou acima da tempestade, crua e autoritária: *“Eu ordeno a vocês, vento e chuva! Não aflijam meu filho, o Filho Unigênito de Deus! Se vocês devem liberar sua fúria, voltem-na contra mim, pois sou indigna ao lado Dele!”* Suas palavras soaram, um apelo desesperado envolto na autoridade do amor de uma mãe. A tempestade pareceu hesitar, sua fúria momentaneamente acalmada, como se os próprios elementos tivessem parado para atender seu grito. Maria agarrou seu filho mais perto, seu corpo tremendo

não de frio, mas do peso de seu sacrifício. Naquele momento, ela estava vulnerável e inflexível, um farol de devoção diante da ira da natureza. Em resposta ao seu apelo, um globo luminoso de luz cercou a criança em seus braços. Tão movido pelo amor de Sua Mãe, Jesus pediu que o exército de anjos que os acompanhava ampliasse o globo de luz para abranger Maria e José. Este milagre sustentou a Sagrada Família durante muitas provações em sua longa e traiçoeira jornada ao Egito.

Por fim, a Sagrada Família chegou ao Egito, seus passos cansados os levaram para uma terra sombreada pela escuridão. Muitos de seus habitantes estavam enredados, suas almas presas pelo aperto sinistro de Lúcifer e seus ministros malévolos. No entanto, quando Maria e José entraram nas cidades, um poder silencioso, mas profundo, agitou-se em seu meio. O menino Jesus, embalado nos braços de Sua Mãe, ergueu Seus pequenos olhos e mãos em direção aos céus, Seu olhar fixo em Seu Pai Celestial. Embora nenhuma palavra tenha passado por Seus lábios, Seu apelo silencioso ressoou com urgência divina, um chamado por misericórdia, por libertação, pela salvação daqueles presos no desespero.

Maria, sempre sintonizada com a missão sagrada de seu Filho, juntou-se a Ele nesta oração silenciosa. Seu coração, pesado de compaixão, batia em uníssono com o Dele enquanto ela oferecia sua própria súplica. Juntos, seus gritos silenciosos se ergueram como um

farol de luz, perfurando o véu de escuridão que pairava sobre a terra. Naquele momento, o próprio ar pareceu tremer com o peso de sua devoção, como se o próprio céu se inclinasse para ouvir seu apelo. As pequenas mãos do bebê, erguidas em inocência e poder, tornaram-se um símbolo de esperança, uma promessa de que mesmo nos lugares mais sombrios, a luz da salvação não poderia ser extinta. Os céus escuros do Egito logo se agitaram com nuvens de tempestade, relâmpagos e espíritos malignos sendo expulsos dos corpos dos oprimidos. Ídolos se despedaçaram, altares ruíram e templos caíram em ruínas enquanto o poder divino varria a terra. O povo egípcio, surpreso com esses acontecimentos inexplicáveis, começou a reconstruir suas cidades. Em meio ao caos, os estranhos - a Sagrada Família - se apresentaram para ajudar.

Enquanto trabalhavam ao lado dos moradores locais, Maria começou a falar das profecias de Isaías: *"Não foi predito que o Messias, Rei dos Judeus, viria, e que os templos dos ídolos seriam destruídos? Só existe um Deus verdadeiro, o Criador de todos os mistérios da vida. Olhe para seu filho - você não se maravilha com sua perfeição? Tão jovem, mas cheio de razão e força. E você, senhora, quando lava suas roupas no rio, não se maravilha com o fluxo vivificante que sustenta sua família? Ele, o único Criador do céu e da terra, moldou tudo com beleza e propósito, por amor a todos vocês. "*

Multidões se reuniam para ouvi-la falar e testemunhar os milagres - a purificação de demônios de ídolos e corpos possuídos, a cura de doenças graves, tudo auxiliado pelas orações fervorosas de seu Filho. Por fim, sua árdua jornada terminou quando a família se estabeleceu na cidade de Heliópolis. Eles fizeram sua casa em uma humilde morada de três cômodos: um cômodo se tornou um santuário para o Menino Jesus sob os cuidados de Maria, outro foi reservado como quarto de dormir de José, e o último serviu como sua modesta oficina de carpintaria.

Durante esses tempos difíceis, José encontrou trabalho escasso e frequentemente enfrentou rejeição, enquanto Maria, talentosa como costureira, reunia trabalho de costura de casa em casa. Em sua pequena casa, do amanhecer até o anoitecer, Maria trabalhava não apenas para suas necessidades diárias, mas também atendia ternamente a Jesus e apoiava José. Em momentos de silêncio no berçário, Maria se ajoelhava em oração, uma luz suave irradiando de seu coração e do de seu Filho, uma comunhão sagrada logo unida por uma terceira luz do alto, enquanto o Deus de Todos falava com eles.

Assim, em meio às dificuldades e à maravilha divina, a jornada da Sagrada Família continuou, um testemunho de fé, resiliência e do poder transformador do amor que mudaria para sempre o curso do destino humano.

CAPÍTULO DEZOITO

O MENINO JESUS

Em uma sala de trabalho silenciosa de sua modesta casa, o menino Jesus, com pele macia de tom oliva, cabelo escuro e encaracolado e olhos castanhos profundos, estava embalado nos braços amorosos de Maria. Ele falou com José pela primeira vez. Sua voz pequena, porém, clara, carregava o peso do propósito celestial enquanto ele se dirigia a seu pai terreno:

"Meu pai, eu vim do céu para ser a luz do mundo e resgatá-lo da escuridão. Eu vim para ser um bom pastor, para ensinar-lhes o caminho do céu e abrir seus portões, que foram fechados por seus pecados. Eu desejo que você seja um filho da Luz, que você tem tão perto."

Oprimido pelas palavras divinas e pela autoridade gentil de seu filho, José caiu de joelhos, seu coração se elevando com uma humildade além da medida. Com temor trêmulo, ele respondeu: *"Que você, meu Senhor e Salvador, tenha me chamado de seu humilde servo move meu coração a tais alturas que as palavras escapam da minha língua para expressar meus sentimentos mais verdadeiros."*

Mais tarde, no sereno santuário do quarto da criança, Jesus procurou Sua mãe. Maria, ajoelhada em silenciosa oração, sentiu o toque suave de Sua pequena

mão enquanto ela gentilmente acariciava seu rosto. Com um tom terno, mas resoluto, Ele disse:

"Minha Mãe, entre e permaneça sempre Comigo, para que você possa Me imitar em todas as minhas obras. Desejo que você incorpore e exiba a alta perfeição que Eu desejo em todas as almas. Eu a escolhi como o recipiente de toda a perfeição e concedo a você os tesouros da minha mão direita - tesouros que o resto da humanidade perdeu ou abusou."

Com essas palavras sagradas, Maria, cheia de profundo amor e reverência, beijou suavemente a mão de seu filho, um gesto que selou o vínculo íntimo entre eles e afirmou seu papel como o recipiente escolhido da graça divina.

Nas margens de um rio suave e sinuoso, o sol da tarde lançava um brilho quente e dourado sobre a água ondulante e a margem macia e de terra. Ali, entre o murmúrio da água corrente e a conversa distante da aldeia, um pequeno grupo de crianças de idades variadas se reunia em abandono brincalhão. Suas risadas se misturavam ao barulho rítmico de mãos ocupadas no trabalho - lavando roupas na água fria e limpa, suas mãos se movendo em uma dança praticada que falava de tradição e cuidado.

Entre essas crianças, Jesus, de três anos, se destacou com uma quietude despreziosa. No meio da brincadeira, enquanto respingos e gritos alegres

enchiam o ar, Ele de repente parou sua brincadeira. Com a compostura serena de alguém muito além de Seus tenros anos, Ele caminhou até uma rocha lisa e aquecida pelo sol na beira da água e sentou-se. Uma por uma, as outras crianças abandonaram suas brincadeiras e se aglomeraram ao redor Dele, acomodando-se em um círculo a Seus pés. Seus olhos brilhantes brilhavam com curiosidade e admiração enquanto ouviam atentamente as palavras suaves e gentis que jorravam de seu pequeno professor.

Jesus falou em palavras simples, mas com uma seriedade que desmentia Sua idade, uma mensagem de esperança, amor e admiração que ressoou profundamente nos corações de Sua jovem audiência. Ele descreveu em linguagem simples, mas profunda, a beleza do mundo ao redor deles, o poder da gentileza e o segredo de compartilhar alegria até mesmo nos menores gestos. Suas palavras, ternas e sinceras, teciam uma tapeçaria de compreensão que alcançava todos os ouvidos ansiosos, capturando a imaginação de Seus amigos e inspirando-os a sonhar com um amanhã mais brilhante.

De uma curta distância, Maria observou a cena se desenrolar. Encostada em uma árvore próxima, seus olhos estavam suaves de amor e um sorriso conhecedor enfeitou seu rosto. Naquele momento de silêncio, ela sentiu uma mistura indescritível de alegria e admiração — um profundo orgulho maternal pela sabedoria gentil que brilhava de seu filho. Ao observar a simplicidade e

a pureza de Sua interação com as outras crianças, o coração de Maria se encheu de gratidão. Ela reconheceu Nele a centelha de luz divina que prometia um dia iluminar os cantos mais escuros do mundo.

O suave murmúrio do rio e o suave farfalhar das folhas acima forneceram um pano de fundo sereno para esta cena íntima de maravilhas da infância. Naquele espaço tranquilo, o tempo parecia desacelerar, e cada detalhe, o brilho nos olhos das crianças, a delicada cadência das palavras de Jesus e o sorriso compassivo no rosto de Maria - contribuíram para um momento de perfeita harmonia. Foi uma reunião simples na margem do rio, mas carregava o peso da promessa e da esperança, sugerindo o profundo destino que estava à frente do Filho de Deus.

Essa cena se repetiria muitas vezes nos anos seguintes, enquanto Maria levava as roupas da família para lavar no rio, assim como os rituais contínuos de oração em sua casa.

No silêncio da casa deles, o ar estava pesado tanto com tristeza quanto com antecipação sagrada. Em um pequeno quarto iluminado pelo sol, Jesus, agora com cinco anos, estava deitado no chão em uma postura que evocava o simbolismo da Cruz. Seu pequeno corpo estava pálido, e de Sua testa, gotas de sangue escorriam lentamente por Seu rosto, uma visão que enchia o quarto com uma tristeza profunda e inefável. Ao Seu lado, Maria, radiante mesmo em sua tristeza, foi pega em um estado de êxtase orante. Oprimida pela visão da

dor de seu filho, ela caiu de joelhos e gentilmente enxugou as manchas vermelhas de Sua testa. Lágrimas escorriam silenciosamente por suas bochechas enquanto ela segurava a dor dilacerante em seu coração, seu amor por Ele um bálsamo terno contra a tristeza emergente.

No ano seguinte, Jesus, de seis anos, juntou-se a José em sua sala de trabalho. Com um olhar de determinação silenciosa, Jesus agarrou uma pequena ferramenta, e José, sempre paciente e amoroso, guiou Suas mãos enquanto trabalhavam juntos em um pedaço de madeira. O som rítmico de seu trabalho se misturava com palavras suaves de instrução e encorajamento, criando um momento de vínculo íntimo entre pai e filho, uma lição silenciosa sobre artesanato, cuidado e a beleza da criação.

Em outra parte da humilde moradia, Maria se ocupava na cozinha. Com graciosa atenção, ela preparou um prato de comida para a refeição do meio-dia. Cada gesto seu era infundido com um profundo senso de dever e afeição, uma presença constante e nutritiva que falava do amor e do compromisso que unem a família.

Ao cair da noite, a família emergiu no crepúsculo fresco. Lá fora, na rua movimentada, eles caminharam juntos em direção ao templo, suas risadas se misturando aos sons da vida cotidiana. A alegria de estarem juntos era palpável, um alívio bem-vindo das

lutas de cada dia, enquanto eles caminhavam, seus corações leves e esperançosos.

Dentro do pequeno e simples quarto de Jesus, agora que Ele tinha crescido para sete anos de idade, uma mensagem divina foi entregue. Maria e o jovem Jesus ouviram atentamente enquanto uma voz gentil e invisível transmitia que era hora de a família retornar a Nazaré. Havia uma resolução solene no ar enquanto eles se preparavam para o próximo estágio de sua jornada, um retorno ao lar que ressoava com destino e promessa.

Naquela noite, na quietude solitária do quarto de José, ele também recebeu a mensagem sagrada. Em uma visão que se desenrolou diante de seus olhos, ele viu sua família empacotando seus poucos pertences e montando em mulas para partir mais uma vez, aventurando-se de volta ao deserto. A visão, imbuída de propósito divino, logo se tornou realidade, e a Sagrada Família se viu chegando em sua casa em Nazaré. Lá, eles foram recebidos calorosamente por uma querida prima, Marta, que havia assumido o comando da velha casa que pertencera aos pais de Maria.

CAPÍTULO DEZENOVE

O RETORNO A NAZARÉ

Dentro da casa restaurada, as venezianas foram abertas, e raios de luz abundante entraram, enchendo a habitação com calor e uma sensação de boas-vindas. Marta os recebeu com alegria sincera. *" Bem-vindos ao lar, queridos primos, e olhem, seu filho, José, ouvi de Elisabete que ele se chama Jesus. Um rosto tão doce, e se ele é parecido com seu pai, um temperamento doce também!"*

Maria respondeu com gratidão: *" Muito obrigada a você, Marta, por cuidar tão bem da antiga casa dos meus pais."*

José acrescentou suavemente: *"Sim, nossa gratidão é sentida profundamente."*

Em uma demonstração tocante de generosidade juvenil, o jovem Jesus desembrulhou cuidadosamente um pequeno embrulho que carregava consigo. Dele, ele revelou dois pássaros de madeira delicadamente esculpidos. Com um sorriso tímido e mãos trêmulas, ele os ofereceu a Marta. *"Isto é para você, obrigado por cuidar da casa dos meus pais"*, ele disse. Marta se maravilhou, exclamando: *"Olhe para isto! José, você se tornou muito habilidoso. Ora, são pombas."* José, com um brilho nos olhos, respondeu: *"Elas não foram esculpidas por estas mãos, mas por estas."* Naquele momento, José deu um passo atrás de Jesus e envolveu

seus braços ao redor dele, pegando as pequenas mãos do menino nas suas e estendendo-as em direção a Marta. Tocado além da medida por este gesto amoroso, Jesus recostou-se em José, seus olhos brilhando com o vínculo puro e tácito de família e fé.

No suave brilho de um fim de tarde, José e o jovem Jesus começaram a restaurar a ordem no galpão de madeira atrás de sua modesta casa. Juntos, eles abriram as portas rangentes, espiando para dentro a mistura de ferramentas velhas e bem gastas e implementos mais novos trazidos do Egito.

Com cuidado paciente, eles endireitaram os implementos espalhados e reuniram o que precisavam para sua próxima tarefa - um catre para Jesus dormir. Trabalhando lado a lado, o pai e o filho criaram o catre com precisão simples e amorosa. Quando terminaram, tentaram carregá-lo para dentro de casa. Em suas risadas compartilhadas, o catre era volumoso e desajeitado, ficou preso na porta, e enquanto lutavam para manobrá-lo, o riso gentil de Maria se juntou ao deles. Quando finalmente chegou, a Mãe Santíssima tentou arrumar um quarto para Jesus.

Dentro do pequeno quarto de Jesus, Maria começou a arrumar os móveis com devoção silenciosa. Ela colocou uma pequena mesa, um banco e roupas de cama cuidadosamente dobradas sobre o catre recém-construído. Quando ela saiu brevemente e depois retornou, ela descobriu com uma risada triste que tudo, exceto o próprio catre, tinha sido acidentalmente

deixado do lado de fora da porta. O Rei dos Reis não perdeu tempo em praticar a humildade e o desconforto sentidos por tantos filhos de Deus.

Mais tarde, em uma manhã brilhante, José e Jesus partiram juntos pelas ruas movimentadas de sua aldeia. Empurrando uma carroça resistente carregada com um jugo e uma bacia, eles seguiram para a casa de um homem gentil que havia emprestado uma mula a José oito anos antes. O homem sentou-se em sua varanda rangente e os cumprimentou com brincadeiras bem-humoradas. *"Bem, olhe aqui! José, você finalmente está pagando pela velha mula. Aposto que ela morreu mais rápido do que o necessário para fazer essas belas peças de madeira "*, ele provocou. Com um sorriso caloroso, José respondeu: *"Pelo contrário, meu amigo compassivo, a besta durou quase quatro anos."* O homem riu e então perguntou sobre o garoto ao seu lado. *"E quem pode ser esse belo rapaz?"*

Jesus, com a educação sincera de uma criança que já carregava uma pitada de sabedoria, estendeu a mão e disse: *"Meu nome é Jesus; sou filho deste ótimo carpinteiro. Obrigado, senhor, por deixar minha mãe e eu montarmos em sua mula. Nós viajamos muitas, muitas léguas, e eu até ajudei meu pai a fazer esta bacia. Deixe-me enchê-la para você."* Obedientemente, o menino correu para um poço próximo, bombeando água para a bacia.

O homem gentil, observando Jesus trabalhando, suspirou: *"Você é um homem de sorte com um filho*

assim. Meu próprio filho está muito doente, a cada dia ele piora, e nada parece curá-lo." Pausando sua tarefa, Jesus levantou a cabeça e, com um olhar conhecedor, colocou a mão em concha sob a bica do poço para deixar a água fria fluir sobre ela, enchendo a bacia de forma constante. Carregando cuidadosamente a bacia de volta para a porta do homem, ele anunciou: *"Deixe-me levar isso para dentro para você. A água está boa e fria; será boa para beber."* O homem respondeu com uma nota de humor gentil: *"Se você quiser, minha esposa está cuidando do meu filho. Você será uma visão para seus olhos tristes."*

Dentro da casa, um adolescente estava deitado fracamente em um catre enquanto sua mãe estava de vigília ao lado de sua cama. Jesus colocou a bacia no chão, viu um copo de madeira sobre uma mesa e o encheu com água. Ajoelhando-se ao lado do menino, ele levantou o copo até os lábios do adolescente. Depois de alguns goles, o menino agarrou a mão de Jesus, abriu os olhos e sorriu, um frágil sinal de esperança enquanto a cor lentamente retornava ao seu rosto pálido. Ternamente, Jesus beijou a mão do jovem antes de sair, e enquanto o homem o chamava, *"Minha esposa estava dobrando seu ouvido? Ela lhe contou sobre nosso João? Eu estava dizendo a seu pai que não demoraria muito para que seu sofrimento acabasse."* Jesus simplesmente respondeu, *"Ora, ele parecia bem quando lhe ofereci um pouco de água. Ele bebeu quase um copo inteiro."* Com isso, o homem, ainda um pouco

confuso, correu de volta para dentro enquanto Jesus se juntava ao pai, os dois caminhando de volta pela rua com sorrisos silenciosos.

Em casa, enquanto os anos teciam sua suave tapeçaria de crescimento e aprendizado. Jesus, agora com dez anos, sentou-se pacientemente enquanto Maria amorosamente o equipava com um novo par de coberturas de pano para seus pés. Ela as colocou, removeu e então cuidadosamente as reajustou, ao mesmo tempo em que se certificava de que seu amado filho não fosse deixado vagando descalço no chão duro e empoeirado. *"Meu Filho e meu Senhor"*, Maria repreendeu suavemente, mas afetuosamente, *"tua Mãe não tem coragem de permitir que você ande descalço no chão em uma idade tão tenra; permita-me, meu amor, fornecer algum tipo de cobertura para protegê-los."* Com a calma sabedoria da juventude, Jesus respondeu: *"Mãe, permitirei uma cobertura leve e comum para meus pés até que chegue a hora da minha pregação pública, para isso devo andar descalço."* Então, com um sorriso tímido e um beijo amoroso em sua bochecha, ele aceitou o calçado, um pequeno símbolo de proteção e do caminho humilde que ele estava destinado a trilhar.

CAPÍTULO VINTE

PREGANDO NO TEMPLO

Pouco tempo depois, a família se juntou a uma animada procissão na estrada. Jesus acompanhou sua família e muitos amigos, carregados de fardos e carroças puxadas, enquanto viajavam para Jerusalém para a Festa da Páscoa. Em meio à conversa festiva e à energia agitada da multidão, Jesus perguntou: *"Pai, terei permissão para estar com os homens este ano?"* José respondeu com um sorriso cúmplice: *"Eu diria que é uma boa possibilidade. O que sua boa Mãe diz?"* Com um brilho travesso nos olhos, Jesus respondeu: *"Oh, ela sempre diz que o que você diz é o melhor."*

Atrás, Maria, caminhando com um grupo de mulheres, parou e se juntou brevemente à sua família. *"Vocês dois andam mais rápido do que todas as mulheres juntas"*, ela provocou gentilmente, *"e por essa razão, não deveríamos escolher um local para nos encontrarmos depois que a festa terminar, caso não deixemos a cidade juntos?"* - *"Claro, meu querido Filho, você estará com seu pai ou comigo, sim?"* José concordou, *"Uma boa ideia! Há uma grande árvore a cerca de um dia de caminhada fora da cidade, um aglomerado de pedras à direita dela. Eu a apontarei quando chegarmos lá. É onde nos encontraremos."*

Enquanto eles continuavam seu caminho, no dia seguinte, Maria, caminhando entre as outras mulheres,

avistou o ponto de encontro designado e acenou para José. Enquanto isso, Jesus, passeando com um grupo de outras crianças, virou-se e apontou animadamente para a árvore e a pedra, uma afirmação silenciosa dos planos da família e da alegria das jornadas compartilhadas.

A cidade de Jerusalém se estendia diante deles, um panorama de tirar o fôlego de antiga grandeza e devoção sagrada. A luz dourada do sol poente banhava suas paredes imponentes e vielas estreitas, lançando sombras longas e reverentes sobre ruas cheias de propósito. Cada pedra parecia sussurrar histórias de profetas e reis, e cada porta zumbia com os ecos de orações fervorosas.

À medida que o crepúsculo se aprofundava, a cidade pulsava com vida. As fachadas majestosas dos templos brilhavam sob o crepúsculo, suas colunas imponentes beijadas pelas últimas brasas da luz do dia. Alguns templos estavam lotados de homens solenes e barbudos, suas vozes subindo e descendo em cânticos rítmicos, enquanto outros abrigavam grupos de mulheres veladas, suas orações sussurradas tecendo como uma melodia suave através do ar sagrado.

Mais tarde naquela noite, a cidade se transformou em um banquete sensorial. O aroma quente e fermentado do pão sem fermento recém-assado se misturou ao rico aroma terroso de especiarias e óleos perfumados, flutuando pelos pátios movimentados. Famílias se reuniram sob o céu aberto, suas risadas e canções se espalhando pelas ruas enquanto o grande banquete começava, uma celebração de fé e liberdade

que se estendeu por sete noites de reverência, contação de histórias e alegre abandono.

Das humildes aldeias de Nazaré até os confins da Judeia, peregrinos vinham com os corações iluminados pelo espírito de devoção e festividade, dançando sob as estrelas enquanto o festival sagrado os unia em um vínculo inquebrável de fé e tradição.

No último dia da festa, quando a primeira luz da manhã surgiu e as famílias começaram sua jornada para casa, as ruas antes lotadas gradualmente se esvaziaram. Na multidão cada vez menor, os olhos de José examinaram o conhecido aglomerado de pedras e a grande árvore que havia sido o ponto de encontro combinado. Ele olhou ansiosamente em volta, procurando por Maria e seu filho, Jesus. De repente, o olhar preocupado de Maria encontrou o dele, só que ela estava sozinha, e Jesus não estava à vista. Em uma onda de preocupação, eles se moveram entre a multidão restante, perguntando a cada passante se eles tinham visto seu filho.

"Você viu Jesus?" Maria perguntou a uma mulher próxima com gentil urgência.

"Sim, ele é muito bonito, Maria. Ele gostou do banquete?" a mulher respondeu calorosamente.

"Sim, tenho certeza que ele fez isso. Quero dizer, desde que saímos, você ou sua família o viram?" Maria pressionou.

A mulher balançou a cabeça: *"Não, não desde o outro dia."*

José então foi de um grupo para outro, seus olhos disparando sobre a multidão cada vez menor e então em direção à árvore familiar, esperando desesperadamente que o garoto aparecesse de repente. Por fim, ele avistou Maria parada no local, seu rosto marcado pela preocupação. Correndo para o lado dela, ele exclamou: *"Ele não está em lugar nenhum. Pensei que ele estivesse com você. Perdoe-me, eu realmente pensei que ele estivesse com você."*

Maria respondeu suavemente: *"E eu pensei que ele estivesse com você. Precisamos retornar para Jerusalém imediatamente."* Com os corações pesados, mas resolutos, os dois apressadamente abriram caminho através da multidão que partia em direção à cidade.

Enquanto isso, de volta a Jerusalém, uma cena impressionante se desenrolou nas ruas lotadas. Jesus, agora um menino de doze anos, foi visto pedindo esmolas. Ele se aproximou de uma mulher compassiva, que, movida por sua aparência humilde, ofereceu-lhe uma pequena porção do que tinha. Cuidadosamente, ele colocou o modesto presente em sua mochila e continuou buscando ajuda de vários outros. No entanto, ele não comeu nem se adornou com nada oferecido. À medida que o dia se transformava em noite, o menino seguiu em direção à parte da cidade onde os sem-teto se reuniam para se abrigar. Lá, com dignidade silenciosa, ele

esvaziou suas esmolas coletadas e as compartilhou generosamente entre os necessitados.

Mais tarde ainda, quando o crepúsculo se aprofundou em uma noite sombria, José e Maria retornaram à cidade, cada um tomado pela ansiedade. Eles decidiram se separar, desesperados para encontrar seu filho desaparecido. Em um momento de desespero silencioso, Maria caiu de joelhos em um canto isolado e levantou o rosto para o céu. *"Por que ele está escondido do meu coração? Até este momento, eu sempre o vi, mesmo quando ele não estava à minha vista. Companheiros celestiais me levam até ele. Mostre-me o caminho, para que eu possa correr até ele e ser aliviada desta tristeza"*, ela orou fervorosamente. Embora nenhuma visão tenha chegado a ela naquela noite, a dor em seus olhos era tão clara quanto as estrelas acima. Com um suspiro trêmulo, ela se levantou dos joelhos e começou a se mover rapidamente na direção que sua intuição a pedia.

Ao amanhecer da manhã seguinte, quando os primeiros raios de sol começaram a afastar a escuridão, José e Maria retomaram sua busca frenética. Nas ruas lotadas, Maria parou uma mulher e descreveu seu filho desaparecido, ela respondeu rapidamente. *"Sim, uma criança com essa aparência veio até mim ontem pedindo esmola, acrescentando suavemente. Eu dei um pouco a ele, uma criança tão graciosa em sua necessidade puxa meu coração."*

Enquanto José e Maria continuavam sua busca, as pessoas confirmaram que muitos tinham visto Jesus. Novamente, ele foi testemunhado pedindo esmolas às pessoas, juntando o pouco que recebeu e, com uma resolução silenciosa, dando-o. À tarde, ele foi visto dentro de um modesto hospital para indigentes, onde se movia entre os aflitos, impondo suas pequenas mãos sobre aqueles que sofriam, oferecendo conforto e, em milagres sutis, causando curas e recuperações suaves.

Por três longos dias, José e Maria percorreram a cidade sem descanso, sem comer nem dormir. Maria, em sua angústia, chegou a pensar que Jesus havia buscado refúgio na caverna da Natividade, mas os anjos lhe garantiram que ele não estava longe. Ela até se perguntou se ele poderia estar vagando com João no deserto, mas mais uma vez, os mensageiros celestiais negaram essa noção. Durante tudo isso, a santíssima Rainha sofreu como qualquer mãe sofreria. Suas lágrimas fluíam livremente, mas ela nunca permitiu que a raiva ou a amargura escurecessem seu espírito.

Então, no terceiro dia, dentro dos vastos e ecoantes salões de um grande templo, uma cena surpreendente se desenrolou. Jesus, estava entre os homens eruditos que debatiam as profecias do Messias vindouro. Com confiança silenciosa, ele deu um passo à frente e se juntou ao círculo deles. Um por um, os homens eruditos, junto com muitos pais reunidos para ajudar na busca, viraram seus rostos atentos para ele. Em admiração, eles se sentaram ao redor dele, ouvindo atentamente as

percepções e argumentos gentis deste jovem sábio. Maria e José, tendo finalmente localizado a reunião, entraram no templo e observaram sua discussão final com os anciãos. No meio da assembleia, Maria deu um passo à frente, sua voz cheia de tristeza e amor, e disse: "*Filho, por que você fez isso conosco? Seu pai e eu estivemos procurando por você com corações pesados.*"

Jesus, calmo, mas firme, respondeu: "*Por que vocês estavam me procurando? Vocês não sabiam que eu devia estar fazendo a obra do meu Pai?*"

Maria falou suavemente, seu coração pesado de emoção. "*Deixe-me expressar minha tristeza, meu filho, para que meu coração não se quebre de dor enquanto eu ainda tiver um propósito em servir a Você.*"

Jesus olhou para Sua mãe com profundo amor, oferecendo-lhe conforto através de Sua presença. Até que chegasse o momento de Sua missão maior, Ele permaneceu ao lado dela, guiando-a e acompanhando-a.

Com seus corações reunidos, a Sagrada Família partiu para Nazaré. O jovem Jesus, cheio de humildade e obediência, honrou Seus pais de uma forma que até os anjos se maravilharam. Maria, abençoada além da medida, era tão pura e virtuosa que o Filho de Deus voluntariamente se colocou sob seus cuidados. Com a orientação de José, ela o nutriu e criou como seu, liderando com sabedoria e amor. Esforçando-se sempre para refletir Sua bondade, sua profunda santidade tocou

o coração de Cristo, unindo-os em um amor inquebrável.

Assim, em meio ao antigo esplendor de Jerusalém, onde a fé e a festividade enchiam o ar, a Sagrada Família experimentou tanto a alegria quanto a tristeza, uma jornada marcada pela esperança, perda e sabedoria divina. Sua história, gravada nas paredes sagradas do templo, viveria nos corações de todos que um dia a ouviriam.

CAPÍTULO VINTE E UM

JESUS DA ADOLESCÊNCIA AO HOMEM

Na humilde cidade de Nazaré, o tempo passava em ritmos suaves e inconfundíveis, marcados pelo crescimento de Jesus e pela transformação silenciosa de sua família. Naqueles primeiros anos, a oficina ressoava com os sons de serras e martelos enquanto Jesus e José trabalhavam lado a lado em vários projetos de carpintaria. Sob a orientação cuidadosa de José, o jovem aprendeu a arte de moldar madeira, suas pequenas mãos se tornando seguras e firmes enquanto ele se juntava ao pai na criação de itens domésticos simples. Havia dias em que Jesus carregava grandes e pesados recipientes de água das fontes públicas de volta para sua modesta casa, uma tarefa que não apenas construía sua força, mas também inculcava nele a disciplina do serviço e a dignidade do trabalho duro.

À medida que o sol se punha a cada noite, Maria e Jesus costumavam caminhar ao longo da margem do rio próximo. No brilho suave do pôr do sol, a água brilhava como ouro líquido, e o casal conversava em sussurros silenciosos, uma comunhão silenciosa e íntima que parecia passar entre eles tanto quanto através do jogo suave da luz. Em casa, a família se reunia para as refeições, a mesa modesta era um lugar onde o amor e a conversa se misturavam com risos e

gratidão silenciosa. Em momentos mais calmos, quando as palavras eram poucas, um brilho sutil passava entre Maria e seu filho - uma luz suave e brilhante que falava de comunhão divina, uma transmissão silenciosa de esperança e compreensão.

Na quietude de seus espaços privados, tanto Jesus quanto Maria buscavam consolo na oração. Em seu quarto, o jovem Jesus às vezes ficava prostrado no chão, seu corpo disposto em uma postura que lembrava a Cruz. Em uma devoção paralela, Maria também caía de joelhos em seu próprio quarto, suas súplicas silenciosas cheias de amor maternal e uma fé permanente no mistério da vida que se desdobrava.

Com o passar dos anos, Jesus cresceu e se tornou um jovem, suas feições outrora infantis se aguçando para a força silenciosa da idade adulta. Sua pele de tom oliva, bronzeada pelo sol da Judeia, trazia a marca de dias passados em trabalho de parto, enquanto seu cabelo escuro e ondulado emoldurava um rosto gentil e resoluto. Seus olhos profundos e conhecedores, tinham uma intensidade silenciosa, refletindo uma sabedoria muito além de sua idade.

A cada dia, suas mãos, calejadas, mas firmes, moldavam madeira com habilidade e propósito, moldadas pelo ofício de seu pai terreno. A força em seu corpo não era de mero poder, mas de resistência, o resultado natural de um trabalho que exigia paciência e precisão. Embora ele se movesse com a confiança silenciosa de um artesão,

havia algo não dito, mas inegável sobre ele — uma presença que atraía os outros, uma calma segurança que sugeria um propósito maior.

Com cada estação que passava, o peso da sabedoria divina se acomodava sobre ele, emergindo não em grandes gestos, mas na graça gentil de suas ações e na profundidade de seus pensamentos. Ele trabalhou, aprendeu e refletiu, seu espírito ficando cada vez mais forte enquanto se preparava para o caminho à frente.

José, enquanto isso, começou a mostrar os inevitáveis sinais da idade. Antes vigoroso e incansável, ele agora lutava com tarefas que há muito eram naturais. Uma tarde, enquanto tentava levantar um pedaço de madeira particularmente pesado, suas mãos tremiam de fadiga. Ao ver seu pai vacilar, Jesus imediatamente interveio, aliviando o fardo tirando o peso dos braços enfraquecidos de José e guiando-o até um banco próximo. Embora José ainda ocasionalmente se juntasse ao filho no trabalho de carpintaria que havia definido sua vida, mais frequentemente ele se sentava e observava, seus olhos brilhando de orgulho ao ver em Jesus a continuação de um ofício sagrado e um legado de amor.

O tempo continuou sua marcha firme até que Jesus atingiu a idade de vinte e cinco anos. Um jovem que agora trazia a marca da maturidade, tanto em sua presença física quanto nas profundezas pensativas de seu espírito. Em contraste, José, o pilar firme da família, estava agora perto da morte, sua estrutura

outrora robusta estava frágil e diminuída. Os anos tendo deixado sua marca silenciosa sobre ele. Maria, que tinha quarenta e um anos, permaneceu o coração radiante da família. Desde seu próprio florescimento juvenil aos trinta e três anos, ela se portava com uma beleza e graça duradouras que pareciam quase atemporais, um testemunho luminoso da força e do amor de uma mãe.

Assim, na cadência tranquila da vida cotidiana em Nazaré, do zumbido da oficina e do suave murmúrio do rio às orações sinceras compartilhadas na solidão, a passagem do tempo teceu uma tapeçaria de crescimento, perseverança e transformação silenciosa. Os dias da Sagrada Família, cheios de trabalho, amor e perda, testemunharam um legado que um dia ecoaria muito além das ruas estreitas de sua pequena cidade, anunciando a promessa de redenção e o poder duradouro da fé.

CAPÍTULO VINTE E DOIS

A MORTE DE JOSÉ

Na quietude silenciosa do quarto de dormir de José, enquanto o crepúsculo se aprofundava em noite solene, Maria e seu filho Jesus estavam juntos em um momento pesado de presciência e terna tristeza. Os olhos de Maria, cheios de tristeza e fé inabalável, caíram sobre seu amado marido e pai terreno, José, cuja vida estava se aproximando de sua hora final, com uma voz trêmula de amor e resignação, ela falou suavemente a Jesus:

"Vejo que o tempo da morte de José está próximo, como planejaste para Teu servo. Que sua morte seja tão preciosa para Ti quanto sua vida, pois ele era meu marido e o pai terreno que escolheste honrar."

Jesus, nos momentos tranquilos da perda iminente, respondeu com gentil segurança: *"Eu o ajudarei e lhe darei um lugar entre os príncipes do meu povo, tão exaltado que ele se tornará a admiração dos anjos e fará com que todos os homens irrompam no mais alto louvor."* Suas palavras, calmas, mas cheias de promessa divina, pareciam preencher a lacuna entre a tristeza mortal e a esperança celestial.

Por vários dias longos e pungentes, Maria e Jesus permaneceram ao seu lado, cuidando dele com carinho. O quarto, fracamente iluminado por uma única vela bruxuleante, era testemunha silenciosa de orações sussurradas e do suave murmúrio de despedida. José,

frágil e ainda assim digno, reuniu forças para falar suas últimas palavras.

"Bendita és Tu entre todas as mulheres e eleita de todas as criaturas. Que anjos e homens de todas as gerações venham louvar e exaltar Tua dignidade. Espero contemplar Teu glorioso semblante na pátria celeste."

Maria, com lágrimas brilhando em seus olhos, ternamente pegou sua mão e a beijou como se para selar seu vínculo vitalício. Então, recuando com tristeza e determinação, ela permitiu que Jesus se aproximasse. Com uma profunda mistura de amor e dever filial, Jesus reuniu seu pai enfraquecido em seus braços. Enquanto José reclinava sua cabeça, seus olhos se encontraram, uma conversa silenciosa de gratidão, esperança e despedida passou entre eles.

A voz de José era fraca, cada palavra cheia de profunda reverência. *"Perdoa e abençoa Teu servo, a obra de Tuas mãos. Eu Te louvo e dou graças para sempre por me escolher para ser o marido de Tua Mãe. Que Tua grandeza e glória sejam minha eterna gratidão."*

Sua voz, imbuída de um êxtase silencioso, parecia ecoar na pequena sala enquanto ele se entregava ao inevitável.

Comovido além da medida, Jesus falou com uma clareza que ressoou tanto com o amor mortal quanto com a autoridade divina: *"Meu pai, descanse em paz e*

na graça de nosso Pai eterno e meu; e aos Profetas e Santos que te aguardam no limbo, traga as alegres notícias da aproximação de sua redenção." Com essas palavras sagradas, todo o ser de José foi subitamente envolvido por uma luz magnífica e radiante. Seu rosto, antes marcado com as linhas do trabalho terreno e do amor terno, agora brilhava com um êxtase que transcendia a tristeza mortal. Naquele esplendor ofuscante, o espírito de José partiu, deixando para trás um silêncio que era tão profundo quanto belo. Jesus, com cuidado gentil, fechou os olhos de seu pai e deu um beijo suave em seus lábios, enquanto lágrimas silenciosas e incessantes, fluíam livremente dos olhos de Maria e dos seus próprios.

Assim passou a vida terrena de José, e nos anos seguintes, uma mudança profunda e transformadora se instalou em Nazaré. Pelos seis anos restantes, Maria e Jesus continuaram em um ritmo tranquilo de vida diária, cada dia uma oração, cada momento um ato de lembrança. Seu lar, embora tocado pela tristeza da perda, brilhava com a luz permanente da fé e a sutil certeza da promessa divina.

Mais tarde, em uma humilde câmara, Jesus se ajoelhou em fervorosa oração diante de Maria. Com os braços estendidos no sinal da Cruz, ele levantou a voz em uma súplica sincera:

" Ó Cruz bendita! Quando teus braços segurarão os meus? Quando eu repousarei sobre ti, minhas mãos pregadas, abertas para abraçar todos os pecadores?

Vinde, filhos de Adão, pois eu chamo a todos vocês. Eu sou o caminho, a verdade e a vida, e não recusarei ninguém que me procurar. Meu Pai eterno, estas são as obras de Tuas mãos, não as rejeites. Eu me oferecerei como um sacrifício na Cruz para trazê-los de volta à justiça e à liberdade. Se eles estiverem dispostos, eu os conduzirei ao Teu reino celestial, onde Teu nome será glorificado."

Enquanto Jesus orava, Maria o observava com um coração orgulhoso e dolorido. Em seu rosto, gotas de sangue começaram a se formar mais uma vez, rum lembrete de sacrifício e tristeza. Desta vez, Maria não enxugou suas lágrimas. Em vez disso, com a tristeza crua do coração de uma mãe, ela falou com uma voz suave e suplicante:

"Ó filhos dos homens, vocês não veem o quão profundamente o Senhor valoriza Sua imagem dentro de vocês? Se eu pudesse unir seus corações aos meus, para que vocês pudessem amá-Lo e obedecê-Lo! Abençoados são aqueles que permanecem fiéis ao seu Pai, honrados por Sua mão direita. Ó Deus Eterno, como os mortais podem se afastar de um amor tão perfeito? Se eu pudesse dar minha vida para salvá-los de sua cegueira! Que eles voltem sua crueldade contra mim, insultem-me e aflijam-me como desejarem, mas dêem ao meu amado Senhor o que é legitimamente Dele."

E assim, na santidade silenciosa de seu pequeno quarto em Nazaré, o legado de José foi lamentado e exaltado. Sua partida terrena não foi um fim, mas um

prelúdio para um novo capítulo, um capítulo no qual sua memória, como uma gentil estrela-guia, iluminaria para sempre o caminho da fé para sua amada família. Maria, radiante de tristeza e graça, e Jesus, agora um homem totalmente ciente de seu destino, continuaram a honrar o legado de José por meio de cada ato de amor, cada palavra de oração e cada trabalho humilde nos dias que se estenderam para a eternidade.

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

SUA VIDA PÚBLICA SE APROXIMA

Na quietude solitária do galpão de madeira, Jesus estava sentado sozinho em uma bancada de trabalho desgastada por anos de trabalho honesto. O interior estava cheio dos aromas familiares de madeira recém-cortada e do cheiro forte de metal de suas ferramentas bem usadas. Partículas de poeira dançavam nos raios oblíquos de luz solar que filtravam por uma pequena janela. Suas mãos, firmes e determinadas, traçavam padrões suaves na textura de um pedaço de cedro enquanto ele esculpia desenhos intrincados na madeira, uma conversa silenciosa com o ofício e com seu próprio destino emergente.

Naquele momento, o pesado silêncio do trabalho focado foi quebrado pelo suave rangido da porta do galpão. Maria entrou, seu rosto radiante tanto com amor maternal quanto com orgulho silencioso. Em seus braços, ela carregava uma única fruta perfeitamente madura, uma maçã vibrante que brilhava como uma joia na luz suave. Com um sorriso terno, ela se aproximou de seu filho, colocando a fruta gentilmente na bancada gasta ao lado dele. "*Coma, meu filho*", ela sussurrou, sua voz tão quente e gentil quanto a luz do sol que se punha. Por um momento, o ritmo constante de sua escultura parou quando ele olhou para os olhos carinhosos de sua

mãe, uma troca silenciosa de amor passando entre eles antes que ele estendesse a mão e aceitasse a oferta.

A cena lentamente desapareceu nos tons dourados do fim da tarde, e uma nova imagem se desdobrou ao longo das margens de um rio que fluía silenciosamente. Jesus, agora emergindo do galpão de madeira e deixando para trás o cheiro familiar de serragem, caminhou sozinho ao longo da beira da água. Seus passos seguiram um caminho suave e sinuoso ao lado da corrente cintilante. Perdido em pensamentos, ele vagou lentamente, cada passo medido como se ponderasse os mistérios da vida. Por fim, ele encontrou uma velha árvore venerável em pé em silenciosa solidão. Descansando seu peso contra sua casca áspera, ele se permitiu um momento de reflexão. O suave murmúrio da água e o sussurro das folhas acima criaram uma sinfonia pacífica e, naquela pausa tranquila, seus olhos se fecharam enquanto ele mergulhava fundo em seu mundo interior, uma meditação sobre esperança, dever e sobre o destino que o esperava.

Mais tarde, no abraço acolhedor de seu humilde lar, Maria e Jesus se reuniram em torno de uma simples mesa de madeira. A sala estava suavemente iluminada pelo brilho suave de lamparinas a óleo, sua luz dançando sobre as superfícies gastas e lançando sombras longas e reconfortantes. Uma refeição modesta havia sido preparada com cuidado, uma humilde variedade de pães, vegetais frescos e um pequeno prato de lentilhas cozidas. Enquanto compartilhavam a

comida, havia uma intimidade silenciosa em sua conversa. Maria ouviu com terna atenção enquanto seu filho relatava os pensamentos que haviam cruzado sua mente perto do rio. Suas palavras cheias de admiração e do peso sutil do propósito divino, misturavam-se aos seus próprios murmúrios suaves de encorajamento e reflexão. Entre mordidas e sorrisos compartilhados, uma conexão silenciosa e luminosa passou entre eles, uma comunhão silenciosa que falava de amor, aprendizado e o desdobramento de um plano superior.

A narrativa de seus dias continuou a se expandir além dos limites de sua casa. Em uma sala modesta e lotada em uma pequena clínica de aldeia, Maria e Jesus foram vistos juntos mais uma vez, desta vez a serviço dos outros. Eles se moviam silenciosamente entre os doentes, oferecendo cuidados gentis e palavras compassivas. Maria, com seu toque de cura e presença calorosa, acalmava os aflitos, da mesma forma Jesus, seus olhos brilhantes de empatia e autoridade silenciosa, ajudava a curar e curar feridas e confortar os enfermos. Seus esforços combinados encheram o humilde espaço de esperança, enquanto vizinhos e estranhos encontravam consolo em sua gentileza. O suave murmúrio de suas orações e os ternos cuidados que ofereciam eram um testemunho do espírito duradouro de amor e serviço que sempre definiram suas vidas.

Assim, desde o trabalho solitário de esculpir no galpão de madeira até as caminhadas reflexivas ao longo do rio, e desde compartilhar uma refeição simples

até cuidar dos doentes na aldeia, a passagem do tempo em Nazaré foi marcada por momentos de graça silenciosa e profundo significado.

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

O SACRIFÍCIO DE UMA MÃE

Na quietude solitária de seu quarto particular, Maria ajoelhou-se em fervorosa oração, seu rosto iluminado pelo brilho suave de uma única vela. O quarto estava silencioso, o único som era a batida constante de seu coração e o suave farfalhar de suas vestes. De repente, no meio de sua devoção, uma voz tão clara e autoritária quanto o próprio amanhecer encheu o ar:

"Maria, minha Filha e Esposa, oferece-Me teu Filho unigênito em sacrificio."

Naquele momento, os olhos de Maria se arregalaram em dor repentina e intensa, não apenas da carne, mas de uma profunda e dilacerante tristeza. Em um instante, ela foi inundada com memórias e visões: ela viu, como se diante de seus próprios olhos, a apresentação solene de seu recém-nascido no templo, a visão do padre Simeão erguendo seu precioso filho e a visão assombrosa de seu filho na cruz. Essas imagens, belas e agonizantes, convergiram dentro de seu coração.

Com a voz trêmula e os olhos cheios de lágrimas, Maria respondeu: *" O que posso oferecer a Ti, Altíssimo, que já não seja Teu? Reconheço, meu Rei, que Tu O formaste em meu*

ventre e me concedeste a honra de trazê-Lo ao mundo, de amamentá-Lo e protegê-Lo das durezas da vida. Dele, recebi bênçãos imensuráveis. Ele é a força da minha força, a essência da minha alma, a própria alegria da minha existência.

Entregar meu Filho para satisfazer as demandas de Seus cruéis inimigos é o maior sacrifício, uma tristeza além das palavras. No entanto, que não seja minha vontade, mas a Tua. Que a humanidade seja redimida, que Teu amor sem limites seja revelado e que Teu nome seja glorificado entre toda a criação. Antes de tudo, eu O coloco em Tuas mãos, para que Ele possa pagar a dívida não de Sua própria criação, mas dos filhos de Adão, e para que em Sua morte, Ele possa cumprir tudo o que os santos profetas, inspirados por Ti, predisseram."

Um profundo silêncio se seguiu, como se o próprio ar esperasse a resposta de Deus. Então a voz retornou, gentil, mas poderosa:

"Seu sacrifício é o maior e mais aceitável que foi dado e recebido desde a criação e, nenhum, exceto o de Nosso Filho, será conhecido até o fim dos tempos. Por isso, minha Amada, você será recompensada."

Naquele exato momento, como se respondesse à proclamação divina, um vasto

globo de luz cintilante apareceu diante da aflita Maria. O brilho cresceu, envolvendo-a em seu calor e clareza, e dentro dele, uma visão se desdobrou, um vislumbre de um futuro tão distante, mas tão certo. Diante de seus olhos, ela viu uma Terra renovada, recuperada e transformada pelo comando de Deus: águas cristalinas fluíam livremente, e a terra estava desabitada pela tristeza. Animais vagavam em alegre abundância, e pássaros voavam alto em céus sem nuvens e azuis. À medida que a visão se aproximava, Maria percebeu milhares e milhares de crianças, de todas as formas, tamanhos e cores. Vestidas com vestes claros e claros de vários tons. Entre elas, adultos comovidos, jovens e velhos, todos unidos em sua felicidade. O riso gentil das crianças encheu o ar enquanto elas cercavam uma figura vestida de branco brilhante, cuja presença emitia uma luz cintilante e transcendente. Formando um grande círculo de vida e unidade, elas exemplificavam paz e amor. Então, como se reconhecesse seu olhar, a figura central levantou a cabeça, olhou diretamente para Maria e sorriu, um sorriso que era inconfundivelmente, o sorriso gentil e amoroso de seu precioso filho, Jesus.

A visão, embora breve, tocou profundamente o coração de Maria, aliviando sua tristeza avassaladora com uma medida de paz divina. Sua

postura ferida se endireitou levemente, e ela fechou os olhos por um longo e silencioso momento, absorvendo a promessa de redenção e a alegria futura que estava por vir.

Mais tarde, o dia ficou sombrio, pois a hora da despedida se aproximava. Na luz fraca de um início de noite, Jesus, agora um homem de resolução gentil, estava diante de Maria. Seus olhos, cheios de determinação silenciosa e compaixão, encontraram os dela. Suavemente, ele falou:

"Nosso tempo de descanso terminou. Devo deixar sua presença amorosa e começar o trabalho de redenção do homem — a missão que você primeiro colocou em movimento. Embora eu agora ande neste caminho sozinho, sempre contarei com você como minha companheira e ajudante na preparação para minha Paixão e Morte na Cruz. Minha bênção, meu amor e minha proteção permanecerão com você até que eu retorne."

Com essas palavras solenes, Jesus deu um passo à frente e abraçou sua mãe. Maria, tomada pela tristeza e pelo orgulho, caiu de joelhos diante dele. Sua voz, trêmula, mas resoluto, quebrou o silêncio:

"Meu Senhor, Tu és verdadeiramente meu Filho. Eu consideraria minha própria vida como

nada se ela pudesse salvar a Tua — eu a daria de novo e de novo por Ti. No entanto, ofereço voluntariamente meu Filho como um sacrifício para o cumprimento da Tua vontade. Com um coração alegre e triste, peço que me permitas compartilhar da Tua obra e do fardo da Tua Cruz."

Naquele momento pungente, Maria apresentou a Ele uma bolsa que ela havia preparado amorosamente. Mas Jesus, em um gesto terno, mas decisivo, balançou a cabeça e não a pegou. Seu caminho estava diante Dele, e embora ele apreciasse a presença de sua mãe, ele sabia que havia chegado a hora de partir. Com um abraço final, Jesus partiu da casa. Quando a porta se fechou suavemente atrás Dele, Maria se encostou nela, seu rosto um retrato de tristeza sincera, lágrimas escorrendo silenciosamente por suas bochechas.

Na santidade silenciosa do quarto de Maria, onde o divino encontrou a tristeza humana, o sacrifício de uma mãe foi oferecido com pesar e fé inabalável.

CAPÍTULO VINTE E CINCO

O BATISMO DE JESUS

Ao longo das margens cintilantes do Rio Jordão, a luz da manhã dançava sobre as suaves ondulações enquanto João Batista realizava o sagrado rito do batismo. Vestido com uma vestimenta rústica e exalando uma graça fervorosa e selvagem, João mergulhou as mãos na água fria e corrente e cuidadosamente ungiu Jesus com uma bênção solene. O som da água se misturava a suaves murmúrios de oração e, quando o ritual atingiu seu clímax profundo, algo milagroso ocorreu.

Naquele momento sagrado e silencioso, um raio brilhante de luz desceu dos céus. O raio radiante tomou a forma graciosa de uma pomba, pairando serenamente sobre a cabeça de Jesus, um símbolo divino de paz e do Espírito Santo. A presença luminosa da pomba banhou a cena em esplendor etéreo, um sinal inconfundível do favor de Deus e do cumprimento de uma antiga profecia. Todo observador deve ter sentido o espanto daquele momento, pois a própria natureza parecia testemunhar a santidade do evento.

A quilômetros de distância, nas ruas familiares e ensolaradas de Nazaré, Maria se viu

perdida em um devaneio. Naquele exato momento, o olho de sua mente foi agraciado com a imagem vívida daquela ocorrência divina, o raio de luz, a pomba graciosa descendo sobre seu Filho. Em seu coração, a alegria irrompeu como uma flor desabrochando. Um largo sorriso se espalhou por seu rosto, suavizando cada característica com radiante orgulho maternal. Um suspiro profundo e contente escapou de seus lábios, como se o peso do mundo tivesse sido aliviado pela certeza da presença de Deus. Seus passos ficaram leves e flutuantes enquanto ela caminhava pelo caminho empoeirado, uma jarra de água da fonte da vila embalada em seus braços, um lembrete simples, mas querido, da graça essencial da vida.

Naquele instante, o mundo de Nazaré pareceu transformado. A beleza sagrada do batismo no Rio Jordão e a terna e alegre resposta de uma mãe entrelaçadas em um único momento atemporal. A visão interior de Maria, cheia de esperança e afirmação divina, ressoou com a linguagem simples e não dita do amor e da fé. Foi como se, naquele momento, os próprios céus sorrissem para ela e abençoassem sua jornada, assegurando-lhe que a luz de Deus sempre guiaria tanto ela quanto seu Filho.

CAPÍTULO VINTE E SEIS

A TENTAÇÃO DE JESUS

Sob o sol escaldante, no trecho infinito e desolado do deserto, Jesus caminhava sozinho, Sua silhueta austera contra as areias douradas. Cada passo pressionado na terra com resolução silenciosa, o peso de Sua missão repousando sobre Seus ombros. O deserto se estendia infinitamente em todas as direções, seu silêncio vasto e inflexível, envolvendo-o como um véu solene. Apenas o leve estalar de grãos se movendo sob Seus pés e o suspiro baixo do vento perturbavam a quietude.

O sol implacável lançou um brilho feroz sobre Seu rosto, destacando a força silenciosa em Seus olhos. Um fogo não de sofrimento, mas de propósito inabalável. Embora a fome corroesse Seu corpo, Seu espírito permaneceu inabalável. Aqui, na solidão do deserto, onde a terra encontrava os céus em uma expansão crua e ininterrupta, Ele se preparou para a provação que viria, abraçando tanto o silêncio quanto a luta com uma fé que não vacilaria.

Enquanto isso, no santuário fresco do oratório de Maria, uma sala pequena e humilde cheia do aroma de incenso e do murmúrio silencioso da oração, Maria entrou com a mesma

reverência e solenidade que sempre marcaram sua devoção. Ao pisar no chão de pedra desgastado, seus olhos encontraram os de seu Filho, e juntos eles assumiram a postura de oração, movendo-se em unidade harmoniosa como se guiados por um único espírito divino. Lá fora, o céu do deserto testemunhava a passagem do tempo: o sol nascia e se punha trinta e cinco vezes, cada ciclo um testamento silencioso de sua vigília compartilhada.

Então, em um contraste repentino e chocante com a disciplina serena de seu jejum, os céus escureceram com uma presença sinistra. Da vasta extensão acima, Lúcifer apareceu diante de Cristo na forma de um homem, uma figura escura e sedutora que carregava consigo a promessa de delícias terrenas. Com um sorriso zombeteiro, Lúcifer provocou: "*Se Tu és o Filho de Deus, ordene que estas pedras se tornem pães.*" Sua voz gotejava com desprezo enquanto ele oferecia comida e bebida, tentando Jesus a abandonar Sua fome espiritual.

Jesus, inabalável em Sua determinação, respondeu calmamente: "*Nem só de pão vive o homem...*" Suas palavras foram sumindo e, no silêncio do oratório de Maria, sua voz gentil completou o pensamento com uma reverência que ressoou no espaço sagrado, "*mas em toda palavra que procede da boca de Deus.*" Naquele

momento, Mãe e Filho reafirmaram seu compromisso com a verdade divina, suas vozes unidas rechaçando a escuridão.

Com o passar do tempo, Maria recebeu uma visão poderosa — um vislumbre da próxima batalha entre seu Filho e as forças do mal. Nela, ela viu Jesus se permitindo ser carregado por Lúcifer e seus demônios para Jerusalém. Lá, eles O colocaram no ponto mais alto do templo, preparando o cenário para um grande confronto espiritual.

Em meio à turbulência, as vozes de Jesus e Maria se ergueram juntas em unidade: *"Pai, enfrente o inimigo para quebrar seu poder e humilhar seu orgulho, pelo bem das almas que amo."* Suas palavras, cheias de força e amor, ecoaram como um hino sagrado, anunciando a batalha que estava prestes a se desenrolar.

Na luz dura do deserto, tão rapidamente quanto Ele havia sido levado ao templo, Jesus foi transportado por Lúcifer e seus demônios para o pico de um alto monte. A luta era palpável, as forças das trevas lutavam para afirmar seu domínio, mas em meio ao tumulto, Lúcifer sibilou: *"Todas essas terras eu darei a você, se você se prostrar e me adorar."* Naquele momento, a voz firme de Maria se elevou, clara e inflexível: *"Você não pode dar o que Deus sozinho criou."* O som de sua proclamação

assustou Lúcifer, perfurando o clamor das forças malévolas.

Com autoridade e clareza, Jesus então declarou: "*Vai-te, Satanás, pois está escrito...*" Imediatamente, em perfeita uníssono, Maria e Jesus proclamaram: "*O Senhor Deus adorarás, e somente a Ele servirás!*" Suas vozes, resolutas e triunfantes, reverberaram pelo topo árido da montanha. Naquele instante, o poder de sua fé provou ser irresistível. Lúcifer e seus demônios foram lançados nos abismos mais profundos do Inferno, suas formas escuras esmagadas e enterradas nas cavernas inflexíveis, imóveis por três longos e silenciosos dias.

À medida que a poeira da batalha baixava, a cena desvanecia-se na luz quente e pacífica do oratório de Maria. Ali, no tranquilo rescaldo da vitória, Maria começou a compor hinos de louvor e glória, sua caneta dançando sobre o pergaminho enquanto registrava o triunfo de seu Filho sobre as forças das trevas. Em um santuário próximo, Jesus se juntou a uma multidão de anjos para cantar canções triunfais, melodias de esperança e libertação que ascendiam aos céus, ecoando a promessa eterna que somente o divino poderia conceder.

Assim, em meio à dura solidão do deserto e à sagrada intimidade da oração, a batalha entre a luz e a escuridão foi travada e vencida. Na

unidade de seus corações e no poder de sua fé, Maria e Jesus demonstraram que nenhuma força poderia prevalecer contra o amor duradouro de Deus, uma verdade que ressoaria pela eternidade.

CAPÍTULO VINTE E SETE

OS DISCÍPULOS DE CRISTO

A reunião dos Discípulos começou em uma manhã brilhante perto do Rio Jordão, onde Jesus retornou e foi recebido por João Batista. De pé na beira da água, João estava ocupado batizando uma multidão de almas fiéis quando seus olhos se levantaram, e lá na distância, ele viu Jesus se aproximando. Com admiração e fervor, João proclamou: “Eis o *Cordeiro de Deus; eis Aquele que tira os pecados do mundo.*” À medida que Jesus se aproximava e passava, um pequeno grupo de homens, atraídos pelo magnetismo de Sua presença, começou a segui-lo, caminhando em formação silenciosa e determinada atrás e ao lado de seu novo Mestre.

Tudo começou com João e seu irmão André, seguidos por Pedro e Filipe, e então Natanael, entre outros. Esses primeiros seguidores, cheios de um profundo anseio, imploraram ao Senhor pela honra de conhecer Sua Mãe. Em seu coração, a Mãe Santíssima, já ciente desse encontro predestinado, começou a preparar sua casa para os hóspedes que viriam, organizando espaços e reunindo o pouco que ela tinha a oferecer em hospitalidade.

No humilde interior de sua casa, Maria se ocupou com os preparativos. Ela preparou a comida com ternura e arrumou camas simples para os convidados que logo chegariam. Quando o grupo finalmente se aproximou, Maria abriu a porta com um sorriso gentil e uma dignidade tranquila. Quando os homens entraram, suas vozes baixas com reverência, Maria caiu de joelhos diante de Jesus e beijou Sua mão, um gesto de profunda humildade e amor. Jesus, por sua vez, pegou sua mão e a ajudou a se levantar, como se para lembrá-la de que, mesmo em seu próprio serviço, ela era Sua companheira e força constantes. Pois quando a humilde e abençoada Rainha serviu seu Filho, ela demonstrou a máxima reverência, ensinando os Apóstolos reunidos sobre a Majestade de seu Mestre e Redentor, e instruindo-os nas grandes doutrinas da fé cristã.

CAPÍTULO VINTE E OITO

OS MILAGRES PÚBLICOS DE CRISTO

Os milagres públicos assim destinados seriam a queda do nosso amado Cristo. Foi isso que chamou a atenção daqueles que clamavam por sua morte.

O casamento em Caná foi uma ocasião alegre, uma celebração de amor e união, com a presença de familiares, amigos e pessoas da vila. Entre os convidados estavam Jesus, sua mãe Maria e seus discípulos.

Durante as festividades, surgiu um problema que ameaçava trazer constrangimento aos anfitriões, o vinho tinha acabado. Percebendo a situação, Maria se aproximou de Jesus com um pedido silencioso, mas urgente, dizendo: " *Eles não têm mais vinho.*" Jesus respondeu: " *Mulher, por que você me envolve? Minha hora ainda não chegou.*" No entanto, Maria, com fé inabalável em seu Filho, voltou-se para os servos e os instruiu: " *Façam tudo o que Ele lhes disser.*"

Jesus então ordenou aos servos que enchessem seis talhas de pedra, cada uma com capacidade para conter de vinte a trinta galões, com água. Depois que fizeram isso, Ele lhes disse: " *Agora tirem um pouco e levem ao mestre do banquete.*" Os servos obedeceram, e quando o

mestre do banquete provou o que havia sido tirado, ele ficou surpreso. A água havia se transformado no melhor vinho.

Sem saber do milagre que acabara de acontecer, o mestre-sala chamou o noivo e comentou: *"Todos servem primeiro o vinho melhor e, depois que os convidados já beberam bastante, o vinho mais barato é servido. Mas você guardou o melhor até agora."*

O casamento em Caná é um testemunho da abundante graça e provisão de Cristo, demonstrando que Ele transforma o comum em extraordinário por meio de Sua presença divina.

Um dia, enquanto Jesus viajava, uma grande multidão O seguiu quando Ele deixou a cidade. Eles O tinham visto curar os doentes e ouvido Suas palavras de verdade e graça, e queriam ouvir mais. Sua fome por Seus ensinamentos os levou a um lugar remoto perto do Mar da Galileia. Quando o sol começou a se pôr, mais de cinco mil homens, junto com mulheres e crianças, perceberam que não tinham nada para comer.

Vendo isso, Jesus, cheio de compaixão, voltou-se para Seu discípulo Filipe e perguntou: *"Onde podemos comprar pão para essas pessoas?"* Filipe, olhando para a vasta multidão, ficou impressionado. *"Nem mesmo oito meses de*

salário seriam suficientes para cada pessoa ter um pouco", ele respondeu. Então André, outro discípulo, falou hesitantemente. " Há um menino aqui com cinco pães de cevada e dois peixinhos, mas o que é isso para tantos?"

Jesus sorriu e disse: "*Façam as pessoas se sentarem.*" Os discípulos organizaram a multidão na encosta gramada. Então, Jesus pegou os cinco pães e os dois peixes, levantou os olhos para o céu e deu graças. Ele partiu o pão e o peixe e os entregou aos Seus discípulos para que distribuíssem.

À medida que a comida era passada de uma pessoa para outra, um milagre acontecia. O pão e o peixe nunca acabavam. Não importava quantas mãos se estendiam, sempre havia mais para dar. As pessoas comiam até ficarem satisfeitas. Quando todos terminaram, Jesus disse aos Seus discípulos: "*Reúnam as sobras para que nada seja desperdiçado.*" Eles coletaram doze cestos de sobras de pão e peixe.

A multidão ficou surpresa e sussurrava entre si: "*Certamente este é o Profeta que foi prometido que viria!*"

Este milagre foi mais do que apenas alimentar os famintos. Foi um sinal do poder de Jesus de prover, multiplicar e sustentar. Ele pegou uma pequena oferta e a transformou em

um banquete abundante, assim como mais tarde Ele se ofereceria como o Pão da Vida para todos os que creem Nele. A alimentação dos cinco mil mostrou a generosidade ilimitada de Deus, que nutre tanto o corpo quanto a alma.

A cidade de Betânia estava quieta sob o sol da tarde, seu povo não sabia que um grande milagre estava prestes a acontecer. Lázaro, o irmão de Maria e Marta, estava morto há quatro dias, selado em um túmulo por uma pedra pesada. As irmãs tinham enviado uma mensagem a Jesus, esperando que Ele viesse a tempo de salvá-lo, mas Jesus esperou mais dois dias antes de começar Sua jornada.

Seus discípulos ficaram confusos com a demora. *“Senhor, se ele está doente, não deveríamos ir até ele?”*, perguntaram.

Jesus respondeu: *“Esta doença não terminará em morte, mas glorificará a Deus. Lázaro adormeceu, e eu devo acordá-lo.”*

Ainda sem entender, os discípulos hesitaram até que Jesus disse claramente: *“Lázaro está morto. E, por amor a vocês, estou feliz por não ter estado lá, para que vocês creiam. Vamos até ele.”*

Quando chegaram a Betânia, a cidade estava de luto. Amigos e familiares se reuniram para consolar Maria e Marta, que estavam arrasadas.

Quando Marta soube que Jesus havia chegado, ela correu para encontrá-lo, com lágrimas escorrendo pelo rosto.

“Senhor, se estivesses aqui, meu irmão não teria morrido. Mas mesmo agora, sei que Deus concederá tudo o que pedires.”

Jesus olhou para ela com profunda compaixão. *“Seu irmão ressuscitará.”*

Marta, pensando que Ele se referia à ressurreição no fim dos tempos, assentiu. *“Eu sei que ele ressuscitará na ressurreição.”*

Jesus então falou as palavras que ecoariam através do tempo: *“Eu sou a ressurreição e a vida. Quem crê em mim viverá, mesmo que morra. Você crê nisso?”*

Em meio à sua tristeza, Marta declarou: *“Sim, Senhor, eu creio que Tu és o Cristo, o Filho de Deus”.*

Maria logo se aproximou de Jesus, caindo a Seus pés. Sua voz tremia de tristeza. *“Senhor, se Tu estivesses aqui, meu irmão não teria morrido.”*

Vendo a tristeza de Maria e daqueles ao seu redor, Jesus chorou.

Ele caminhou até o túmulo de Lázaro, onde o peso do momento pairava pesado no ar. *“Tire a pedra”*, Ele ordenou.

Marta hesitou. *“Senhor, ele está morto há quatro dias. O cheiro deve ser forte.”*

Jesus gentilmente a lembrou: *“Eu não lhe disse que se você crer, verá a glória de Deus?”*

À Sua palavra, a pedra foi rolada para longe. A multidão ficou em silêncio, seus corações batendo forte em antecipação. Jesus levantou Seus olhos para o céu. *“Pai, eu Te agradeço por Me ouvires. Digo isso para que os que estão aqui creiam que Tu Me enviaste.”*

Então, com uma voz de autoridade divina, Ele gritou: *“Lázaro, venha para fora!”*

Um silêncio caiu sobre a multidão. Então, da escuridão do túmulo, Lázaro, ainda envolto em panos de sepultamento, e vivo, apareceu.

Suspiros e gritos de espanto percorreram a multidão. Alguns caíram de joelhos, outros sussurraram em reverência.

Jesus voltou-se para eles e disse: *“Desamarre-o e deixe-o ir.”*

Maria e Marta correram para frente, abraçando o irmão em alegria chorosa. Os sussurros de admiração se transformaram em gritos de louvor, pois elas tinham testemunhado um milagre diferente de qualquer outro.

Mas nem todos se alegraram. Notícias do que havia acontecido rapidamente se espalharam para

os fariseus e líderes religiosos. O espanto deles se transformou em medo, e daquele momento em diante, eles conspiraram para tirar a vida de Jesus, sem saber que Ele tinha poder até mesmo sobre a própria morte.

CAPÍTULO VINTE E NOVE

O MINISTÉRIO CRESCENTE

À medida que Jesus continuava Seus ensinamentos, as multidões aumentavam. Muitos O seguiam não apenas por Seus milagres, mas pela verdade e graça em Suas palavras. Entre eles, havia mulheres que tinham sido curadas de doenças e libertadas de possessão demoníaca, permanecendo em reverência tanto para com Jesus quanto para com Sua Mãe.

Uma noite, Maria foi vista carregando vasilhas pesadas para o poço da cidade, auxiliada por Pedro e João. Mais tarde, enquanto compartilhavam uma refeição simples, Maria falou suavemente, suas palavras cheias de sabedoria. Os discípulos ouviram atentamente, apreciando sua orientação. Todos, exceto um, buscaram conselho de Nossa Rainha e Seu Filho. Sim, um deles lutou. Embora Judas seguisse Jesus, seu orgulho resistiu à graça. Apesar da gentileza especial de Maria e seu Filho, ele resmungou e procurou se colocar acima dos outros.

Uma noite, Maria caminhou ao lado de Judas, gentilmente pegando suas mãos nas dela e pressionando um beijo carinhoso sobre elas. Sua voz era suave e cheia de amor. *"Pense*

cuidadosamente sobre suas intenções, meu querido. Você vai vacilar, mas meu Filho sempre lhe oferecerá misericórdia — se você estiver disposto a aceitá-la."

Mas o coração de Judas endureceu. Mais tarde, frustrado, ele buscou segurança em Jesus, ajoelhando-se diante Dele.

Jesus olhou para ele com compreensão triste. *"Você realmente sabe o que busca? Não corra atrás de honras que podem levar à sua queda."*

Judas insistiu: *"Mestre, desejo servir-te, pois sou mais adequado que os outros"*. E com isso, seu destino foi selado, pois enquanto muitos abraçaram a luz, seu coração se voltou para a traição.

CAPÍTULO TRINTA

A TRANSFIGURAÇÃO

Antes de Sua Paixão, Jesus levou Pedro, Tiago e João para uma alta montanha. Quando chegaram ao cume, o ar ficou parado. Diante de seus olhos, duas grandes figuras apareceram - Moisés e Elias.

Então, algo ainda mais extraordinário aconteceu. A própria Maria foi levada por anjos ao topo da montanha, atraída pelo chamado do céu.

Em uma visão de tirar o fôlego, Maria viu seu Filho se transformar diante de seus olhos. Seu rosto brilhava como o sol, Suas vestes se tornaram brancas e brilhantes, e todo o Seu ser irradiava glória divina. Foi um vislumbre de Sua verdadeira natureza, uma revelação de que Ele não era apenas homem, mas o próprio Deus.

Os discípulos caíram no chão em reverência, incapazes de olhar para o brilho diante deles. E quando o momento passou, uma voz do céu declarou:

“Este é o meu Filho amado. Escutem-no.”

Maria observou, seu coração inchando tanto de alegria quanto de tristeza. Ela sabia que esse vislumbre de Sua glória divina era um prenúncio

— pois antes de Sua vitória final, Ele primeiro trilharia o caminho do sofrimento.

O tempo estava se aproximando. Os dias de ensinamentos silenciosos e pequenos milagres estavam desaparecendo. Em breve, o mundo logo testemunharia o maior sacrifício de todos.

CAPÍTULO TRINTA E UNA

A ÚLTIMA CEIA

A visão desapareceu no brilho suave do nascer do sol, e a cena mudou de volta para o interior humilde de uma casa em Nazaré em uma manhã de quinta-feira, o dia da Última Ceia. Jesus e Maria estavam sentados sozinhos, envolvidos por uma intimidade solene que era ao mesmo tempo alegre e de cortar o coração. Quando Maria, tomada pela emoção, começou a cair de joelhos diante de seu Filho, Jesus gentilmente a parou, levantando-a para uma posição de pé. Nos tons suaves e ternos de Sua voz, Ele disse: *"Mãe, a hora designada por meu Pai chegou. Ele Me enviou para sofrer, para que Eu possa salvar os filhos perdidos de Adão. Agora, você deve Me oferecer de bom grado, pois é isso que Eu lhe peço. Dê-me sua bênção para entrar em meu sofrimento e morte."*

A dor de Maria era palpável; lágrimas escorriam por seu rosto, e sua postura falava de um profundo e doloroso desejo de cair aos pés de seu Filho. No entanto, Seu apoio firme e compassivo a manteve de pé. Com uma voz trêmula de tristeza e amor, ela respondeu: *"Senhor, meu Deus e Criador de tudo, embora sejas o Filho do meu ventre, sou Tua humilde*

serva. O maior sacrifício que suporte é não poder morrer contigo. Meu único conforto é saber que Teu sofrimento trará salvação à humanidade. Peço apenas uma coisa: deixa-me ser Teu discípulo e companheiro, compartilhando Tua Paixão e Cruz, para que o Pai eterno possa aceitar o sacrifício de Tua Mãe ao lado do Teu."

Portanto, por seu pedido e pelo acordo gracioso de Nosso Senhor, a Rainha do Céu tornou-se a Co-redentora na salvação da humanidade. E com essas palavras sagradas, o momento foi selado.

Em uma sala modesta em Jerusalém, Jesus sentou-se no centro de Seus Apóstolos. Ele colocou um cálice e um prato na frente de Si. Ele então pediu o pão sem fermento e o vinho, despejando o vinho no cálice com reverência solene.

Cristo tomou em Suas veneráveis mãos o pão e o cálice. Ele pediu internamente a permissão e a cooperação do Pai Eterno, para que Ele se tornasse presente em ambos na forma de Seu corpo e sangue.

À medida que essa cerimônia sagrada se desenrolava, os espíritos de Enoque e Elias apareceram à esquerda de Cristo, sua presença um testemunho do significado divino do

momento. Atrás de Jesus estava o anjo Gabriel, sua forma radiante com luz celestial. À direita de seu Filho, Maria estava presente, cercada por seus anjos, seu rosto uma mistura de tristeza e profunda compreensão.

Jesus levantou os braços, segurando o pão e o cálice alto, seus olhos erguidos para o céu com uma expressão de majestade divina. Uma luz radiante circundou o pão e o cálice, transformando-os pelo poder de sua bênção. Ele abaixou os presentes e ajoelhou-se profundamente, oferecendo graças a Deus por seu favor.

Maria e os outros Patriarcas entenderam que dentro do pão estava Seu corpo, e dentro do vinho estava Seu sangue. Por causa da união de Sua alma com Seu corpo e sangue, o Cristo vivo estava verdadeiramente presente. Naquele momento, o Pai, o Filho e o Espírito Santo estavam unidos, e a Sagrada Eucaristia continha a humanidade perfeita do Senhor junto com a presença das três Pessoas divinas da Divindade.

Jesus partiu um pedaço do pão e comeu, então bebeu do cálice. Ele partiu outro pedaço e o entregou a Gabriel, que o entregou à Mãe Santíssima. Maria o recebeu com reverência, e ele foi depositado em seu peito, acima de seu coração, onde permaneceria até a Ressurreição. Jesus então deu a comunhão a Enoque e Elias,

que se curvaram diante dele antes de evaporar no nada. Seus rostos cheios de admiração e gratidão. Enquanto a comunhão era dada aos apóstolos e outros discípulos, Jesus falou as palavras sagradas:

"Tomai e comei; isto é o meu corpo, que é dado por vós. Fazei isto em memória de mim."

Então, tomando o cálice, disse:

"Bebei dele todos, porque isto é o meu sangue, o sangue da nova e eterna aliança, que é derramado por muitos, para o perdão dos pecados."

Um por um, os apóstolos e discípulos receberam a Sagrada Eucaristia, seus corações cheios de reverência e admiração. O peso do momento caiu sobre eles enquanto participavam do primeiro sacrifício da nova aliança, embora ainda não compreendessem completamente seu significado.

Quando a noite chegou ao fim, Jesus e Seus seguidores se levantaram e começaram sua caminhada solene até o Jardim do Getsêmani, onde a noite de tristeza estava prestes a começar.

No Jardim do Getsêmani, Judas se despediu dos apóstolos e se encontrou com Lúcifer. Embora Lúcifer tenha aparecido inicialmente em sua verdadeira forma, ele se transformou em um homem conhecido por Judas, sua voz cheia de um estranho desconforto. "*Judas*", ele disse, seu

tom quase suplicante, “*eu digo novamente, eu acho que Seus feitos não são tão perversos quanto dizem. Você não pode querer tanto a moeda agora, pode?*”

O rosto de Judas endureceu, sua voz amarga. “*Você diz isso agora, você que me incitou o tempo todo. Agora, a morte não é adequada para Ele?*”

A expressão de Lúcifer ficou ansiosa. “*Ele pode se libertar quando acorrentado. Você e eu vimos Seus milagres! O que acontecerá então, com você que O matou?*”

Judas o empurrou para o lado, sua determinação inabalável. “*E você não fez isso?*”, ele retrucou, continuando em direção à casa do padre. Lúcifer, agora revelado em sua verdadeira forma, desapareceu diante dos olhos deles, seu medo palpável.

CAPÍTULO TRINTA E DOIS

A TRISTEZA DE MARIA

No cenáculo, Maria e as santas mulheres que seguiram Jesus por quase três anos, incluindo Maria Madalena, Marta e sua irmã Maria, se reuniram. Quando Cristo foi entregue, Maria revelou sua angústia a elas. *“Minha alma está triste”*, ela disse, com a voz trêmula, *“porque meu Filho amado está prestes a sofrer e morrer, e não é permitido que eu sofra e morra de Seus tormentos. Rezem, minhas amigas, para que vocês não sejam vencidas pela tentação.”*

Maria as deixou por curtos intervalos, retirando-se para seus aposentos privados. Lá, ela chorou sozinha, seu sofrimento tão profundo que gotas de sangue se formaram em sua testa. O arcanjo Gabriel apareceu para ela, sua presença um conforto. *“Coragem, minha Rainha”*, ele disse gentilmente. *“Seu servo leal Michael está com seu amado Filho enquanto Ele ora sozinho no jardim.”*

Maria assentiu, sua voz cheia de tristeza. *“Eu vejo isso, Gabriel. Assim como eu verei que em breve meu amado será entregue por meio de um beijo.”*

Na casa de Anás, o sumo sacerdote, Jesus foi amarrado firmemente, correntes colocadas em

Suas mãos por trás. Ele estava cercado por soldados, assim como Lúcifer e seus demônios, que tomaram forma humana para provocar e incitar a multidão. Eles O golpearam repetidamente, sua crueldade implacável. Os sons de Seus gritos abafados ecoaram pela sala.

No cenáculo, Maria estava prostrada, chorando abertamente enquanto falava com seu Pai Eterno. *"Senhor mais gentil e gracioso, embora eu não possa dar minha vida em Seu lugar, eu aceito Sua vontade. Mas como Sua amada Mãe, eu peço Sua misericórdia. Deixe-me compartilhar Seu sofrimento e sentir a dor que eles infligem em Seu corpo sagrado. Enquanto Você está no Céu e não pode estar com Ele, permita-me ficar ao Seu lado nestas próximas horas. Não deixe nosso Filho sofrer sozinho."*

E porque Ele não podia negá-la, o corpo frágil da Santíssima Virgem Maria começou a sofrer a agonia da Paixão. Ela não incorreria na morte, mas o Deus Todo-Poderoso permitiu que Seu corpo, coração e alma sentissem tudo o que Cristo sentiria. Portanto, os dois, Mãe e Filho, sofreram de bom grado pelos pecados da humanidade e por sua Redenção.”

CAPÍTULO TRINTA E TRES

O CAMINHO PARA O CALVÁRIO

A estrada para o Calvário, onde Jesus se preparou para carregar Sua Cruz, Maria e os outros esperaram, seus corações se partindo enquanto testemunhavam Seu sofrimento. Pois era hora do Filho de Deus carregar Sua amada Cruz. Seu corpo puro e perfeito havia sido atingido 5.115 vezes. Cada fração de Seu corpo estava ferida, sangrando e exposta. No entanto, quando Ele olhou para a Cruz, os presentes não conseguiam compreender, exceto Maria. O olhar de amor e desejo em Seu rosto. Especialmente confusos e ficando cada vez mais assustados com o comportamento de Jesus estavam Lúcifer e seus seguidores.

Nas ruas que levavam ao Calvário, Lúcifer e centenas de seus seguidores incitavam a multidão, suas vozes cheias de malícia. Aqueles intocados por demônios olhavam com agonia, seus corações pesados de tristeza pelo homem inocente diante deles. Maria, seu rosto velado, observava em silêncio. A voz de Deus falou com ela, gentil, mas autoritária. *“Minha Amada, neste teu maior momento de tristeza, invoca tua força. É hora de o maior inimigo dos filhos de Adão conhecer teu poder.”*

Maria parou de andar, sua mente viu Lúcifer e seus ministros iluminados por uma luz vermelha brilhante. Ela falou com autoridade, sua voz ecoando em suas mentes. *"Eu ordeno que vocês permaneçam onde estão, criaturas que espalham o mal nos corações dos filhos de Deus. Vocês ficarão e caminharão ao lado Dele enquanto Ele carrega a Cruz. Vocês testemunharão enquanto eles pregam Seu corpo quebrado nela. Vocês ouvirão Seus ossos quebrarem, verão Sua sede e ouvirão Suas palavras de misericórdia e perdão. Então, pelo poder que me foi dado, eu os lançarei nas profundezas mais profundas do abismo."*

Os demônios se encolheram, congelados no lugar, seu medo palpável enquanto as palavras de Maria ecoavam com autoridade divina. A cena desapareceu, o peso de seu comando pairando no ar.

Com o comando de Maria, os seres do inferno marcharam como prisioneiros condenados para a crucificação de Cristo.

A cena mudou para o pé da cruz, onde Jesus estava pendurado, Seu corpo quebrado e sangrando. Ele levantou Seus olhos para o céu, Sua voz tremendo enquanto falava Suas palavras finais:

"Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem."

Cristo e Maria ouviram as palavras de Deus.

"Em verdade te digo que hoje estarás comigo no paraíso. Mulher, eis aí teu filho. Filho, eis aí tua mãe."

Em angústia humana Jesus clamou.

"Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste? Tenho sede."

"Está consumado. Pai, em Tuas mãos entrego Meu espírito."

Então, com um último suspiro, Sua cabeça caiu em Seu peito. Um grito de tristeza surgiu de Seus seguidores, sua dor se fundindo com o rugido do trovão enquanto relâmpagos rasgavam o céu. A escuridão engolfou a terra, e a terra começou a tremer, se abrindo abaixo deles. Como previsto, Lúcifer e seus demônios foram arrastados para as profundezas da terra, seus gritos desaparecendo no abismo.

O céu permaneceu escuro, o sol ausente, mas a silhueta contra ele estava a cruz e o corpo de Cristo. Ao pé da cruz estava Maria, seu corpo tremendo em agonia, seu braço se estendendo para tocar os pés de seu Filho. Ao redor dela estavam seus companheiros, mortais e celestiais,

seus rostos cheios de tristeza e reverência. O peso do momento pairando no ar.

Dentro da casa em Nazaré, os apóstolos Pedro, João e outros se reuniram, seus rostos pesados de tristeza. Maria andava pela sala, servindo e fazendo preparativos para o sepultamento de seu Filho. João se aproximou dela, sua voz cheia de preocupação.

“Mãe,” ele disse gentilmente, beijando suas mãos, “*Você precisa se alimentar. Por favor, deixe-nos fazer isso por você neste momento. Você não come há dias. Eu não suportaria que você nos deixasse também.*”

Maria olhou para ele, seus olhos cheios de uma força silenciosa. “*Meu descanso e consolo serão ver meu Filho e Senhor ressuscitado dos mortos. Meus queridos amigos, fiquem e consolem uns aos outros enquanto eu me retiro sozinha com meu Filho.*”

Maria se retirou para seu cenáculo, deitando-se em seu catre e fechando os olhos. Diante dela, o mundo do Limbo tomou forma. Ela viu seus amados pais, Ana e Joaquim, assim como José, os profetas Enoque e Elias, Moisés e as milhares de almas aguardando a libertação. Seus rostos estavam cheios de esperança, sua longa espera tornada possível por sua maior tristeza. Então, seu rosto se iluminou de alegria ao ver seu Filho.

Jesus cumprimentou aqueles que esperaram tanto tempo, e eles caíram de joelhos em gratidão.

Por ordem de Maria, os anjos restauraram o corpo quebrado de seu Filho à sua perfeição. Então, com a mesma luz magnífica de Seu nascimento original, o Filho de Deus e Maria foi ressuscitado. Ele tomou forma diante deles como um ser translúcido, a mortalha no esquife ainda brilhando da transformação divina que havia ocorrido dentro dele.

CAPÍTULO TRINTA E QUATRO

A RESSURREIÇÃO

Em seu cenáculo, Maria se levantou de seu catre, seu rosto radiante de alegria. Diante dela apareceu a visão translúcida de seu Filho. Ela caiu prostrada diante Dele, mas Ele a levantou, atraindo-a para Si. A luz de Sua divindade fluiu Dele para ela, elevando-a para cima.

“Meus amados”, disse Jesus, com a voz cheia de amor, “subam mais alto!”

Três dias depois, na madrugada de domingo, João olhou para Maria, encontrando-a ajoelhada em oração, seu rosto brilhando com uma luz divina. Ela sorriu para ele, e sua expressão revelou que ele sabia que Cristo havia ressuscitado. Ele fechou a porta, deixando Maria sozinha. As vozes de Deus, do Espírito Santo e de Jesus foram ouvidas, suas palavras cheias de reverência e amor.

"Esta é a Rainha de toda a criação, no céu e na terra", eles proclamaram. "Ela é a Protetora da Igreja, a Senhora de todas as criaturas, a Mãe da misericórdia, a Advogada dos pecadores e a Intercessora dos fiéis. Ela é a Mãe do amor e da santa esperança, contendo dentro de si os mistérios do Nosso poder para a salvação da humanidade. Tudo o que Ela Nos pedir será

concedido, e aqueles que buscarem Sua intercessão encontrarão o caminho para a vida eterna."

Enquanto falavam, Maria foi elevada do chão pelos anjos, sua forma banhada em uma luz celestial. A cena desapareceu, deixando a promessa de sua intercessão eterna e a esperança de salvação para todos que buscassem sua ajuda.

O salão onde a Última Ceia havia ocorrido estava agora cheio com a presença de Maria, os onze apóstolos, as três Marias, Marta, Lázaro, outros discípulos e mulheres piedosas, totalizando 120 almas. Cristo, iluminado com luz divina, estava diante deles, Sua voz gentil, mas cheia de autoridade.

"Meus mais doces filhos", Ele começou, "estou prestes a ascender ao meu Pai, de cujo seio desci para resgatar e salvar os homens. Deixo com vocês, em meu lugar, minha Mãe. Nela, aqueles que Me procuram sempre Me encontrarão. Pedro, eu os deixo como a cabeça suprema da Igreja. Obedeçam a ele como meu Vigário, o sumo sacerdote. João, vocês ocuparão o lugar como filho de minha Mãe, como eu os designei na Cruz. Agora, caminhem comigo, meus devotos discípulos; caminhem comigo até o lugar da minha Ascensão."

CAPÍTULO TRINTA E CINCO

A ASCENSÃO DE CRISTO

O céu acima do Monte das Oliveiras resplandecia com um brilho celestial, sua luz dourada se estendendo pelo horizonte como se a própria criação se regozijasse no momento. No pico da montanha, Cristo estava em majestosa quietude, Suas mãos gentilmente dobradas em Seu peito, Seu rosto brilhando com radiância divina. Sua própria presença parecia comandar tanto a terra quanto o céu, uma ponte entre o mundo mortal e o reino eterno além.

Quando Ele começou a ascender, Suas pegadas permaneceram gravadas na terra, uma marca sagrada de Seu tempo entre os homens, um testamento silencioso, mas poderoso, de que Ele realmente andou entre eles. O ar brilhava com a presença de seres celestiais, suas formas brilhando com a luz do céu enquanto Ele os chamava para subir com Ele. Uma sinfonia de anjos subiu, suas vozes se erguendo em um coro de louvor que ecoou pela vasta extensão.

Mesmo enquanto Ele ascendia, Seu coração permaneceu com Sua Mãe, falando com ela em uma linguagem além das palavras, uma mensagem final de amor e segurança antes de entrar plenamente em Sua glória eterna.

“Mãe”, Ele disse, com a voz cheia de amor, *“desejo sua companhia enquanto ascendo ao meu Pai”*.

O espírito de Maria deixou seu corpo terrestre, invisível para aqueles que estavam assistindo à Ascensão. À medida que seu espírito ascendia com Cristo, a voz de Deus ecoava pelos céus. *“Suba mais alto, meu amado, devolva meu Filho para mim.”*

Eles subiram aos céus empíreos, onde três tronos magníficos aguardavam. Deus, o Criador de tudo, sentou-se no trono mais à esquerda. Atrás dele estavam milhares de santos e padres santos que estiveram no Limbo, seus rostos cheios de alegria. Raios de cores radiantes brilhavam, anjos se alegravam e trombetas soavam. Cristo tomou seu lugar no trono do meio e estendeu sua mão direita, apontando para o trono ao lado dele.

“Mãe”, disse Ele, com a voz cheia de reverência, *“levanta-te e toma posse do lugar que te devo por teres seguido e imitado a Mim.”*

Maria se aproximou do trono e sentou-se, sua forma brilhando com luz divina. Deus falou, Sua voz cheia de amor. *“Minha Esposa e Amada, venha para meus abraços eternos. Pois este é o seu lugar, sentar-se à direita de Meu Filho, que se senta à Minha direita. É seu por toda a*

eternidade. É seu para escolher agora, ou quando desejar.”

Maria olhou ao redor, seu olhar pousando em seu Filho antes de se levantar e se ajoelhar diante de Deus. *“Deus eterno e todo-poderoso,”* ela disse, sua voz tremendo de humildade, *“Aceitar esta recompensa agora me traria descanso, mas devo retornar ao mundo e continuar meu trabalho pelos filhos de Adão e pelos fiéis da Igreja. Senhor e Mestre da minha alma, receba este sacrifício, e deixe que Tua força divina me sustente na missão que me foi confiada. Eu me ofereço mais uma vez, dedicando tudo o que sou à Tua glória e à salvação das almas, enquanto eu for capaz.”*

Deus olhou para Cristo e assentiu com a cabeça. Cristo falou, Sua voz cheia de tristeza e admiração. *“Eu aceito Teu sacrifício, Mãe, mas peço que Tu fiques ao meu lado por um tempo, pois sofrerei a ausência de Tua presença.”*

Antes que a Mãe de Deus retornasse à Terra, Ela foi informada da hora e da data da esperada visita terrena do Espírito Santo, que os instruiria a todos nos ensinamentos de seu Senhor.

CAPÍTULO TRINTA E SEIS

O PENTECOSTES

Era de manhã cedo no Cenáculo, o ar estava denso com o fervor da oração. Maria, os apóstolos e um grupo de discípulos, homens e mulheres, num total de cento e vinte, estavam unidos em devoção. A sala estava silenciosa, exceto pelos apelos sussurrados e louvores subindo ao céu. De repente, um tremendo rugido de trovão quebrou o silêncio, e um vento violento varreu o ar. Lá fora, o céu parecia se partir quando um fogo brilhante, como um relâmpago, desceu sobre a casa, envolvendo-a em uma luz radiante que se derramava pelo telhado.

Os aldeões à distância pararam em seus caminhos, olhando com admiração para a habitação agora iluminada com brilho divino. Lá dentro, os fiéis reunidos sentiram a presença de algo extraordinário. Sobre a cabeça de cada pessoa, uma chama apareceu, tremeluzindo com intensidade. As chamas dos apóstolos queimavam mais brilhantes do que as demais, com as de João e Pedro brilhando mais radiantes de todas. Mas acima de Maria, a chama era a maior, um testemunho de sua graça única. Por vários segundos, a sala foi preenchida com o som

de coros angelicais, suas vozes harmonizando-se em louvor celestial.

Então, uma voz, profunda, ressonante e inconfundivelmente divina, falou. Era o Espírito Santo, dirigindo-se a todos eles. *"Eu os infundo com os hábitos dos sete dons: Sabedoria, Entendimento, Ciência, Piedade, Conselho, Fortitude e Temor."* Voltando-se para os apóstolos e Maria, a voz continuou: *"Em vocês, eu infundo Minha graça em abundância porcionada para o seu ministério que vocês manterão na santa Igreja."*

À medida que a luz desaparecia, a cena mudou para as ruas movimentadas de Jerusalém. Milhares de pessoas enchiam a cidade, e os apóstolos se moviam entre elas, cada um falando para grandes multidões. Notavelmente, enquanto os apóstolos falavam, suas palavras eram entendidas por todos, independentemente do idioma. Rostos se iluminavam com espanto, uma jovem e bonita garota na multidão olhava com admiração. Enquanto isso, os outros homens e mulheres santos cuidavam dos doentes e moribundos, realizando curas milagrosas e expulsando demônios dos possuídos.

No dia seguinte, às margens do rio, milhares se reuniram para serem batizados, seus corações transformados pelo poder da Palavra divina. De volta ao Cenáculo, Maria observou essa visão se

desenrolar, um sorriso gentil enfeitando seus lábios.

O tempo passou, e os apóstolos se espalharam por Jerusalém, Palestina, Lida e Jaffa. Alguns viajavam em pares, outros sozinhos, mas todos estavam unidos em sua missão: pregar, curar e fazer crescer a nova Igreja de Cristo. No entanto, seu trabalho não era isento de oposição. Lúcifer, o inimigo comum de todos, procurava atrapalhar seus esforços a todo momento. Ele enviou seus asseclas para tentar, insultar e atacar os apóstolos, desesperados para frustrar a propagação da Palavra divina.

Mas Maria, sempre vigilante de sua posição celestial, era sua protetora. Quando ela não intervinha, ela enviava exércitos de anjos para proteger seus amados apóstolos. Isso enfurecia Lúcifer, que voltava sua malícia para os fracos e indefesos, sua sede por almas insaciável.

CAPÍTULO TRINTA E SETE

A BATALHA DO BEM E DO MAL

O sol se pôs sobre a cidade de Jerusalém, lançando longas sombras sobre suas ruas estreitas. A linda jovem, uma das muitas que se converteram durante os primeiros dias de Pentecostes, caminhava sozinha, seu coração ainda brilhando com as palavras de amor e perdão que ouvira dos apóstolos. Mas enquanto ela vagava, uma figura emergiu da escuridão, uma velha, curvada e frágil, seus olhos afiados e calculistas. Era Lúcifer, disfarçado.

A velha se aproximou da garota, sua voz pingando com falsa preocupação. "*Eu vi você com aqueles homens de túnica outro dia. O que eles te disseram eram mentiras,*" ela sibilou.

A garota hesitou, sua fé vacilou por um momento. "*O que eles disseram foi lindo. Eles falaram de amor e perdão. Eles disseram que se obedecermos a Deus, quando morrermos, viveremos com Ele para sempre.*"

A velha zombou. "*Obedecer? Por que você tem que obedecer a alguém? Você parece uma garota inteligente para mim. Você deveria fazer*

o que quiser. Você não deseja o riso e os prazeres de um homem? "

A voz da menina tremeu. *"Sim, mas... eu vi o que eles fizeram. Eles curaram muitos que estavam aflitos. As pessoas entenderam suas palavras em todas as línguas quando eles falaram."*

A velha se inclinou para mais perto, seu tom ficando mais insistente. *"Denuncie-os, e eu lhe prometo uma vida pacífica e plena."*

A garota hesitou novamente, sua mente nublada com dúvidas. *"Mas e a mulher gentil que estava com eles? Suas palavras eram gentis e amorosas, mais do que todas as outras."*

O rosto da velha se contorceu em desdém. *"Aquele é pior que todas elas. Evite-a. Afaste-se de suas armadilhas."*

Antes que a garota pudesse responder, a forma da velha mudou e se contorceu, revelando o verdadeiro e horripilante rosto de Lúcifer. Em um instante, ele entrou em seu corpo, deixando-a trêmula e quebrada.

Vários dias depois, nos aposentos da menina, ela estava gravemente doente, sua família reunida ao redor dela, seus rostos marcados pela preocupação. No Cenáculo, Maria viu o sofrimento da menina e enviou os dois primeiros anjos para ajudá-la. Mas nenhum dos dois

conseguiu livrar a menina do espírito de Lúcifer. Ela se contorcia em agonia, seu corpo e alma atormentados.

Pelas ruas movimentadas de Jerusalém, Maria caminhava sozinha, seus anjos a cercando em vigília silenciosa. Seus passos eram rápidos, seu coração atraído para aquele que precisava desesperadamente de sua ajuda. " *Por que você me atrasa para alcançá-la?* ", ela perguntou, sua voz cheia de urgência.

Um dos anjos respondeu: "*Não há necessidade de você andar pela cidade quando podemos levá-la até lá com mais facilidade.*"

Imediatamente, Maria foi erguida por seus anjos, carregada sem esforço pelo ar. Em um instante, ela apareceu dentro do quarto da menina, sua presença radiante e inegável. Os espíritos malignos persistentes se espalharam como explosões de luz fugitiva, desaparecendo de medo à vista da Santa Mãe.

Maria se aproximou da garota, sua voz suave, mas firme. "*O que foi dito a você?*"

A menina, fraca e trêmula, sussurrou: "*Eles me persuadiram a acreditar que os discípulos de Jesus estavam me enganando.*"

Os olhos de Maria se encheram de compaixão. "*Veja o que essas crenças fizeram*

com seu corpo jovem. Você está muito perto da morte. No que você deseja acreditar?"

A voz da menina era quase inaudível. *"Que eu sou amada. Que eu terei paz."*

Maria se inclinou para mais perto, suas palavras um bálsamo para a alma perturbada da garota. *"Você vai, se expulsar os pensamentos plantados em sua mente por aquele que só queria te enganar. Acredite em minha palavra, criança. Jesus espera por você, se você acreditar em minhas palavras."*

Então Maria tomou a menina em seus braços. As últimas palavras da menina foram um sussurro de fé: *"É Deus a quem eu amo, e Jesus que pelos meus pecados deu Sua vida. Perdoame, Senhor."* Com isso, ela morreu pacificamente no abraço de Maria.

Nenhuma alma era sem importância para a Rainha do amor e da misericórdia. Ela manteve sua promessa de salvar almas, mesmo quando seus amados apóstolos começaram a sofrer nas mãos de Lúcifer.

Apesar da proteção dos anjos, a perseguição contra os apóstolos tornou-se mais feroz. O primeiro a ser capturado foi Estêvão, arrastado e jogado na prisão.

Acorrentado à parede de pedra fria, Estêvão levantou o olhar e, diante dele apareceu Maria, radiante e solene. Sua voz era gentil e poderosa.

"Estêvão, você será o primogênito dos mártires, escolhido por meu Filho para seguir o caminho do Seu próprio sacrifício."

A voz de Estêvão era inabalável, seu coração firme. *"Eu O seguirei, um discípulo privilegiado caminhando em Seus passos."*

As palavras de Maria carregavam conforto e propósito. *"Você se levantará como um soldado destemido, liderando o exército de mártires que virão, carregando a bandeira da Cruz."*

Estêvão foi tirado de sua cela e levado para o centro de um pátio. Suas mãos estavam amarradas enquanto seus acusadores o cercavam. A primeira pedra voou, depois outra, e outra. Cada golpe atingiu com força esmagadora, mas Estêvão não vacilou. Em vez disso, ele caiu de joelhos, seu rosto iluminado enquanto os céus se abriam diante dele.

"Eis que vejo os céus abertos e a sua glória, e vejo neles Jesus, em pé, à direita de Deus!", ele clamou.

Seus algozes, enfurecidos, taparam os ouvidos, recusando-se a ouvir o que chamavam de blasfêmia. A multidão avançou, arrastando-o

violentamente pelo chão enquanto as pedras continuavam a cair.

No Cenáculo, Maria assistiu com tristeza, seu coração se partindo enquanto testemunhava os momentos finais de Estêvão. Virando-se para um de seus anjos, ela ordenou: *"Fique com ele até o fim, então leve sua alma para meu Filho."*

Quando Estêvão deu seu último suspiro, seu espírito foi elevado ao céu. O primeiro mártir acolhido na glória eterna. Mas mesmo enquanto o céu se alegrava, o coração de Maria doía, sabendo que este era apenas o começo das provações que viriam.

CAPÍTULO TRINTA E OITO

O CREDO DOS APÓSTOLOS

Vários meses se passaram desde aquele dia fatídico, e na sala silenciosa e sagrada onde a Última Ceia aconteceu, Maria reuniu os apóstolos restantes. A câmara, cheia de tristeza e esperança, pareceu prender a respiração quando Pedro se levantou para falar. Sua voz ressoou com determinação:

"Temos tido mais sorte do que nosso irmão Estêvão, escapando da ira do sumo sacerdote enquanto espalhamos a palavra de Cristo nas cidades próximas. No entanto, a Seu comando, devemos em breve sair e pregar ao mundo. Agora, Ele nos guiará com Seu Espírito divino, ajudando-nos a entender e estabelecer, em Seu nome e por um decreto imutável, as verdades que formarão o fundamento de Sua santa Igreja, uma que perdurará até o fim dos tempos."

Os olhos de Maria brilhavam tanto com amor maternal quanto com propósito resolutivo enquanto ela se dirigia aos apóstolos reunidos. "*Durante este tempo, eu instruo todos vocês a ouvirem as palavras internas do meu Filho, pois Ele iluminará seus corações para falar e definir os mistérios.*"

Então, com uma calma autoridade todos os apóstolos, Pedro começou a declaração sagrada: *"Creio em Deus, Pai Todo-Poderoso, Criador do céu e da terra."* Um por um, seus companheiros apóstolos se juntaram ao credo. André acrescentou: *"E em Jesus Cristo, seu único Filho, nosso Senhor."* Tiago continuou: *"Que foi concebido pelo poder do Espírito Santo, nasceu da Virgem Maria."* João solenemente entoou: *"Ele sofreu sob Pôncio Pilatos, foi crucificado, morto e sepultado."* Tomé afirmou: *"Ele desceu à morte e ressuscitou dos mortos no terceiro dia."* Tiago, o Menor, declarou: *"Ele subiu ao céu e está sentado à direita de Deus, o Pai Todo-Poderoso."* Filipe assegurou-lhes: *"De lá, Ele virá para julgar os vivos e os mortos."* Bartolomeu professou: *"Eu creio no Espírito Santo."* Mateus declarou: *"Em uma Igreja Católica Apostólica, a Comunhão dos santos."* Simão acrescentou: *"O Perdão dos pecados."* Tadeu pronunciou: *"A ressurreição do corpo."* E finalmente, Mateus concluiu: *"E a vida eterna. Amém."*

Com sua fé firmemente proclamada, os apóstolos logo partiram em suas jornadas. Em uma casa humilde em Nazaré, cada um deles recebeu uma túnica que lembrava a que Jesus havia usado, uma vestimenta tecida em tons de marrom e cinza-acinzentado. Maria também

havia moldado para cada um uma cruz, cuidadosamente feita para combinar com suas alturas individuais, e ela colocou em suas mãos um pequeno e precioso pacote. Olhando para eles com terna resolução, ela disse: *"Eu lhes dou isso para carregarem até o fim de seus dias. Eu os envio sem comida, pois vocês dependerão da gentileza de estranhos para sua nutrição. A cada um de vocês, confio uma relíquia de meu Filho, mais preciosa para mim do que todos os tesouros da terra. Saibam, meus filhos, que vocês não vão sozinhos. Invoquem-me uma vez, e um dos meus anjos ou eu mesmo estaremos lá."*

À medida que os apóstolos partiam em suas missões divinas, os eventos se desenrolavam em outros lugares. No grande salão do sumo sacerdote, um homem chamado Saulo, consumido pelo zelo e movido por influências mais sombrias, pediu permissão para caçar os crescentes seguidores de Cristo.

Com arrogância e determinação, ele se dirigiu ao sumo sacerdote. *"Comissário, conceda-me a honra de restaurar a ordem em sua cidade. Esses hereges estão espalhando suas blasfêmias pela terra. Deixe-me capturá-los para você ou, por uma recompensa um pouco maior, matá-los onde eles estiverem."*

O sumo sacerdote, com seu olhar frio e calculista, silenciosamente assentiu sua

aprovação com um aceno de mão desdenhoso. Saulo curvou-se, então virou-se bruscamente nos calcanhares, partindo em direção a Damasco com várias centenas de homens armados, sem saber que sua jornada logo mudaria o curso da história.

De volta ao seu próprio espaço sagrado, Maria observou com o coração pesado enquanto um exército avançava para silenciar as vozes dos evangelistas. Na quietude de seu cenáculo, ela ergueu sua voz em oração, implorando a seu Filho com urgência: *"Veja aquele, Saulo; ele é o escolhido por você para ser um dos seus maiores. Eu imploro a você, apresse-se com seu plano para sua conversão, pois Lúcifer o envio em uma grande missão."* Suas palavras, imbuídas de intenção divina, viajaram em asas invisíveis até chegarem aos ouvidos de Cristo. Uma voz respondeu do reino da luz, proclamando: *"Minha Mãe, escolhida entre todas as criaturas, que a tua vontade seja feita sem demora."*

Enquanto Saulo e suas tropas avançavam pela estrada empoeirada, um brilho repentino e avassalador desceu sobre ele. A luz irrompeu com tanta força que o jogou do cavalo e o deixou cego. Naquele momento tumultuado, uma voz de comando ressoou através do caos: *"Saulo, Saulo, por que você me persegue?"* Tremendo, Saulo gritou: *"Quem és tu?"* A voz radiante respondeu: *"Eu sou Jesus, a quem você persegue; é difícil*

chutar contra o cinto da Minha onipotência."
Oprimido, mas ansiando por orientação, Saulo implorou: "*Senhor, o que você ordena e deseja fazer comigo?"*

Da escuridão, ele cresceu para uma grande luz e por Maria ele recebeu o nome de Paulo. Sua imagem foi transformada de um demônio para um dos mais altos e ardentes serafins. Os soldados que testemunharam o evento ficaram admirados com a voz de Cristo e a maravilha da conversão de Saulo. Pela intercessão de Maria, a força inimiga foi diminuída naquele dia por várias centenas de almas.

Com o passar do tempo, os ensinamentos dos apóstolos se espalharam por terras distantes, e seus seguidores cresceram em número. No entanto, com esse crescimento vieram grandes provações. Maria mais tarde recordaria: Na vanguarda dessa perseguição está Herodes, o filho do governante que certa vez ordenou o massacre de crianças na época do nascimento de Jesus."

Nossa Mãe Santíssima vigiava os apóstolos com cuidado inabalável. Através dos dons divinos concedidos a ela por Deus, ela sempre sabia quando um deles estava sofrendo em sua jornada, espalhando a mensagem de seu Filho.

Mesmo de longe, seu coração permaneceu com eles, guiando-os em sua missão.

CAPÍTULO TRINTA E NOVE

A MORTE DE JAMES

Nos confins sombrios da corte de Herodes, vários homens e mulheres foram levados em correntes, cada um enfrentando uma morte rápida decretada pela ordem fria do governante. Entre eles estava Tiago, o Apóstolo, amarrado por uma corda em volta do pescoço. Sem um traço de misericórdia, Herodes ordenou: *"Remova sua cabeça. Corte sua língua para que ele não diga tal imundície mesmo depois de sua morte."* Enquanto Tiago se ajoelhava diante do carrasco, seus olhos cheios de lágrimas de repente tiveram uma visão de Maria, cercada por uma hoste de anjos, sua presença irradiando graça divina. Seu coração se encheu de admiração, e ele abriu a boca para falar, mas antes que pudesse pronunciar uma palavra, um anjo se adiantou, sussurrando urgentemente:

"James, mantenha esses sentimentos sagrados em seu coração. Não revele a presença de nossa Rainha a esses homens perversos. Eles não são dignos nem capazes de conhecê-la, e seus corações endurecidos só se aprofundarão em ódio."

Naquele momento final e sagrado, James fechou os olhos e ofereceu sua alma com devoção inabalável:

" Mãe do meu Senhor Jesus Cristo, minha Senhora e Protetora, apresenta o sacrifício da minha vida ao Teu Filho, o Redentor do mundo. Em Tuas mãos, e através delas nas mãos do meu Criador, eu entrego meu espírito."

Com essas últimas palavras, a lâmina caiu e James foi decapitado.

Fiel à sua promessa, Maria estava lá, sua presença gentil e radiante enquanto guiava sua alma para o abraço amoroso de seu Filho, dando-lhe as boas-vindas ao reino eterno.

CAPÍTULO QUARENTA

LIBERTANDO PEDRO

No calabouço escuro e frio, Pedro estava preso em pesadas correntes, aguardando seu destino. Longe, no cenáculo privado de Maria, ela chorou lágrimas de sangue. Caindo no chão, ela se prostrou no sinal da cruz. Naquele momento sagrado, uma luz brilhante e esplendorosa encheu a sala quando Cristo apareceu. Ele se ajoelhou ao lado dela, gentilmente a levantando até os joelhos, e falou em uma voz que ecoava com autoridade divina.

"Mãe, alivie sua tristeza e peça o que desejar, pois eu concederei tudo, e você sempre encontrará favor aos meus olhos."

A voz de Maria tremeu de determinação e tristeza quando ela respondeu: *"Conceda-me conhecimento e força para salvar tua igreja."*

O olhar luminoso de Cristo caiu sobre ela, e Ele respondeu: *"Mãe, alivie sua tristeza e peça o que desejar; pois eu concederei tudo, e você sempre encontrará favor aos meus olhos."*

Encorajada por Suas palavras, Maria permaneceu firme e declarou: *" Já que Você me fortaleceu e reafirmou o poder que me deu, agora ordeno a Lúcifer e a todos os seus servos*

perversos que desçam ao abismo e permaneçam em silêncio até que Sua vontade divina permita que eles retornem."

Além dos muros de Jerusalém, uma luz brilhante inchou no céu, afastando a escuridão enquanto uma grande sombra era lançada nas profundezas da terra. O ar tremeu com poder enquanto Maria continuava,

"Agora, meu Filho, se for da Tua vontade, que um dos espíritos celestiais presentes vá e liberte Pedro da sua prisão."

Dentro da cela de Pedro, enquanto ele estava em um estado de sono profundo, um anjo gentil e radiante apareceu ao lado de sua cama. O ser celestial sussurrou suavemente para ele antes de escoltá-lo silenciosamente passando por seus guardas adormecidos, guiando-o em direção à liberdade.

Mais tarde, com a tristeza pesada em seu coração, a voz de Maria ressoou com angústia e compaixão enquanto ela questionava o caminho diante dela. *"E agora, meu Senhor, com a mais profunda tristeza, eu pergunto, devo eu também julgar uma criatura feita à Sua imagem? Desde o começo, eu nunca busquei vingança contra eles; em vez disso, meu coração anseia pela salvação até mesmo dos mais perversos."*

Cristo respondeu com gravidade medida: *"Herodes está entre os conhecidos de antemão, e em seu coração endurecido, ele permanece impassível a qualquer orientação. Ele não buscará instruções ou aceitará a graça da salvação, não importa seus esforços. Sua misericórdia deve ser reservada para aqueles que estão dispostos a recebê-la e buscar sua poderosa intercessão."*

Lágrimas se misturaram com determinação enquanto Maria continuava: *"Muitas vezes eu sofreria a morte para resgatar esta alma de Herodes, mas pelo Deus mais justo, eu o condeno à morte que ele mereceu, para que ele não incorra em tormentos maiores ao executar o mal que planejou."*

Nas sombrias câmaras de Herodes, o inevitável aconteceu. Acometido de repente, Herodes adoeceu e morreu.

A morte de Herodes encheu a rainha de profunda tristeza, pois ela sabia que ninguém jamais seria chamado para pronunciar tal sentença novamente.

Depois, Cristo se afastou de Sua Mãe, deixando-a chorar pelo peso de suas ações e pelos fardos do julgamento divino.

O tempo passou, e no santuário silencioso de seu oratório em Éfeso, Maria sentou-se com João

enquanto ele lia uma carta de Pedro em voz alta. O murmúrio suave do pergaminho e orações sussurradas preenchiam o espaço enquanto João recitava:

“A Maria, a Virgem Mãe de Deus,

Entre os fiéis, algumas dúvidas e desacordos surgiram a respeito da doutrina de Seu Filho, se a antiga lei de Moisés ainda deve ser observada ao lado de Seus ensinamentos. Eles buscam orientação de nós para que possamos declarar o que ouvimos diretamente do próprio Mestre divino.

Agora estou viajando para Jerusalém, pois outros também estão chegando de várias cidades. Com a Tua assistência, estabereceremos o que é melhor para a santa fé e a perfeição da lei da graça. Teu servo em Cristo, Pedro.”

Os olhos de Maria brilharam com determinação enquanto ela respondia suavemente: *“É certo que combinemos de partir para esta reunião. Também é certo e apropriado obedecer ao chefe da Igreja.”*

Mais tarde, no salão da Última Ceia. A Rainha e outras mulheres devotas trabalharam para limpar e decorar o espaço sagrado em preparação para a missa antecipada. O altar foi meticulosamente preparado, e a própria Maria poliu o cálice sagrado até que ele brilhasse com

luz sagrada. À medida que os apóstolos e fiéis começaram a se reunir, a sala se encheu de um senso de reverência e expectativa. Pedro se aproximou de Maria, encontrando-a ajoelhada em silenciosa devoção.

Com sinceridade, Maria disse: *"Sua bênção sobre mim, Vigário da Igreja do meu Filho."*

Peter fez o sinal da cruz sobre ela e gentilmente a ajudou a se levantar. *"Agrada meu coração vê-la, Mãe. Confio que você tenha buscado conselho com seu Filho, assim como eu. Vamos celebrar em Seu santo nome, da maneira como Ele nos ensinou. Juntos, rezaremos para que a sabedoria divina da Trindade nos inspire com sua graça eterna."*

Enquanto a missa era celebrada, a presença do Espírito Santo se manifestou. Uma luz majestosa encheu o coração de Maria, e naquela iluminação divina, Ela sentiu a afirmação de suas petições e orações - orações que ela havia oferecido tão fervorosamente pela Igreja. Naquele momento, parecia que os próprios decretos da vontade divina estavam sendo cumpridos, assegurando que a fé do Evangelho e toda a Sua santa lei seriam estabelecidas no mundo.

Os anjos e apóstolos, tomados de admiração pela exibição radiante, uniram suas vozes em

exaltação. *"Santo, santo, santo e poderoso és tu, Senhor, Deus de poder e força. O céu e a terra estão cheios de Tua glória!"* eles proclamaram em uníssono, seus gritos exultantes ecoando por todo o salão sagrado.

Assim, em meio à interação de tristeza e misericórdia divina, julgamento e redenção, o plano celestial se desenrolou, cada momento um testemunho do poder inabalável e do mistério da fé.

CAPÍTULO QUARENTA E UM

OS EVANGELHOS

No santuário silencioso do cenáculo de Maria, antes que os outros apóstolos se reunissem, Maria se dirigiu a Pedro com autoridade silenciosa. *“Como Sumo Sacerdote e Cabeça da Igreja, tu designarás quatro para o registro das obras e ensinamentos do Salvador do mundo.”* Naquele momento, os outros apóstolos entraram, seus rostos refletindo reverência e determinação. Pedro então declarou: *“Mateus, nosso amado irmão, começará imediatamente a escrever seu Evangelho em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Da mesma forma, Marcos escreverá o segundo, e Lucas o terceiro. Nosso amado irmão João será o quarto e último a escrever os mistérios de nosso Salvador e Mestre.”*

Algum tempo depois, na modesta sala onde Mateus trabalhava, o apóstolo se viu lutando com seus pensamentos. Ele se levantou de seu assento, andando de um lado para o outro em agitação inquieta antes de finalmente se sentar novamente com um suspiro alto. Seu trabalho havia parado, e em seu momento de desespero, Maria apareceu diante dele. Com olhos sinceros, Mateus olhou para cima e disse:

“Você ouviu minhas preces, Santíssima Mãe. Busco sua sabedoria sobre como devo escrever sobre você. Rezo pela orientação do Espírito Santo, mas ainda não escrevi uma única palavra.”

A voz de Maria era gentil enquanto ela oferecia sua orientação.

" É bom que você busque sabedoria Daquele que é o mais digno de dá-la. No entanto, a meu respeito, você deve escrever apenas o que for necessário para revelar a Encarnação, os mistérios do Verbo feito carne e o fundamento de Sua Igreja. Uma vez que essa fé esteja estabelecida, o Todo-Poderoso escolherá outros, em Seu tempo, para revelar aos fiéis as maravilhas e bênçãos que Ele operou em mim."

Assim, no ano 42 d.C., o Evangelho de Mateus foi escrito em hebraico, preservando a verdade de Cristo para as gerações futuras.

Em uma colina suave na Palestina, o apóstolo Marcos sentou-se absorto em sua escrita. Enquanto trabalhava, ele também lutava com o que deveria escrever sobre a Santíssima Mãe, quando de repente uma grande luz brilhou sobre ele, e ele instintivamente se ajoelhou, seu rosto iluminado de alegria. As instruções de Seu papel mais significativo foram dadas a ele neste momento. Marcos aquiesceu e escreveu seu Evangelho em hebraico enquanto estava na Palestina e mais tarde compôs uma versão mais curta em latim para a evangelização de Roma, uma tradução do original. Quatro anos se passaram desde o trabalho de Mateus, e dois anos depois Marcos completou sua tarefa. O ano era 48 d.C. e a própria Virgem havia atingido seu sexagésimo terceiro ano de vida natural.

Em uma câmara silenciosa, o apóstolo Lucas fez uma pausa em sua escrita e caiu em uma reverente prostração. Maria apareceu a ele naquele momento solene. *"Virgem Mãe do meu*

Senhor", Lucas humildemente pediu, "tendo ouvido sua orientação em mencioná-la em meus escritos, peço permissão para falar mais livremente, para descrever a maneira da Encarnação e seu papel como a Mãe de Cristo."

Com sabedoria gentil, mas firme, Maria respondeu: *"Use palavras que permaneçam fiéis ao propósito do seu Evangelho. Se o Espírito Santo o inspira a escrever com uma graça particular, então siga Sua orientação, meu filho."*

Lucas, escrevendo em grego, preservou a imagem de sua Mãe celestial em seu Evangelho, uma visão de beleza que continuou a inspirá-lo mesmo quando ele viveu na Acaia.

O último evangelista, João, também escreveu seu Evangelho em grego, completando-o no ano 58 d.C. enquanto residia na Ásia Menor, após a morte e Assunção de Maria.

Humilhado e derrotado por essas verdades sagradas, Lúcifer logo desencadeou a heresia para distorcer a Palavra de Deus. Em resposta, o Evangelho de João se posicionou como uma defesa poderosa, suas palavras dirigidas firmemente contra os erros que o diabo buscava espalhar.

É importante destacar que, mesmo depois de ter ascendido ao céu, a Mãe Santíssima retornou à Terra, descendo para aconselhar e fortalecer seu amado João, assegurando que a verdade da missão de seu Filho perduraria.

Mais tarde, dentro das paredes familiares de seu cenáculo, Maria se reuniu com o apóstolo João enquanto anunciava: *"Sendo este o aniversário da Paixão de Nosso Senhor, busco*

sua aprovação para observá-la de quinta-feira, o momento de Sua Última Ceia conosco, até domingo, quando Ele ressuscitou dos mortos.” João respondeu com resolução tranquila: *“Eu cuidarei para que você não seja perturbada durante este tempo, Mãe.”* Retirando-se para seu quarto privado, Maria então mergulhou na lembrança, revivendo cada movimento, cada ato, cada sofrimento de seu divino Filho enquanto a Paixão se desenrolava em seu coração. Quando chegou o momento da Ascensão, coros de anjos a cercaram, seus gloriosos hinos de louvor ecoando a magnificência daquela despedida sagrada.

No segundo dia, Maria ajoelhou-se no chão de sua humilde habitação, costurando diligentemente vestimentas ornamentadas para os apóstolos e sacerdotes. Vestimentas diferentes de qualquer uma usada em suas vidas cotidianas. O som rítmico de sua agulha e linha encheu o quarto silencioso. Quando João entrou, ele se maravilhou: *“Estas são magníficas. Para qual rei você as cria?”* Maria respondeu com um sorriso gentil: *“Estas serão as vestimentas usadas quando você e os outros sacerdotes celebrarem o sacrifício da missa.”*

Maria havia trabalhado nessas vestes com suas próprias mãos, recusando até mesmo a assistência de seus anjos nessa tarefa tão sagrada. Ela havia comprado os materiais das esmolas coletadas, linhos e sedas ricos, e trabalhou incansavelmente, permanecendo de joelhos em deferência ao dever sagrado. Quando terminou, ela beijou cada vestimenta como uma bênção final.

CAPÍTULO QUARENTA E DOIS

A MORTE DO NOSSO AMADO

No quarto privado de Maria, ela estava prostrada em oração, imersa no silêncio de suas devoções. De repente, os acordes familiares da música angelical encheram o ar, fazendo-a ajoelhar-se em reverência. Naquele momento radiante, Gabriel apareceu diante dela, seu belo semblante tão impressionante quanto o fora na época de sua própria concepção. Sua voz, imbuída de autoridade celestial, declarou:

"Nossa Imperatriz e Senhora, a Onipotente e a Santa dos Santos nos enviam de Sua corte celestial para anunciar a Ti em Seu nome o mais feliz fim de tua peregrinação e banimento sobre a terra na vida mortal. Em exatamente três anos a partir desta data, você se reunirá com seu precioso Filho, nosso Senhor, que anseia por sua presença."

O coração de Maria encheu-se de alegria e entrega quando ela respondeu:

"Eu sou a serva do Senhor; faça-se segundo a tua palavra."

Com essas palavras, uma hoste de anjos a cercou. Suas formas luminosas a levantaram gentilmente do chão, girando-a em uma dança graciosa enquanto sua alma se alegrava com a promessa de reunião com seu amado Filho.

Três anos depois, na quietude solitária do jardim de sua casa, Maria foi vista sozinha em meio à flora florescente. A Santa Mãe nunca cessou seu trabalho sagrado, cuidando dos

doentes e moribundos, oferecendo conforto e consolo, e rezando fervorosamente pelas almas que lutavam para encontrar o caminho para seu Filho. À medida que sua jornada terrena se aproximava do fim, Maria começou a enviar mensagens por meio de anjos para seus amados apóstolos espalhados por terras distantes.

Uma semana antes de sua morte, Maria ofereceu uma oração de profunda gratidão:

"Pai Todo-Poderoso, eu Te reconheço como o único e verdadeiro Criador e Sustentador de tudo o que existe. Dos bens deste mundo, nada tenho a deixar para trás, pois nunca possuí nem amei nada além de Ti.

Dou graças aos céus, às estrelas, aos planetas e a toda a criação, pois eles me sustentaram além do meu próprio mérito. Oro para que eles continuem a servir e glorificar a Ti como foram feitos para fazer, e que a humanidade possa apreciá-los com o mesmo cuidado e amor que eu tenho.

Os méritos e tesouros que ganhei por Tua graça, por minhas obras e esforços, deixo para Tua santa Igreja. Com Tua bênção, eu os ofereço, esperando que sejam multiplicados. Eu os dedico aos Apóstolos e a todos os sacerdotes, tanto agora quanto nas gerações futuras, para que por eles, eles possam se tornar verdadeiros ministros, dignos de seu chamado, cheios de sabedoria, virtude e santidade, para guiar e santificar as almas redimidas por Teu sangue.

Esta, meu Senhor, é minha oferta final, embora sempre sujeita à Tua vontade divina."

Uma voz gentil e autoritária respondeu à sua oração:

"Seja feito como tu desejas e ordenas."

Na manhã de sua morte, os apóstolos se reuniram em seu quarto. Eles tinham chegado na noite anterior, João os saudando primeiro, com Lucas chegando sob a escolta de um anjo, e Pedro vindo de terras distantes. Naquele espaço sagrado, Maria se ajoelhou diante de cada um deles. Um por um, eles a abençoaram, inclinando-se para beijar suas mãos enquanto lágrimas de tristeza e reverência caíam livremente. Com uma voz cheia de ternura e finalidade, Maria se dirigiu a eles:

"Meus queridos filhos e amados mestres, vocês sempre estiveram em minha alma e escritos em meu coração. Eu os amei com o terno amor e caridade que me foram dados por meu divino Filho, pois em vocês, Seus amigos escolhidos, eu O vi.

Meus filhos, amem a Igreja e amem-se uns aos outros com o mesmo vínculo de caridade que o vosso Mestre colocou dentro de vocês.

A ti, Pedro, santo Pontífice, confio meu filho João e todos os demais."

Naquele momento, um coro de anjos começou a cantar, suas vozes harmoniosas entoando, *"Ave Maria, cheia de graça, bendito é o teu nome."* Maria reclinou-se em seu catre, colocando as mãos juntas, firmemente entrelaçadas sobre o coração. Ao fazê-lo, uma luz radiante e brilhante envolveu todo o seu ser. O oratório encheu-se de uma sinfonia celestial, sons mais gloriosos do que qualquer ouvido mortal poderia imaginar. Ao redor dela, os apóstolos choravam abertamente, seus rostos uma tapeçaria de admiração, tristeza e admiração arrebatadora.

Lá fora, a própria casa foi banhada pela mesma luz brilhante, enquanto a música dos anjos aumentava para um crescendo extático. Maria abriu lentamente os olhos, e diante dela apareceu o rosto gentil e amoroso de seu Filho. Sua voz, suave e convidativa, falou:

"Levanta-te, minha amada, minha pomba, minha formosa, vem, o inverno já passou."

Com serena aceitação, Maria respondeu:

"Em tuas mãos, Senhor, entrego meu espírito."

E com essas palavras finais, Maria fechou os olhos para sempre. Sua alma ascendeu de seu corpo em direção ao rosto luminoso de seu Filho. Enquanto globos de luz flutuavam para cima, deixando o quarto em um estado de esplendor transcendental, sua forma terrena, agora guardada por mil anjos, permaneceu como um farol de glória iluminante.

Pedro então conduziu a reunião para fora da sala. Logo, em um espaço adjacente e por todo o jardim, as pessoas observaram que a luz sagrada ainda brilhava sobre a casa. Depois de conferir com João, Pedro se aproximou de duas mulheres santas, as duas Marias que serviram lealmente ao lado da Mãe Santíssima durante seus últimos anos. Ele disse: *"Vocês devem ungi-la e prepará-la para o enterro. Usem essas pomadas, as mesmas que Nossa Rainha usou para o Filho, Nosso Senhor."*

Ele entregou-lhes garrafas e pequenos potes, enquanto João ofereceu mortalhas. João acrescentou,

"Use-os para envolver o corpo puro e sagrado de nossa Mãe. Tenha muito cuidado e olhe para Ela com a mais alta modéstia."

As mulheres aceitaram os itens sagrados e retornaram ao cenáculo de Maria. O quarto ainda brilhava com luz divina enquanto elas se moviam lentamente em direção ao centro, suas mãos estendidas em busca do catre. No entanto, o brilho provou ser avassalador, tanto que suas mãos se perderam em seu esplendor, e em uma onda de sussurros assustados, elas rapidamente deixaram o quarto. Correndo para Pedro e João em uma câmara adjacente, Maria Madalena caiu de joelhos, agarrando a mão de Pedro em desespero.

"Pedro, não conseguimos encontrar o corpo de nossa Senhora. A luz está ofuscante no quarto. Não conseguimos nem tatear até o catre para preparar o corpo dela como você pediu."

Pedro trocou um olhar com João antes de ajudar Maria Madalena a se levantar. *"João, venha comigo"*, ele disse, enquanto se aproximavam da porta do cenáculo. Os outros na sala assistiram em silenciosa antecipação enquanto João lentamente abria a porta, revelando uma luz ofuscante que fez todos suspirarem de admiração. Os homens entraram e fecharam a porta atrás deles, e dentro do cenáculo eles procuraram seriamente, mas o corpo permaneceu indescritível em meio ao brilho radiante.

Em desespero, Pedro clamou a Deus:

"Meu Pai, mostra-nos o corpo da Tua Amada para que possamos tratá-la adequadamente com

os óleos e envoltórios usados para o Teu Filho, nosso Senhor."

Uma resposta divina veio, gentil, mas firme:

"Pedro, João, que o corpo sagrado não seja descoberto nem tocado. Nem seja olhado."

Naquele momento sagrado, o brilho suave acima do berço se aprofundou em um delicado tom rosa, lançando um calor celestial sobre o quarto. Um silêncio caiu sobre Pedro e João enquanto eles se adiantavam, atraídos para o brilho suave que cercava a forma de Maria, mal visível na luz.

Com terna reverência, eles se esticaram, suas mãos tremendo de devoção enquanto a erguiam pelos cantos de sua túnica. Seu corpo parecia leve, como se carregado por uma brisa celestial invisível, intocado pelo peso do mundo. Movendo-se com o máximo cuidado, eles a colocaram sobre um esquife, sua presença ainda envolta em uma serenidade sobrenatural.

Com graça solene, eles a cobriram com um lençol, seus gestos cheios de tristeza e admiração. Naquele momento, um momento de profunda tristeza, mas de graça inefável, os restos mortais da Santíssima Mãe foram velados em mistério divino, um testamento final de sua santidade e da luz eterna que brilharia para sempre sobre a Igreja.

CAPÍTULO QUARENTA E TRÊS

A ASCENSÃO DE MARIA

As ruas de Jerusalém estavam silenciosas sob o céu noturno, os últimos traços da luz do dia desaparecendo no crepúsculo profundo. Então, uma por uma, pequenas luzes começaram a brilhar, piscando nas janelas de casas humildes como estrelas distantes.

Em uma pequena moradia, uma mãe embalava seu filho febril, seu rosto sombreado de preocupação. Ao lado dela, um menino segurava uma vela, sua chama tremendo no ar frio da noite. Com determinação silenciosa, eles saíram, o brilho quente da vela lançando suas formas em luz suave.

Eles não estavam sozinhos. Das portas e vielas, outros emergiram, alguns aleijados, alguns cegos, cada um carregando uma chama frágil, suas luzes bruxuleantes tecendo através da escuridão como vaga-lumes. Sua procissão silenciosa cresceu, um rio de fé silenciosa fluindo pelas ruas antigas, seus passos suaves sussurrando contra os paralelepípedos.

Embora tenham caminhado em sofrimento, eles caminharam em esperança, suas velas eram uma oração, sua jornada um testemunho da fé que os levou adiante.

Em outra casa, uma mulher puxou o braço do marido, incitando-o a se juntar à multidão crescente. Ele resistiu, seu rosto nublado pela dúvida. “*Por que eu deveria ir? Que bem isso fará?*” ele murmurou. Mas a determinação de sua esposa era inabalável. “*Por favor,*” ela implorou, “*apenas venha comigo.*” Relutantemente, ele seguiu seus passos pesados de ceticismo.

As ruas se encheram de pessoas, suas velas lançando uma luz quente e dourada. Um suave zumbido de um hino surgiu na noite, uma melodia gentil que parecia levar suas orações para o céu. A procissão cresceu, serpenteando em direção à casa de Maria. Quando chegaram, os apóstolos surgiram, carregando seu corpo com reverência. Eles começaram sua jornada solene para o Vale de Josafá, a multidão seguindo em devoção silenciosa.

À medida que passavam pela cidade, milagres aconteciam. Os doentes eram curados, os cegos recuperavam a visão e os aflitos encontravam paz. Hospitais e prisões pareciam tremer com energia divina enquanto corpos, mentes e espíritos eram curados. O ar estava denso de admiração e gratidão, um testemunho do poder da fé. No túmulo em Éfeso, Pedro e João depositaram delicadamente o corpo de Maria para descansar. Anjos, invisíveis para a maioria,

ajudaram os apóstolos em luto, sua presença um conforto em meio à tristeza. A multidão se dispersou lentamente, deixando os apóstolos sozinhos com seus pensamentos. Pedro se virou para João, sua voz carregada de emoção. *“Vamos ficar com Ela um pouco. Ainda não consigo suportar estar ausente Dela.”*

João assentiu, seus olhos brilhando com lágrimas. *“Uma amiga e conselheira não conhece maior que Seu próprio Filho. Seu sorriso está gravado em meu coração; seu toque gentil em minha mão não será retirado.”* Os apóstolos choraram abertamente, sua tristeza profunda. Por três dias, eles permaneceram no túmulo, recusando comida e bebida, seus corações pesados demais para pensar em sustento.

Na manhã do terceiro dia, algo extraordinário aconteceu. Alguns homens estavam dormindo, mas João, Pedro e Lucas ficaram em pé assustados quando o céu acima deles pareceu se abrir. Nuvens rodopiantes desceram, e uma voz, profunda, ressonante e inconfundivelmente divina falou. Era Cristo.

“Minha Mãe foi concebida sem pecado para que, de Seu ventre virginal, Eu pudesse Me revestir de humanidade. Ela cooperou Comigo nas obras da Redenção; portanto, devo ressuscitá-la, assim como ressuscitei dos mortos,

no mesmo tempo e hora. Pois desejo fazê-La semelhante a Mim em todas as coisas.”

As nuvens atingiram o túmulo, penetrando a pedra. Uma luz magnífica irrompeu, iluminando a noite. Os apóstolos caíram de joelhos, seus rostos cheios de admiração. De dentro do túmulo emergiu a Santíssima Virgem Maria, radiante e gloriosa, segurando a mão de Cristo. Seus corpos irradiavam luz, um brilho que parecia tocar cada canto da terra. Juntos, eles ascenderam ao céu, e a voz de Deus Pai ecoou pelos céus.

“Suba mais alto, Minha amada. Suba e retorne para Mim.”

Os apóstolos assistiram, seus corações se enchendo com uma mistura de alegria e tristeza, enquanto Cristo escoltava Sua Mãe até Seu trono no céu. Lá, Ele colocou uma coroa sobre Sua cabeça, uma coroa de esplendor inigualável, suas gemas e pontas irradiando raios de luz. Jesus falou, Sua voz cheia de amor e autoridade.

“À Minha verdadeira e natural Mãe pertencem todas as criaturas, que foram criadas e redimidas por Mim. E de todas as coisas sobre as quais Eu sou Rei, Ela também será a legítima e suprema Rainha por toda a eternidade.”

A voz de Deus ressoou mais uma vez. *“Minha Amada, Nosso Reino é Teu. Que Tua paz reine.”* Os céus irromperam com música, uma

sinfonia que encheu o universo. Da terra, a vista dos céus era de tirar o fôlego, um lembrete do amor divino que havia tocado suas vidas.

A Santíssima Virgem, Rainha Mãe de todos, nossa Rainha da Paz, morreu em agosto de 48 d.C. no ano de Nosso Senhor. Sua morte não acabou, nem nunca acabará, com Seu amor por Seus filhos na Terra. Ela nos visitará em momentos de necessidade, protegendo-nos como só uma mãe pode fazer. Ela continuará a reunir almas para Seu Senhor. Ela será nossa maior guerreira na batalha contra Lúcifer. Pois no século final dos primeiros mil anos, ele retornará à Terra uma última vez para reunir almas. Ele escolheu esta época sabendo que a humanidade seria mental e tecnicamente avançada, mas cheia de amor-próprio. Ele retornará, mas sem que ele saiba, assim também Aquele mais poderoso do que ele estará reunindo almas - Aquele escolhido desde Seu início para esmagar a cabeça da serpente, Aquele conhecido como Maria. Bendito seja Seu Nome.



NOTAS DO AUTOR

A primeira aparição registrada de nossa Amada Mãe foi em 40 d.C. para Tiago, que estava evangelizando fora de Saragoça, Espanha. Foi sete anos após a morte de Cristo, no entanto, James estava com medo e se sentindo indigno e incapaz de fazer o que lhe fora pedido. Ele gritou o nome do nosso Salvador, implorando que ele voltasse, que ele o precisava, mas isto é nossa amada rainha quem aparece para confortá-lo. Pois como foi dito a eles quando Cristo estava ascendendo que seria Nossa Amada Mãe que seria aquela que intercederia por aqueles em necessidade. Eu não sabia disso, e nunca saberia, se o seguinte não tivesse ocorrido.

Em abril de 1998, eu estava terminando meu primeiro ano de pós-graduação no Programa de Escrita Musical de Teatro da Tisch School of Art da NYU. Para meu projeto *de tese aprovado pela faculdade*, comecei a adaptar uma dramaturgia teatral *sobre minha vida* chamada Sing A Song of Sixpence. No entanto, tudo mudou no mês seguinte. No início de maio, enquanto corria na praia rezando o rosário, ouvi uma voz alta e autoritária tão real que pensei que alguém estava atrás de mim. Virei-me, mas estava sozinha na praia. A mensagem autoritária era esta: " *Você deve escrever sobre as Aparições Marianas* ".

A voz me assombrava dia e noite. Comecei a pesquisar, mas depois de várias tentativas de seguir

esse comando estranho, fiquei sobrecarregada. Sentindo-me brava, indigna e frustrada, saí furiosa da minha sala de escrita e fui para outra corrida, dessa vez sem meu rosário.

Ao retornar para casa, minha sala de escrita estava cheia do inconfundível perfume de rosas. Nenhum outro lugar da casa continha essa linda fragrância. Fui imediatamente ao meu computador para procurar o significado e quando as palavras preencheram a tela, fiquei atônita. Olhei para o céu e disse à Nossa Amada Mãe: *"Tudo bem, farei isso, mas não me deixe porque não sei o que estou fazendo.* E então, comecei.

Enviei o primeiro rascunho do meu novo e aprovado projeto de tese no outono de 1998, chamado – *A Mãe de Deus.*

Eu disse “sim” à nossa Amada Mãe.

E sim, eu fui ridicularizada, e muitos olhos reviraram, mas eu segui em frente. Eu estava incluindo cinco das milhares de aparições Marianas registradas no meu musical.

Os eventos que ocorreram em 1917 em uma pequena região de Portugal conhecida como Fátima foi um deles. Em janeiro, apenas essa história permaneceu, então *Fátima* – o musical foi criado. (O nome foi posteriormente alterado para O Milagre de Fátima.)

Por fim, em Sua visita em 40 d.C., Nossa Rainha de James fez um pedido para construir uma capela em Seu nome no chão onde ele estava. A capela foi

construída nas margens do Rio Ebro em Zaragoza, Espanha em 40 d.C. Foi o primeiro santuário erguido em homenagem à Virgem Maria manifestando-se como Nossa Senhora do Pilar.

Modelando Nossa Rainha

Agora, enquanto adapto o roteiro *Bendito seja o Seu Nome* que escrevi no ano 2000 para uma narrativa, pensei em todos os sacrifícios que Ela fez por Seus filhos. Eu me pergunto - eu desistiria do céu para trabalhar pela salvação de almas? Foi isso que Nossa Rainha fez, por toda a humanidade. Ela desistiu do Céu.

Penso nos vinte e cinco anos de trabalho e estudo dos eventos de Fátima de 1917 que resultaram no musical. Pensei na pequena Jacinta Marto (hoje Santa Jacinta) e no que ela fez dois anos depois que sua Bela Senhora do céu apareceu pela primeira vez a ela, seu irmão Francisco e sua prima Lúcia em 13 de maio de 1917.

No ano seguinte, ela e Francisco ficaram gravemente doentes com gripe espanhola, sofrendo por mais de um ano. Em 1919, no leito de morte de Francisco, sua Bela Senhora apareceu em seu quarto. Ela veio para carregá-lo em Seus braços para o céu. Ela sorriu amorosamente para Jacinta, dizendo à criança gravemente doente: " *Você pode vir agora também.*"

Jacinta perguntou solenemente: *“Mas se eu ficar, haverá mais sofrimento para mim?”* A Mãe de Deus, enquanto Nossa Senhora de Fátima assentiu e então contou à criança os detalhes do que ela enfrentaria se permanecesse na Terra.

“Sim, meu filho. Você terá que deixar sua família para tratamento em seu pulmão, você precisará de cirurgia, para a qual não haverá remédio para diminuir a dor, e você morrerá sozinho.”

Esta preciosa criança balançou a cabeça dizendo: *“Então eu ficarei, pois isso significaria que muito mais almas poderão ir para o céu.”*

Cada palavra transmitida a Jacinta naquele dia se tornou realidade. Dez meses depois, ela desenvolveu um abscesso no pulmão que exigiria cirurgia. Ela foi enviada para um orfanato em Lisboa. Ficava a sessenta milhas de sua casa, mas perto de um hospital. Por causa dos efeitos da guerra, a anestesia foi reservada para homens que serviram no exército e então eles drenaram o abscesso sem ela. Um procedimento muito doloroso.

Jacinta abriu mão do céu para que as almas dos outros pudessem colher o dom da vida eterna antes dela. Jacinta Marto tinha nove anos. Eu poderia ser tão corajosa, tão altruísta? Você poderia?

Em tão tenra idade, ela modelou Nossa Rainha em um ato de amor altruísta pela humanidade. Quão miseravelmente falho em tal.

Para encerrar, devo compartilhar com todos aqueles que lerão ou ouvirão a jornada de Nossa Amada nesta terra - você não precisa ter medo - Ela está com você - sempre. Você não está sozinho, Seus braços estão abertos para reunir você... todos vocês. Seu amor por nós é infinito. Clame a Ela e Ela o protegerá e guiará até Seu Filho. Ela manterá sua promessa que foi tão projetada por Deus quando Ele a criou. É a mesma promessa feita às crianças de Fátima em Sua visita de 13 de julho de 1917 - *"No final, meu coração imaculado triunfará!"*



Bárbara, de 48 anos, na estreia do musical *O Milagre de Fátima* em 2000. O espetáculo ficou em cartaz por apenas duas semanas e terminou em 10 de dezembro de 2000. Alguns dias depois, ela começou a escrever o guia para *Bem-aventurados em Seu Nome* e o terminou em 25 de dezembro.



Vinte e cinco anos depois, Barbara, aos 73 anos, continua a servir Nossa Mãe compartilhando sua história. Aqui vemos Barbara celebrando a conclusão da tradução para o francês do livro "Bendito Seja o Seu Nome". Um total de seis traduções foram concluídas no ano passado, e todas incluem audiolivros! Se você gostaria de uma tradução para o seu idioma e está disposto a ajudar na revisão e edição, envie um e-mail para Barbara em barbaraoleynick@themothereofgod.org.

Copyright 2025 ni Barbara Oleynick

As gravações dos audiolivros em todos os idiomas foram criadas e masterizadas na Elevenlabs por Barbara Oleynick.

A revisão e edição da tradução para o português foram feitas por Amanda da Costa Feitosa

Other works by Barbara Oleynick are available on the website: www.themotherofgod.org

Um agradecimento sincero a todas as mulheres que se juntaram a mim nesta missão para trazer a paz ao nosso mundo.

Marta Maszkiewicz – Polish

Amanda da Costa Feitosa – Portuguese

Elena Mpuku – Russian

Ranjeeta Bermudez – Tagalog

Claudia Gonzáles – Spanish

Emma-louise Colas – French

